

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Bárbara Terra Queiroz

2018

**QUALIDADE DO LUGAR** EM  
ABRIGO INSTITUCIONAL DA GRANDE VITÓRIA-ES:

*Casa de Acolhimento Provisório Infantil*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

QUALIDADE DO LUGAR EM ABRIGO INSTITUCIONAL DA GRANDE VITÓRIA-ES:  
Casa de Acolhimento Provisório infantil

BÁRBARA TERRA QUEIROZ

2018





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

QUALIDADE DO LUGAR EM ABRIGO INSTITUCIONAL DA GRANDE VITÓRIA-ES:  
Casa de Acolhimento Provisório infantil

BÁRBARA TERRA QUEIROZ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura. Linha de Pesquisa: Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

Rio de Janeiro  
Julho 2018

QUALIDADE DO LUGAR EM ABRIGO INSTITUCIONAL DA GRANDE VITÓRIA-ES:  
Casa de Acolhimento Provisório infantil

Bárbara Terra Queiroz

Orientadora: Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura. Linha de Pesquisa: Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

**Aprovada por:**



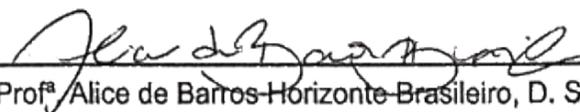
---

Prof<sup>a</sup>. Giselle Arteiro Nielsen Azevedo, D. Sc. (UFRJ)  
Orientadora



---

Prof<sup>a</sup>. Cristiane Rose Duarte, D. Sc. (UFRJ)



---

Prof<sup>a</sup>. Alice de Barros-Horizonte-Brasileiro, D. Sc. (UFRJ)

Rio de Janeiro  
Julho 2018

Queiroz, Bárbara Terra

Qualidade do lugar em Abrigo Institucional da Grande Vitória-ES:  
Casa de Acolhimento Provisório infantil / Bárbara Terra Queiroz. -- Rio de  
Janeiro: UFRJ/FAU, 2018.

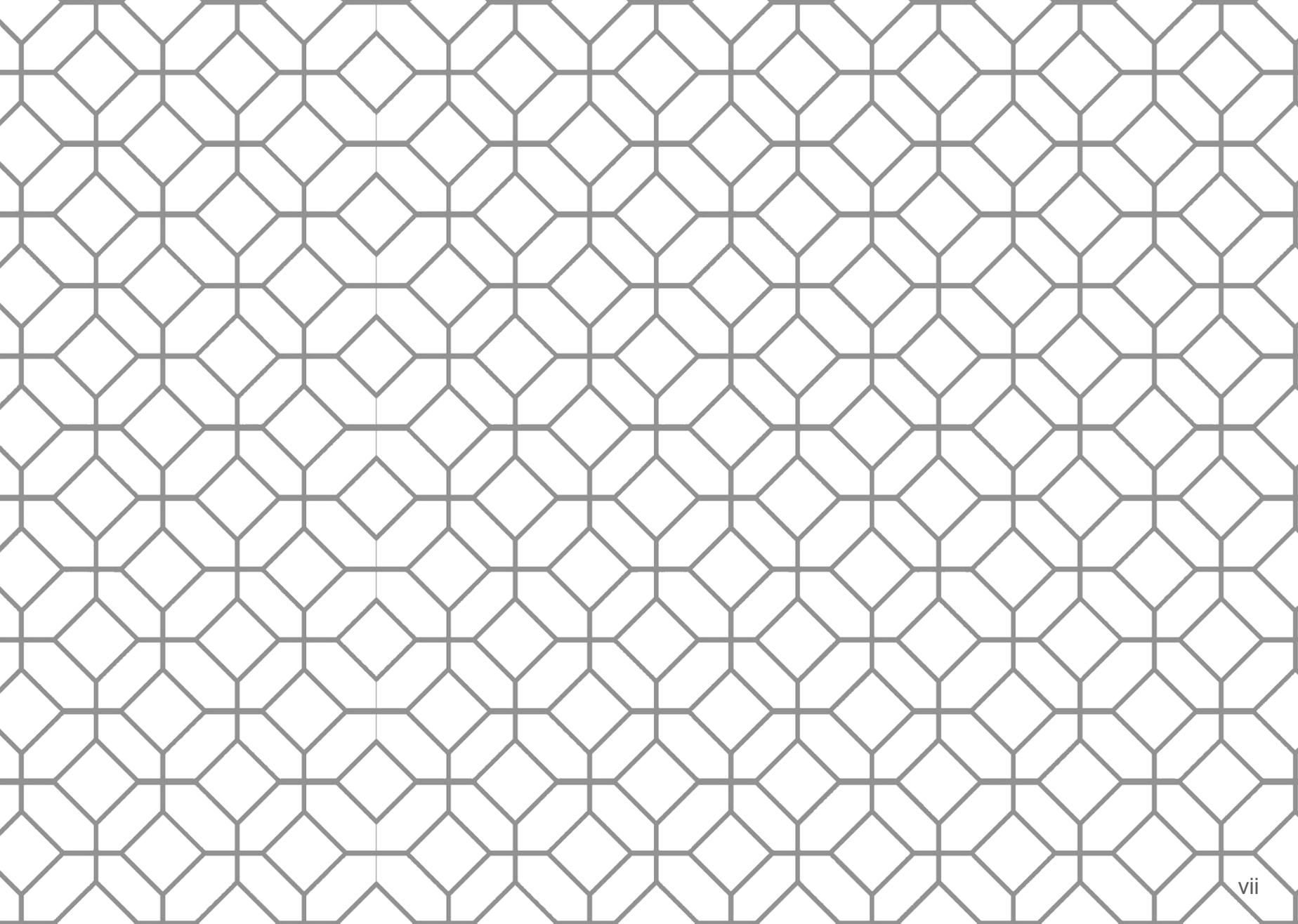
xxvii, 151 f.; il.; 17,5 cm.

Referências Bibliográficas: f. 182-192.

Orientadora: Giselle Arteiro Nielsen Azevedo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação  
em Arquitetura, 2018.

1. Abrigo Institucional. 2. Vulnerabilidade. 3. Qualidade do lugar.  
4. Relação ambiente-usuário. 5. Apropriação. I. Azevedo, Giselle Arteiro  
Nielsen. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura  
e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura III. Título.







[...] Nenhum mora na rua. Estão **escondidos em abrigos** espalhados por todo o país. Ninguém os conhece porque não incomodam. Não fazem rebeliões nem suplicam esmolas. **São personagens invisíveis de uma história jamais contada.**

(CORREIO BRAZILIENSE, 2003)

*Dedico este trabalho aos meus pais, Elizabeth e Paulo Cezar, que nunca pouparam esforços para o meu conhecimento...*



*...e a minha prima, Alessandra Terra, por todo incentivo e por  
fazer do seu lar minha morada.*



**“Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe.”**

(Clarice Lispector)

# Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a **Deus**, por ter me conduzido até este momento, me dando forças e sabedoria.

À **minha família**, por todo apoio e amor ao longo de todo o processo.

Ao meu amor, **Douglas Palaoro**, por todo o carinho, ajuda e compreensão em todos os momentos.

À minha orientadora, **Giselle Arteiro**, pela dedicação, aprendizado e ajuda ao longo de toda a pesquisa.

A **todos aqueles que participaram**, de alguma maneira, contribuindo para este trabalho.

*Muito Obrigada!*



“Não é  
o quanto  
fazemos  
mas quanto  
**AMOR**  
colocamos  
naquilo que  
fazemos.”

MADRE TEREZA

# Resumo

QUALIDADE DO LUGAR EM ABRIGO INSTITUCIONAL DA GRANDE VITÓRIA-ES: Casa de Acolhimento Provisório infantil

Bárbara Terra Queiroz

Orientadora: Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura.

A presente pesquisa tem como objetivo principal verificar como o ambiente construído dá suporte e contribui para as condições de acolhimento e apropriação de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade no Abrigo Institucional. O local destinado à moradia do ser humano constitui grande importância na vida das pessoas. No entanto, nem todos os indivíduos conseguem desfrutar de experiências e sensações positivas ao longo de sua vida, algumas crianças e adolescentes são privadas do seu convívio familiar, perdendo sua referência de lar, passando grande etapa de sua vida inserida em instituições de acolhimento. Na sociedade brasileira, milhares de crianças e adolescentes encontram-se afastadas de suas famílias e inseridas em Abrigos Institucionais. As crianças inseridas em abrigos trazem consigo experiências distintas, em sua grande maioria, experiências negativas, caracterizadas pela opressão e humilhação. A institucionalização obriga que os menores se adaptem a novas condições de moradia, pertencentes a um ambiente desconhecido, com espaços compartilhados com outras pessoas. Como estudo de caso, foi selecionado um abrigo localizado no estado do Espírito Santo, mais precisamente na região da Grande Vitória. Para a compreensão da relação ambiente-usuário, a metodologia adotada para essa pesquisa foi baseada na Avaliação Pós-Ocupação (APO), de modo a obter informações relativas ao uso da edificação, utilizando-se de métodos e técnicas pertinentes para a percepção e análise do espaço, tanto por seus usuários quanto pela pesquisadora.

Palavras-chave: Abrigo Institucional. Vulnerabilidade. Qualidade do lugar. Relação ambiente-usuário. Acolhimento. Apropriação.

Rio de Janeiro  
Julho 2018

QUALIDADE DO LUGAR EM ABRIGO INSTITUCIONAL DA GRANDE VITÓRIA-ES: Casa de Acolhimento Provisório infantil

Bárbara Terra Queiroz

Orientadora: Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

*Abstract* da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura.

The main objective of this study is to verify how the built environment supports and contributes to the reception and appropriation conditions of children and teenagers in vulnerable situations in Shelters Institutions. The place destined to the dwelling of the human being is of great importance in people's life. However, not all individuals are able to enjoy positive experiences and feelings throughout their lives, some children and teenagers are deprived of their family life, losing their home reference, spending a great part of their lives in foster care. In Brazilian society, thousands of children and adolescents are separated from their families and inserted in Institutional Shelters. Children in shelters bring with them different experiences, the great majority carries negative experiences characterized by oppression and humiliation. Institutionalization requires that minors adapt to new housing conditions, belonging to an unknown environment, with spaces shared with other people. As a case study, a shelter located in the state of Espírito Santo was selected, more precisely in the region of Greater Vitória. To understand the environment-user relationship, the methodology adopted for this research was based on the Post-Occupancy Assessment (APO), to obtain information regarding the use of the building, using methodology and techniques pertinent to the perception and analysis of space, both by its users and by the researcher.

Keywords: Institutional Shelter. Vulnerability. Environmental Quality. User-environment relationship. Welcome. Appropriation.

# Sumário

<b>I</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>30</b>
<b>01</b>	<b>INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES</b>	<b>38</b>
1.1	ORIGEM DAS INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO NO BRASIL	38
1.2	CONTEXTO ATUAL DO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES	44
1.2.1	Fatores para o acolhimento e Perfil das crianças e adolescentes abrigados	46
1.3	O ABRIGO INSTITUCIONAL	50
<b>02</b>	<b>A PROCURA DE UM LAR</b>	<b>60</b>
2.1	O LUGAR DE MORAR	60
2.2	A SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE E O LUGAR DE MORAR	64
2.3	RELAÇÃO USUÁRIO-AMBIENTE NO CONTEXTO DO ABRIGO INSTITUCIONAL	69
<b>03</b>	<b>MATERIAIS E MÉTODOS</b>	<b>82</b>
3.1	AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO	82

3.2 INSTRUMENTOS	84
3.2.1 Análise <i>Walkthrough</i>	86
3.2.2 Mapa Comportamental	87
3.2.3 Mapa Cognitivo	89
3.2.4 Seleção Visual	89
3.2.5 Entrevista	90

## **04 ESTUDO DE CASO** **94**

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO	94
4.1.1 Localização	94
4.1.2 A Edificação	95
4.1.3 Caracterização do Atendimento	99
4.1.4 Cotidiano no Abrigo	100
4.2 ANÁLISE <i>WALKTHROUGH</i>	101
4.3 ENTREVISTA	123
4.3.1 Avaliação da aplicação do instrumento	127
4.4 MAPA COGNITIVO	128
4.4.1 Avaliação da aplicação do instrumento	135

4.5	MAPA COMPORTAMENTAL	136
4.5.1	Avaliação da aplicação do instrumento	142
4.6	SELEÇÃO VISUAL	143
4.6.1	Avaliação da aplicação do instrumento	146
4.7	SÍNTESE DA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO	146
4.8	RECOMENDAÇÕES PARA O CAP INFANTIL	156

## **C**ONSIDERAÇÕES FINAIS **174**

## **R**EFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **182**

## **A**PÊNDICE **196**

## Lista de Figuras

N.º:

<b>01</b>	Roda utilizada no Brasil	39
<b>02</b>	Réplica da primeira Roda dos Expostos do Brasil	40
<b>03</b>	Superlotação nas Casa dos Expostos do séc. XVIII	41
<b>04</b>	Modelo da ficha de Inventário Ambiental	87
<b>05</b>	Demonstração de uma das Fichas de <i>Checklist</i>	87
<b>06</b>	Modelo da ficha do Mapa Comportamental	88
<b>07</b>	Modelo de uma das fichas do Mapa Cognitivo	89
<b>08</b>	Modelo da ficha de Seleção Visual	90
<b>09</b>	Planta Baixa do CAP infantil	96
<b>10</b>	Planta Baixa da edificação	97
<b>11</b>	Usos do CAP infantil	98
<b>12</b>	Fachada do CAP infantil	99
<b>13</b>	Ficha de <i>Checklist</i> - folha 1	104
<b>14</b>	Ficha de <i>Checklist</i> - folha 2	104
<b>15</b>	Ficha de <i>Checklist</i> - folha 3	105
<b>16</b>	Ficha de <i>Checklist</i> - folha 4	105
<b>17</b>	Ficha de <i>Checklist</i> - folha 5	105
<b>18</b>	Ficha de <i>Checklist</i> dos parâmetros instituídos	106

<b>19</b>	Planta Baixa com ambientes numerados para as fichas de inventário ambiental	109
<b>20</b>	Modelo de ficha de inventário ambiental preenchida	110
<b>21</b>	Antes e Depois do Pátio 1	111
<b>22</b>	Antes e Depois do Pátio 2	112
<b>23</b>	Antes e Depois do Quarto das meninas	112
<b>24</b>	Utilização da sala pelas crianças	122
<b>25</b>	Sala de brincar	122
<b>26</b>	Presença de colchão no chão	123
<b>27</b>	Desenvolvimento da atividade na sala	129
<b>28</b>	Momento de instrução da atividade	129
<b>29</b>	Brinde disponibilizado após o mapa cognitivo	130
<b>30</b>	Desenho produzido no Mapa Cognitivo	132
<b>31</b>	Desenho produzido no Mapa Cognitivo	133
<b>32</b>	Desenho produzido no Mapa Cognitivo	133
<b>33</b>	Desenho produzido no Mapa Cognitivo	134
<b>34</b>	Desenho produzido no Mapa Cognitivo	135
<b>35</b>	Piso existente na garagem	135
<b>36</b>	Ficha de Mapa Comportamental	138
<b>37</b>	Ficha de Mapa Comportamental	140
<b>38</b>	Utilização da área externa pelas crianças	141

<b>39</b>	Utilização da mureta da área externa	142
<b>40</b>	Ficha de Seleção Visual	144
<b>41</b>	Espaço do refeitório incompatível com a demanda	150
<b>42</b>	Problemas encontrados nos quartos do abrigo	151
<b>43</b>	Recomendações para a varanda	158
<b>44</b>	Recomendações para a garagem e o pátio 1	159
<b>45</b>	Recomendações para o pátio 2	160
<b>46</b>	Recomendações para a sala de TV	161
<b>47</b>	Recomendações para o refeitório	162
<b>48</b>	Recomendações para a sala de brincar	163
<b>49</b>	Recomendações para a circulação	164
<b>50</b>	Recomendações para o quarto dos meninos e o quarto das meninas	165
<b>51</b>	Recomendações para o berçário	166
<b>52</b>	Recomendações para o banheiro infantil	167
<b>53</b>	Recomendações para a cozinha e a área de serviço	168
<b>54</b>	Recomendações para a sala da coordenação e a sala de apoio	169
<b>55</b>	Recomendações para o terreno vazio e a área restrita	170

## Lista de Gráficos

N.º:

<b>01</b>	Principais motivos do acolhimento de crianças e adolescentes em abrigos	47
<b>02</b>	Distribuição de abrigos por região	48
<b>03</b>	Proporção de abrigados, segundo raça/cor	49
<b>04</b>	Atendimento por faixa etária na região Sudeste	49
<b>05</b>	Proporção de abrigados, segundo situação familiar	49
<b>06</b>	Resultado geral do <i>Checklist</i>	106
<b>07</b>	Resultado apresentado no Mapa Cognitivo	131
<b>08</b>	Incidência de elementos representados nos desenhos	131
<b>09</b>	Índice de respostas de meninas e meninos	132
<b>10</b>	Resultado apresentado no Mapa Cognitivo	133
<b>11</b>	Resultado da Seleção Visual	145

## Lista de Quadros

N.º:

<b>01</b>	Infraestrutura e espaços mínimos sugeridos para o Abrigo Institucional	52
<b>02</b>	Resumo das avaliações do <i>Checklist</i>	107
<b>03</b>	Avaliação dos ambientes do CAP infantil	113

## Lista de Siglas

**APO** - Avaliação Pós-Ocupação

**CAP** - Casa de Acolhimento Provisório

**CONANDA** - Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

**CNAS** - Conselho Nacional de Assistência Social

**CNMP** - Conselho Nacional do Ministério Público

**ECA** - Estatuto da Criança e do Adolescente

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IPEA** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

**NECA** - Associação de Pesquisadores dos Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente

**RMGV** - Região Metropolitana da Grande Vitória

# Apresentação

Crianças sempre constituíram meu “ponto mais fraco”, me comoveram e me instigaram a compreender melhor seu universo tão particular. É na infância que enxergo o momento de maior pureza, o de satisfação em pequenas coisas e de espontaneidade em cada gesto e sorriso. Desde a graduação meu maior prazer foi estudar e desenvolver espaços para crianças, por isso, sabia que o tema do meu trabalho de conclusão de curso estaria envolvido com algo relacionado ao público infantil. Assim, procurei escolher um assunto que fosse diferenciado, que me instigasse e desse prazer. O conhecimento sobre a existência de abrigos surgiu após muitas pesquisas e conversas, sendo, no final, a melhor escolha que eu poderia ter feito. Através do estudo conheci um mundo novo, conheci pessoas novas, conheci realidades diferentes e me conheci melhor como pessoa, como arquiteta e pesquisadora. Ao longo do processo eu chorei, eu sorri, eu brinquei, mas, o mais importante de tudo, percebi que através do meu trabalho, e da arquitetura, eu poderia contribuir para possíveis melhorias na vida de várias crianças. Após a conclusão da graduação, enxerguei a necessidade de obter mais informações sobre o tema, precisava realizar uma pesquisa mais aprofundada e gostaria de contribuir com um conteúdo mais significativo. Embora com visões diferentes, minhas pesquisas sempre enfatizaram o lado humano, a necessidade de olhar para o próximo, de parar e perceber

que estamos cercados de espaços e situações que desconhecemos. Em toda essa trajetória, as visitas às instituições de acolhimento nunca foram simples, elas não são simplesmente uma passagem rápida pelo local, é um momento delicado, de reflexão; momento de olhar para um ser indefeso e saber que ele já passou por situações constrangedoras e muitas vezes, cercadas pela violência doméstica. Cada visita e cada instituição visitada é um aprendizado e fonte de amadurecimento. Com a elaboração dessa pesquisa tenho a expectativa de contribuir para a compreensão do que são esses espaços destinados ao acolhimento de crianças e adolescentes e de que forma a arquitetura pode constituir um fator importante para incrementar a qualidade do lugar dessas instituições.

Bárbara Terra Queiroz





Introdução

## INTRODUÇÃO

O local onde moramos tem bastante importância em nossa vida. O significado de uma casa pode ser associado a um lugar de proteção, o ambiente no qual é possível se estabelecer e desfrutar do convívio familiar, o espaço em que se consegue ser acolhido e amparado. Ter a sua morada é conceder significados individuais, decidir quem tem acesso, modificá-lo conforme sua preferência, é, portanto, nada mais do que ser proprietário e administrador do seu próprio espaço.

Desde a infância atribuímos sentimentos aos locais que vivenciamos. Através da memória nos permitimos recordar os espaços que experienciamos, onde tivemos afeto e fomos bem acolhidos. Nossas lembranças da infância nos remetem aos locais que foram marcantes - a escola onde estudamos, aquela casa na qual moramos ou então a casa de nossos avós e parentes próximos. No entanto, nem todas as pessoas conseguem desfrutar da mesma experiência e sensação, algumas crianças são privadas do seu

convívio familiar, perdendo sua referência de lar, passando grande etapa de sua vida inserida em instituições de acolhimento.

Os lugares destinados a atender crianças e adolescentes<sup>1</sup> desamparados e/ou negligenciados constituem uma realidade bastante presente ao longo da história da sociedade. Criado como um mecanismo para oferecer cuidados básicos e disponibilizar condições de moradia, tais espaços nunca deixaram de existir, possuindo apenas seu nome alterado. Denominados como orfanatos, casa dos expostos, asilos, educandários e colégios internos, hoje são conhecidos como abrigos, ou então, instituições de acolhimento (OLIVEIRA, 2010). Segundo Marcílio (1998), a institucionalização sempre esteve presente, variando apenas os motivos, causas e circunstâncias que levam à concretização do fato e a sua aceitação.

No Brasil, 47 mil menores de idade encontram-se afastados de seu convívio familiar e inseridos em

---

1 Considera-se criança a pessoa com até onze anos de idade e adolescente a pessoa entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 1990).

instituições de acolhimento (NEVES; ANGELO, 2017). Dentre os inúmeros motivos que levam ao encaminhamento destes inexperientes indivíduos aos serviços de acolhimento, destacam-se como as principais causas: a negligência dos pais e/ou responsáveis, o abandono; a pobreza das famílias; a dependência química; o abuso sexual; a violência doméstica; a vivência de rua; a orfandade; entre outros (CNMP, 2013).

As crianças inseridas em abrigos trazem consigo experiências distintas e, em sua grande maioria, experiências negativas, caracterizadas pela opressão e humilhação. Quando inseridos em uma instituição de acolhimento, estes indivíduos sentem-se inseguros, já que “o sistema de abrigo provoca uma ruptura de laços e lugares conhecidos que, muitas vezes, deixaram marcas doloridas de sofrimento e solidão” (GUARÁ, 2010, p.61). A institucionalização obriga que crianças e adolescentes se adaptem a novas condições de moradia, pertencentes a um ambiente desconhecido, com espaços compartilhados com outras crianças e o convívio familiar restringido, ou até mesmo rompido.

Os espaços destinados aos abrigos, muitas vezes, são desconhecidos pela população. Grande parcela das edificações destinadas a este tipo de uso são construções já existentes, que sofreram adaptações para seu funcionamento, sendo constantemente, desprezadas características fundamentais que influenciam diretamente na relação ambiente-usuário.

Conforme Del Rio et al. (2002) as intervenções realizadas nos ambientes devem ser executadas de maneira adequada, uma vez que podem influenciar a qualidade de vida de gerações de pessoas. O ambiente construído tem o potencial de provocar respostas sensoriais imprevisíveis nos usuários, podendo atingir o estado emocional e psicológico do indivíduo. Assim, os estímulos ambientais têm a capacidade de promoverem respostas afetivas que inter-relacionam o ambiente inserido com a saúde mental e o seu valor recuperativo.

Cabe lembrar que a infância e a adolescência são importantes períodos de desenvolvimento e de construção do sujeito. Portanto, a qualidade dos cuidados nessa fase da vida, relacionada aos

aspectos físicos e afetivo-social, proporcionam o crescimento e amadurecimento sadio. O ambiente habitacional torna-se um elemento significativo na vida de seus moradores, assegurando sensação de acolhimento, bem-estar e segurança (PIAGET; INHELDER, 1999; RAPPAPORT, 1981).

No caso das pessoas em situação de vulnerabilidade, o ambiente construído tem ainda mais significado, uma vez que, pode assegurar condições de conforto, tanto nos aspectos físicos quanto no psicológico. A arquitetura desempenha a capacidade de exercer função mediadora entre os sentimentos e o espaço, considerando que “o ambiente construído [...] tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade” (TUAN, 1983, p.119).

Embora existam diferentes tipos de instituições que abrigam crianças e adolescentes no Brasil - Abrigos Institucionais, Casas Lares, Famílias Acolhedoras e Repúblicas - o recorte deste trabalho contempla apenas os Abrigos Institucionais, uma vez que estes caracterizam-se por acolherem crianças e adolescentes afastadas de seu convívio familiar

através de medida protetiva, oferecendo-lhes acolhimento provisório em um espaço semelhante à estrutura de uma residência privada (CONANDA; CNAS, 2009). No que condiz às exigências da infraestrutura e dos espaços mínimos sugeridos para essas instituições, são superficiais, considerando apenas recomendações quanto a aspectos quantitativos, como por exemplo, dimensionamento dos espaços e número de ocupantes, desconsiderando características qualitativas do ambiente, deixando a qualidade do lugar e a humanização como medidas secundárias.

Nesse contexto, a principal inquietação dessa pesquisa se detém em responder ao seguinte questionamento: **como a arquitetura pode contribuir para tornar o Abrigo Institucional um Lugar de acolhimento e apropriação para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade?**

Amoradia nessas instituições assume um lugar central na vida de crianças e adolescentes abrigados; este é o único lugar, mesmo que momentâneo, que estes indivíduos possuem. As crianças e adolescentes

inseridos em instituições buscam um lar, um local que lhes proporcione suporte, que amenize seus medos e angústias e lhes ofereçam segurança, satisfação e possibilidades de apropriação e identificação com o lugar. No entanto, “suas necessidades, suas expectativas e seus desejos passam pelo crivo interpretativo daqueles que os subjulgam” (LIMA, 1989, p. 10); a opinião de crianças e adolescentes, em muitas situações, é ignorada, sendo as escolhas realizadas definidas pelos adultos conforme o seu ponto de vista e a sua interpretação.

De acordo com Lima (1989), a criança é o segmento mais fraco de todos os dominados, por isso é importante compreender quais espaços são oferecidos a estes indivíduos, e como eles percebem, captam e utilizam esses espaços. Cada criança possui suas particularidades, tendo culturas, vivências e grupos sociais distintos, razão pela qual “é impossível tratar dos relatos de crianças pensando que todos eles são da mesma natureza” (DEMARTINI, 2009, p. 5), diante disso o contato com cada criança é fundamental para o resultado da pesquisa.

A partir desse viés e das informações disponibilizadas sobre os espaços destinados ao acolhimento, esta pesquisa tem por objetivo central **verificar como o ambiente construído dá suporte e contribui para as condições de acolhimento e apropriação no Abrigo Institucional para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.**

Os objetivos específicos deste trabalho são: **(1)** verificar a adequação dos espaços arquitetônicos oferecidos pelo Abrigo Institucional à função que se destinam; **(2)** verificar como ocorrem os processos de acolhimento e apropriação na instituição de acolhimento; **(3)** indicar diretrizes e recomendações para a melhoria da qualidade do lugar do Abrigo Institucional, considerando o espaço como um mecanismo de conforto para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Na busca pela compreensão da relação ambiente-usuário estabelecida nos espaços de Abrigo Institucional, a metodologia adotada para essa pesquisa é baseada na Avaliação Pós-Ocupação (APO). Tal metodologia se caracteriza como uma

investigação multidisciplinar, que valoriza os usuários do espaço, sua percepção ambiental, valores e necessidades para avaliar o desempenho do ambiente, contribuindo para fornecer subsídios para possíveis intervenções no espaço construído. A escolha dos instrumentos de pesquisa buscou aqueles que possibilitem identificar as questões centrais dessa pesquisa - o acolhimento e a apropriação nos Abrigos Institucionais.

Como forma de embasamento teórico para este estudo foi realizada pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Na pesquisa bibliográfica utilizou-se do auxílio de livros, artigos, cartilhas normativas e elementos textuais. Na pesquisa documental, foram realizadas consultas na Prefeitura Municipal responsável e em órgãos jurídicos, com a intenção de buscar e coletar dados para a elaboração do trabalho.

Estudos de vários autores foram utilizados para a conceituação da presente pesquisa, destacam-se a contribuição de Marcílio e Rizzini no histórico do menor abandonado, Piaget e Vygotsky no estudo da criança,

Azevedo e Lima na análise e uso do espaço infantil e Tuan, Pol e Sommer na relação estabelecida entre pessoa-ambiente. Ainda, em relação aos materiais e métodos empregados no trabalho, enfatiza-se os estudos direcionados à Avaliação Pós-Ocupação, através de uma abordagem multimétodos, difundidos por Elali, Günther, Ornstein, Rheingantz e demais pesquisadores.

Em relação à pesquisa bibliográfica, houve uma grande dificuldade na coleta de referencial teórico relativo à arquitetura das instituições de acolhimento para crianças e adolescentes, possuindo poucos trabalhos nessa área. A maioria do material encontrado é referente às áreas da Saúde e das Ciências Humanas, com destaque para trabalhos da Psicologia e da Assistência Social. Deste modo, com esta pesquisa pretende-se preencher uma lacuna, contribuindo para o desenvolvimento de novas pesquisas e projetos futuros relacionados à qualidade arquitetônica desses ambientes.

Ao considerar as condições que encaminharam cada criança e adolescente ao abrigo, juntamente com

a necessidade de se resguardar e não divulgar o paradeiro de cada uma delas, devido a casos com situações de extremo sigilo, neste trabalho, conforme solicitação dos responsáveis pelo abrigo, não serão divulgadas quaisquer informações que identifique e/ou caracterize a localização da instituição pesquisada. Através dessa medida pretende-se manter o anonimato, sendo as informações compartilhadas o mínimo específicas possíveis.

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos. O Capítulo I apresenta uma síntese do processo histórico do acolhimento de crianças e adolescentes no Brasil, além de contextualizar a situação atual das instituições de acolhimento e incluir uma análise dos ambientes que compõem o Abrigo Institucional.

O Capítulo II se reporta ao referencial teórico da pesquisa, com a apresentação dos condicionantes relevantes para o acolhimento e a apropriação do espaço institucional. Assim, são definidos os conceitos de moradia, a influência da vulnerabilidade na relação com o lugar e finalmente as condições

que levam a concretização da apropriação espacial. Através desse capítulo é possível se constatar a importância da relação pessoa-ambiente para indivíduos inseridos em Abrigo Institucional.

O Capítulo III se refere aos materiais e métodos selecionados para o desenvolvimento deste trabalho, para tanto, apresenta-se como metodologia a Avaliação Pós-Ocupação, através de uma abordagem multimétodos. Buscou-se através da metodologia adotada e dos instrumentos escolhidos, juntamente com o embasamento teórico, alcançar os objetivos propostos desta pesquisa.

O Capítulo IV expõe informações relativas ao Abrigo Institucional selecionado para o estudo de caso, assim como informações relacionadas a aplicação dos instrumentos de Avaliação Pós-Ocupação. Ao final são apresentados os resultados obtidos com a aplicação dos instrumentos e, posteriormente, as recomendações necessárias para a otimização dos usos e dos espaços analisados.



CAPÍTULO

01

*[Instituições de acolhimento para crianças e adolescentes]*

## 1 INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

### 1.1 ORIGEM DAS INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO NO BRASIL

A história da política de atendimento de crianças e adolescentes em situação de negligência, no Brasil e no mundo, vem sofrendo diversas transformações no decorrer dos anos. Segundo Marcílio (1998), a institucionalização de crianças é um ato existente em todos os tempos, variando apenas os motivos, as causas e as circunstâncias que levam a concretização do fato e sua aceitação.

Os primeiros indícios históricos referentes à assistência de crianças desvalidas no Brasil encontram-se no período colonial. Os europeus foram os responsáveis por introduzirem a prática do abandono infantil na América, contexto comum existente na Europa desde a época medieval até meados do séc. XIX. Em detrimento da situação de pobreza, exploração e dogmas difundidos pela Igreja

Católica, na colônia brasileira os filhos nascidos devido a adultérios e/ou reprodução excessiva estavam fadados ao abandono, quando não ao infanticídio (MARCÍLIO, 1998).

A assistência à infância no Brasil estava sujeita a determinações de Portugal, portanto, as crianças órfãs e/ou abandonadas quando nem os pais e nem parentes exerciam responsabilidades, era obrigação das Câmaras Municipais cuidar dos menores rejeitados. Entretanto, as Câmaras Municipais eram omissas e inadimplentes, manifestando falta de interesse e assistência às crianças expostas. Assim, entregavam as crianças a amas-de-leite, limitando-se a pagar baixos valores e atribuindo-as a função de alimentação e criação dos indivíduos até os três anos de idade (MARCÍLIO, 1998).

Outra forma de assistência existente nesse período estava associada a uma condição informal, a qual famílias e indivíduos recolhiam os recém-nascidos abandonados e se responsabilizavam pela criação destas crianças, caracterizando a prática da adoção e intitulando os chamados “filhos de criação”.

Segundo Marcílio (1998), muitas dessas aceitações de enjeitados era consequência de valores religiosos difundidos pela igreja, na qual a prática da caridade, compaixão e piedade eram altamente valorizadas. No entanto, nem todas as crianças acolhidas recebiam bons tratamentos, muitas eram utilizadas como mão-de-obra gratuita, possibilitando vantagens econômicas aos senhores responsáveis.

As primeiras instituições organizadas para o atendimento de menores enjeitados eram de responsabilidade das Santas Casas de Misericórdias, inicialmente com atendimento realizado através de convênio com as Câmaras Municipais e posteriormente passando a ser obrigatório o cuidado com a infância desvalida.

A assistência institucionalizada ao menor abandonado, até meados do século XIX, esteve associada quase exclusivamente às Misericórdias. O seu sentido era então o da caridade cristã, ligadas as chamadas obras de misericórdia, sendo uma ação organizada de leigos da irmandade. (MARCÍLIO, 1998, p. 144)

As instituições administradas pelas Misericórdias recebiam o nome de Casa dos Expostos, mas também conhecidas como Depósito dos Expostos e Casa da Roda, eram instituições essencialmente urbanas.

Devido a grandes incidências de crianças deixadas nas portas de residências e em átrios das igrejas, e por vezes devoradas por animais, a Santa Casa de Misericórdia introduziu, no século XVIII, o sistema da Roda no Brasil (Figura 1), sendo Salvador, Rio de Janeiro e Recife as três primeiras localidades a receberem o instrumento (RIZZINI; PILOTTI, 2011).



Figura 1: Roda utilizada no Brasil  
Fonte: NECA (2010)

A Roda consistia em um cilindro giratório que protegia os bebês abandonados. Ela encontrava-se inserida na fachada das edificações da Misericórdia (Figura 2), ocupando o vão de uma janela, porém com mecanismo giratório que permitia a entrada dos recém-nascidos para dentro do estabelecimento, de modo a resguardar a identidade da pessoa que os depositava no local, escondendo a origem da criança e preservando a honra das famílias.



Figura 2: Réplica da primeira Roda dos Expostos do Brasil  
Fonte: <http://g1.globo.com>, acessado em 08 de mar 2017

Marcílio (1998) relata que uma vez a criança inserida na roda todos os laços eram cortados, não havendo nenhum programa de assistência a fim de preservar os vínculos e/ou reestabelecer um possível retorno ao convívio familiar.

Muitas das instituições disponibilizadas para o atendimento de crianças se encontravam com instalações em condições impróprias, os espaços eram pequenos para o atendimento da demanda existente e a ventilação e iluminação insuficientes (MARCÍLIO, 1998). Em virtude destes problemas eram frequentes as mudanças de local, tendo em vista acomodar melhor o crescente número de usuários e proporcionar melhores condições de salubridade do ambiente (RIZZINI; PILOTTI, 2011).

Segundo Rizzini e Pilotti (2011), a assistência prestada pela Casa dos Expostos durava até o atingimento de sete anos de idade. A partir de então, a criança ficava à espera de uma ordem judicial a qual definiria seu destino, porém, devido ao elevado número de crianças e as condições inadequadas de habitação, o índice de mortalidade na Casa dos

Expostos era altamente elevado (Figura 3). Quando analisada a qualidade dos espaços destinados à moradia, Marcílio (1998) relata que

Certamente foram insuficientes para socorrer a infância abandonada [...] Todas funcionaram precariamente, com pouca verba e na maioria dos casos em prédios improvisados, acanhados, insalubres, sem móveis, berço, água encanada, esgoto, luz e ventilação. (MARCÍLIO, 1998, p. 164)



Figura 3: Superlotação nas Casa dos Expostos do séc. XVIII  
Fonte: NECA (2010)

A alta mortalidade dos expostos inseridos nas instituições provocou o questionamento não só da qualidade dos espaços, mas também do sistema como política assistencial. Em suma, foi percebido que se tratava de uma política desumana, pois, os desamparados eram recolhidos das ruas para que não morressem abandonados, porém, acabavam morrendo nas instituições, sendo os resultados contrários ao objetivo proposto (PRINCESWAL, 2013).

Até metade do século XIX, a maioria das instituições existentes era mantida por ordens religiosas, afastadas da comunidade, que em sua maioria não recebiam verbas governamentais e “escondiam” as crianças para não incomodar à sociedade, apenas servi-la. O regime de funcionamento das instituições seguia o modelo do claustro e da vida religiosa (DIAS; DA SILVA, 2012).

A partir do final do século XIX as ações filantrópicas começaram a ganhar força e o sentido de caridade passou a ser duramente questionado. Os avanços científicos ocorridos na época permitiram a propagação da ideia de que a “[...] preocupação com

as crianças abandonadas não deveria se restringir ao “espírito do ser humano” e à “salvação de sua alma”, mas devia também ser ampliada para o cuidado de seus corpos” (PRINCESWAL, 2013, p. 25).

Com o início do século XX, a realidade vivenciada começou a ser alterada. Algumas instituições introduziram propostas educacionais e profissionalizantes. As obras filantrópicas destinadas às crianças avançaram, assim como também a intervenção dos higienistas nos ambientes em que os menores encontravam-se inseridos. As instituições não mais eram regidas por ordens religiosas, e sim por intervenção do Estado.

Nos primeiros anos da década de 1920 o Estado iniciou as primeiras tentativas de organizar a assistência destinada à infância, estabelecendo uma relação entre o setor público e o privado, o qual prosseguiu ao longo dos anos, porém, marcado por corrupções (RIZZINI; PILOTTI, 2011). No decorrer do tempo e almejando a solução de problemas, principalmente os vinculados à pobreza, surgem as primeiras instituições para proteção e confinamento dos menores desfavorecidos e inadimplentes.

A criação do Serviço de Assistência a Menores (SAM), em 1941, foi pensado para organizar e orientar os serviços de assistência, proporcionando um atendimento assistencial adequado. No entanto, este se configurou em um serviço de repressão, no qual os menores internados estavam sujeitos a maus tratos, caracterizando-se mais em uma ameaça a seus usuários do que proteção. Assim, no final da década de 1950, o órgão adquiriu representações negativas, reconhecido como “Escola do crime”, “Fábrica de criminosos” e “SAM - Sem Amor ao Menor” (RIZZINI; PILOTTI, 2011).

Segundo Rizzini e Pilotti (2011), as condições de atendimentos precários e opressores prestados aos necessitados perpetuaram por um bom tempo. Com a ditadura no Brasil, a partir de 1964, as questões assistenciais passaram a ser de competência do governo militar. Tais responsáveis visualizavam o menor como um problema social e de ameaça para a segurança nacional, sendo de sua obrigação a intervenção e normalização. Para tanto, foram criadas a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) e a Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBEM), nas quais as medidas empregadas

mantiveram e aprimoraram o modelo repressivo e carcerário já existente.

De acordo com Savi (2008), tais instituições seguiam o princípio da institucionalização, no qual os indivíduos são inseridos em edificações afastadas e excluídos do convívio social e comunitário. Estes locais reúnem, em um só espaço, os delinquentes, abandonados e as vítimas de maus-tratos, considerando que em ambas as situações os indivíduos encontram-se na mesma condição, portanto, julgados a partir da mesma perspectiva de irregularidade social.

Na década de 1980, a história da institucionalização infantil e juvenil toma outros rumos. A cultura institucional presente no Brasil por tanto tempo começa a ser claramente questionada (RIZZINI; RIZZINI, 2004). A revisão do Código de Menores de 1927 permite a visibilidade da sociedade perante às condições impostas às crianças e os adolescentes.

[...] A noção de irregularidade começou a ser duramente questionada na medida em que as informações sobre a problemática da infância e da adolescência passaram a se produzir e a circular com mais intensidade. (RIZZINI; PILOTTI, 2011, p.28)

Diante da realidade exposta e com a participação popular na luta pela garantia dos direitos da criança e do adolescente em situação de pobreza e marginalidade social, esse movimento culminou no desenvolvimento do artigo 227 da Constituição de 1988, o qual diz que

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, Art. 227)

A partir da Constituição de 1988, as crianças e adolescentes foram reconhecidos como sujeitos de direitos, o que foi assegurado através da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990.

O ECA propiciou um avanço significativo no estabelecimento de direitos e deveres relacionados à criança e ao adolescente, assim como também no encaminhamento para o serviço de acolhimento, que

passou a ser configurado como ação protetiva, de cunho excepcional e provisório que visa à reintegração familiar e a inserção na sociedade (ECA, Art.101).

Segundo Fuscaldi (2004), o estabelecimento do ECA colaborou para transformações eficazes no que se refere às instituições de assistência e a sua estrutura como um todo, partindo não de uma visão assistencialista, mas configurando-se em espaços de desenvolvimento e socialização.

## 1.2 CONTEXTO ATUAL DO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A implantação do ECA proporcionou uma mudança de paradigmas, contribuindo para progressos no sistema de atendimento à criança e ao adolescente. Tais mudanças partiram não apenas em relação aos direitos como indivíduos, mas também em relação as características assistencialistas, principalmente relacionadas ao abrigo. O que antes era configurado como um favor, passou a ser uma obrigação do Estado.

Com a promulgação do ECA, as instituições, anteriormente conhecidas como orfanatos, casa dos expostos, asilos, educandários ou colégios internos, passaram a ser denominadas abrigos (OLIVEIRA, 2010). Estes locais de acolhimento caracterizam-se por receberem crianças e adolescentes com distintos e múltiplos problemas sociais, variando desde a orfandade até o afastamento do convívio familiar como medida protetiva devido a decisões judiciais. Esta nova realidade rompe com um passado no qual o afastamento da vida comunitária e familiar era comum, neste momento a integração social se torna primordial.

Deste modo, é importante ressaltar que para as crianças e adolescentes que se encontram afastadas do convívio familiar é fundamental preservar os vínculos fraternos e de parentesco, pois, estes podem contribuir para a formação de sua identidade, preservação de sua história e sua referência familiar. Portanto, é imprescindível que os serviços de acolhimento possam oferecer condições que possibilitem o atendimento conjunto a grupos de irmãos ou de crianças e adolescentes com outros

vínculos de parentesco, possibilitando o atendimento a faixas etárias e sexos distintos (CONANDA; CNAS, 2009).

Tendo como objetivo estabelecer padronização e definir parâmetros referentes ao acolhimento institucional, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA)<sup>2</sup> e o Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) instituiu em 2009 regulamentações que visam resguardar os serviços oferecidos nas instituições de acolhimento, assim como as questões referentes às condições de infraestrutura disponibilizadas.

Existem diferentes tipos de instituições que abrigam crianças e adolescentes no Brasil. Segundo as Orientações Técnicas do CONANDA e CNAS (2009), quando constatado a necessidade do encaminhamento para o abrigo, este pode ser ofertado em diferentes serviços de acolhimento disponíveis:

---

2 Conselho concebido através do ECA que visa impulsionar a implantação do estatuto e garantir, através de parâmetros de funcionamento e ações, os direitos das crianças e adolescentes perante as instituições.

Abrigos Institucionais; Casas Lares; Famílias Acolhedoras; e Repúblicas. Embora o objetivo deste trabalho contemple apenas os Abrigos Institucionais, a seguir serão apresentadas resumidamente as características de cada um.

Os Abrigos Institucionais são locais que oferecem acolhimento provisório a crianças e adolescentes de 0 a 18 anos afastados de seu convívio familiar através de medidas protetivas. É recomendado que a edificação disponibilize infraestrutura adequada para receber até vinte crianças e/ou adolescentes e que esteja inserida em uma área residencial, onde seja possível estabelecer vínculos com a comunidade e fazer utilização de equipamentos e serviços públicos (CONANDA; CNAS, 2009).

As Casas-Lares muito se assemelham aos Abrigos Institucionais, entretanto, diferenciam-se devido a pelo menos um educador/cuidador ser residente da instituição, ou seja, morar no local. O número de crianças e adolescentes estabelecidas para este tipo de serviço é de até dez usuários (CONANDA; CNAS, 2009).

As Famílias Acolhedoras são serviços oferecidos para famílias cadastradas no programa, que tenham disponibilidade e interesse de acolher crianças e adolescentes temporariamente em sua residência, sendo o período de acolhimento determinado conforme decisão judicial. Cada família deverá acolher apenas uma criança/adolescente por vez, exceto em casos relacionados a irmãos (CONANDA; CNAS, 2009).

As Repúblicas são serviços de acolhimento que oferecem apoio e moradia a grupos de jovens, entre 18 e 21 anos, que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social. As repúblicas devem ser separadas por sexo e conter no máximo seis usuários por equipamento. Os moradores são acompanhados e avaliados por profissionais competentes, a fim de dar suporte necessário (CONANDA; CNAS, 2009).

A Casa de Passagem é outra modalidade de acolhimento existente, no entanto, ela não se encontra citada nas orientações técnicas, mas, está presente no Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência

Familiar e Comunitária. Este tipo de instituição se diferencia das demais por propor acolhimento de curtíssima duração. É o local em que se realiza o diagnóstico das circunstâncias e analisa a situação antes de se efetivar o acolhimento, podendo evitá-lo e propor outros caminhos. Seu funcionamento ocorre no modo de 24 horas e seus funcionários devem ser altamente qualificados, dada a extrema complexidade dos atendimentos que são realizados (BRASIL, 2006).

### **1.2.1 Fatores para o acolhimento e Perfil das crianças e adolescentes abrigados**

De acordo com informações disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através do Censo de 2010, a quantidade de habitantes no Brasil ultrapassa os 190 milhões de pessoas, aproximadamente 33% deste valor é constituída por crianças e adolescentes. Desta população infantojuvenil, 45 mil encontram-se em condição de abrigo, caracterizando uma média aproximada de a cada mil jovens um está inserido em instituições de acolhimento, valor ainda alto e preocupante para os dias atuais (NEVES; ANGELO, 2017).

A situação de pobreza e, conseqüentemente, a dificuldade para a criação de filhos sempre foi causa presente no encaminhamento de crianças e adolescentes à instituições de acolhimento (RIZZINI; RIZZINI, 2004). A desigualdade social e a carência de recursos no cotidiano familiar levam inúmeras crianças e adolescentes às condições protetivas.

Dentre os principais motivos que conduzem ao acolhimento institucional (Gráfico 1), destacam-se: a dependência química e o alcoolismo dos responsáveis; a negligência dos pais ou responsáveis; o abandono; a violência doméstica e o abuso sexual praticado pelos pais e/ou responsáveis (CNMP, 2013).



Gráfico 1: Principais motivos do acolhimento de crianças e adolescentes em abrigos  
Fonte: CNMP (2013), adaptado pela autora

Em geral, os motivos apresentados demonstram precariedade de políticas públicas destinadas a uma grande demanda da população. A implantação de políticas eficazes destinadas à habitação, à educação, à saúde e ao trabalho auxiliariam na permanência de uma grande parcela de crianças e adolescentes em seus convívios familiares. Neste caso, não são apenas crianças abandonadas, mas sim famílias abandonadas (OLIVEIRA, 2010).

No Brasil, a assistência fornecida por unidades de acolhimento totalizam 2.754 unidades, sendo a maior demanda de atendimento pertencente à região Sudeste (Gráfico 2), condizendo com a grande massa populacional existente nessa região.

Em respeito à diversidade social, a não discriminação e a garantia de acesso, os abrigos institucionais têm como função atender a todas e quaisquer crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade quando constatada a necessidade do afastamento familiar provisório, não distinguindo etnia, gênero, condição socioeconômica, religião, dentre outros. Deste modo, devem ser evitados especializações e o atendimento exclusivo, como o atendimento a

apenas um determinado sexo ou a um conjunto de faixa etária muito estreita (CONANDA; CNAS, 2009).

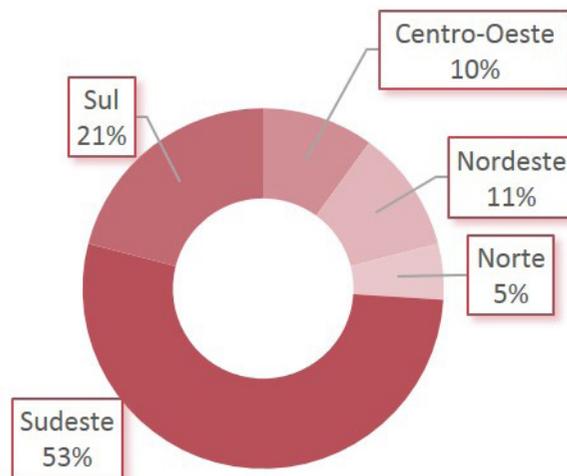


Gráfico 2: Distribuição de abrigos por região  
Fonte: CNMP (2013), adaptado pela autora

Dentre os atendidos pelas instituições, a grande maioria é composta de meninos e afrodescendentes (Gráfico 3). A faixa etária de atendimentos realizados por instituições é bem ampla, variando de 0 a 18 anos, porém, contemplando em maior número o atendimento a crianças e adolescentes de 0 a 15 anos, tendo uma maior incidência de meninos e meninas entre 6 e 11 anos, conforme pode ser observado no gráfico 4 (CNMP, 2013).

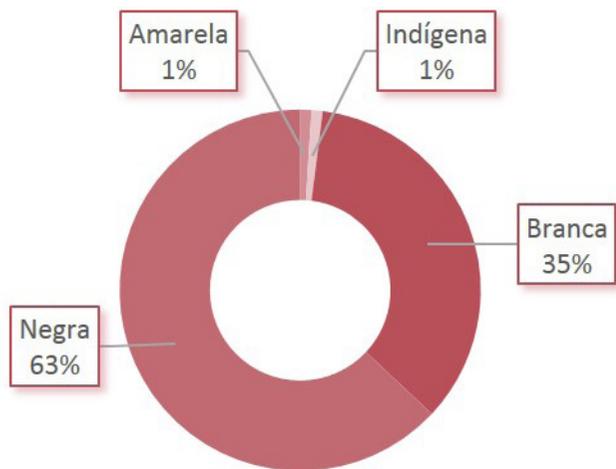


Gráfico 3: Proporção de abrigados, segundo raça/cor  
Fonte: IPEA (2004), adaptado pela autora

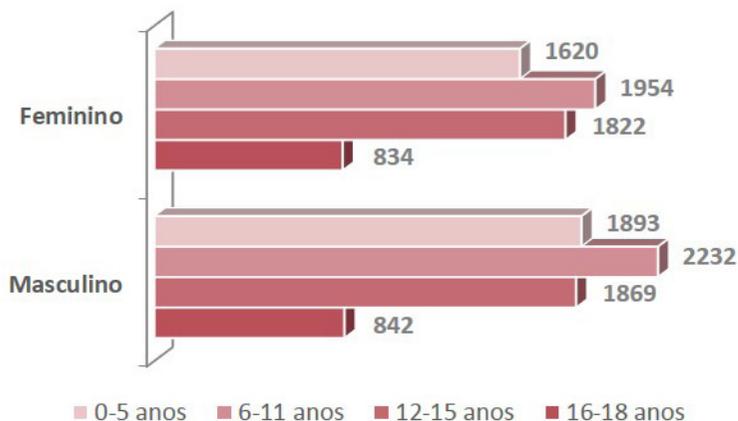


Gráfico 4: Atendimento por faixa etária na região Sudeste  
Fonte: CNMP (2013), adaptado pela autora

Embora o abrigo seja uma medida excepcional e provisória, o tempo em que crianças e adolescentes permanecem no local é relativo, caracterizado pela maioria em um período superior a dois anos (IPEA, 2004). Mesmo com o tempo de permanência elevado nas instituições, grande parcela dos abrigados possui família, no qual 58,2% mantêm o vínculo ativo, recebendo visitas frequentemente. Outros 22,7% não mantêm vínculo familiar constante, sendo escassas ou nulas as visitas (Gráfico 5).

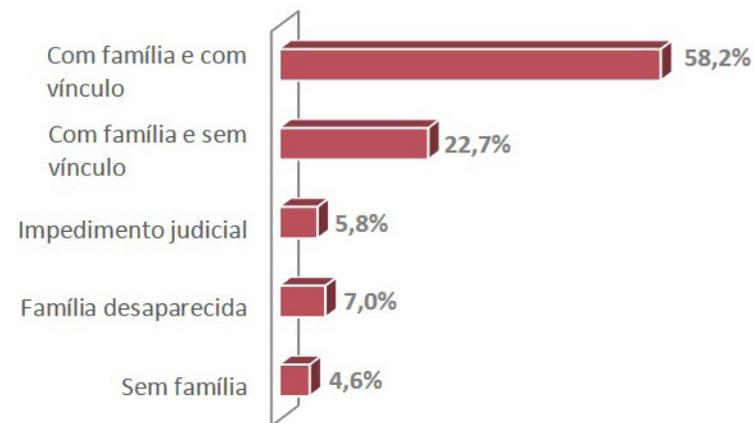


Gráfico 5: Proporção de abrigados, segundo situação familiar  
Fonte: IPEA (2004), adaptado pela autora

O convívio social é muito importante para o desenvolvimento dos indivíduos que se

encontram abrigados e o encaminhamento para instituições escolares proporciona a socialização e o conhecimento. Segundo registros, 66,8% das crianças entre 0 e 6 anos frequentam creche e 97,1% dos que têm entre 7 e 18 vão à escola (IPEA, 2004). Estes índices revelam que embora as crianças e os adolescentes estejam inseridos em instituições de acolhimento, o seu cotidiano de estudo e a frequência nas unidades de educação é mantida, sendo estimulado o conhecimento e possivelmente uma melhor qualidade de vida futura.

### 1.3 O ABRIGO INSTITUCIONAL

Quando constatada a necessidade do encaminhamento de uma criança ou adolescente à instituição de acolhimento, sua integridade física e psicológica deve ser protegida, independente do problema que determinou a medida de abrigo provisório. Considerando as condições de vulnerabilidade, os indivíduos inseridos em locais de acolhimento devem receber serviços adequados que ofereçam cuidados e condições favoráveis ao

seu desenvolvimento saudável (CONANDA; CNAS, 2009).

A existência de diferentes tipos de serviço de acolhimento tem como objetivo atender de forma mais oportuna as diferentes demandas do público infantojuvenil. Neste caso, através da análise individual do perfil de cada pessoa, das condições familiares e do processo de desenvolvimento é possível indicar qual serviço atenderá melhor às necessidades diagnosticadas. Além disso, deve ser considerado: idade; motivos do acolhimento; histórico de vida; condições emocionais; previsão de tempo necessário para viabilizar soluções, dentre outros (CONANDA; CNAS, 2009).

O Abrigo Institucional se caracteriza por atender crianças e adolescente, de ambos os sexos, com idades entre 0 a 18 anos, que se encontram em situação de abandono ou afastados do convívio familiar por ordens judiciais. Condiz como função deste espaço a proteção dos indivíduos que se encontram vulneráveis, sendo-lhes oferecido abrigo por um determinado período, até que a reintegração

à sua família de origem seja estabelecida ou, excepcionalmente, quando esgotada todas as possibilidades, sua inserção em uma família substituta.

Conforme as orientações disponibilizadas pelo CONANDA e CNAS (2009), as unidades de Abrigo Institucional devem oferecer condições para o atendimento de até 20 usuários. No entanto, conforme a demanda e a necessidade, o abrigo tem como obrigação atender um número maior de indivíduos do que o determinado, pois, segundo os princípios estabelecidos pelo ECA, é necessário dar atendimento a todas as crianças e adolescentes que se encontrarem em situação de risco, não escolhendo ou desprezando nenhuma.

Em relação ao espaço oferecido pelo abrigo, este deve atender a uma série de exigências. A instituição deve encontrar-se inserida em uma região de predominância residencial, dotada de infraestrutura adequada, com equipamentos urbanos que dão suporte aos moradores e usuários. É indicado que em suas proximidades tenham disponíveis unidades de educação, saúde, áreas de lazer, instituições

religiosas e abastecimento de transportes públicos. A localização deste tipo de ambiente visa garantir a preservação e o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários (CONANDA; CNAS, 2009).

De acordo com o CONANDA e CNAS (2009), a edificação tem que apresentar aspecto semelhante a de uma residência, não contendo qualquer tipo de identificação que segregue aquela moradia das demais do bairro, vetando-se a existência de placas, a fim de assegurar a privacidade dos moradores e garantir o respeito à diversidade e não discriminação por parte da sociedade.

Quanto ao ambiente construído, tais conselhos disponibilizam a infraestrutura e espaços mínimos sugeridos para os Abrigos Institucionais, onde são descritas todas as características exigidas para cada cômodo (Quadro 1). Esta iniciativa visa disponibilizar um padrão para todas as instituições, de modo a assegurar a igualdade entre os espaços.

Como o Abrigo Institucional é um espaço voltado apenas para as crianças e adolescentes, nesta edificação não é disponibilizado ambiente para

alojamento dos funcionários. Estes trabalham através do sistema de turnos, sendo esta a grande diferença entre o Abrigo Institucional e a Casa-Lar, pois, neste último, pelo menos um educador/cuidador

reside na instituição, sendo nesse caso necessário a disponibilização de demais quartos além dos infantojuvenis (CONANDA; CNAS, 2009).

Quadro 1: Infraestrutura e espaços mínimos sugeridos para o Abrigo Institucional

INFRAESTRUTURA E ESPAÇOS MÍNIMOS SUGERIDOS	
Cômodo	Características *
Quartos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cada quarto deverá ter dimensão suficiente para acomodar as camas / berços / beliches dos usuários e para a guarda dos pertences pessoais de cada criança e adolescente de forma individualizada (armários, guarda-roupa, etc).</li> <li>• Nº recomendado de crianças/adolescentes por quarto: até 4 por quarto, excepcionalmente, até 6 por quarto, quando esta for a única alternativa para manter o serviço em residência inserida na comunidade.</li> <li>• Metragem sugerida: 2,25 m<sup>2</sup> para cada ocupante. Caso o ambiente de estudos seja organizado no próprio quarto, a dimensão dos mesmos deverá ser aumentada para 3,25 m<sup>2</sup> para cada ocupante.</li> </ul>
Sala de Estar ou similar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com espaço suficiente para acomodar o número de usuários atendido pelo equipamento e os cuidadores/educadores.</li> <li>• Metragem sugerida: 1,00 m<sup>2</sup> para cada ocupante. Ex: Abrigo para 15 crianças / adolescentes e cuidadores/educadores: 17,0 m<sup>2</sup> Abrigo para 20 crianças / adolescentes e 2 cuidadores/educadores: 22,0 m<sup>2</sup></li> </ul>

\* Deverão ser executados de acordo com todas as especificações constantes da NBR 9050/ABNT, dentre elas: deve ser prevista uma iluminação intensa e eficaz; não devem ser utilizados revestimentos que produzam brilhos e reflexos para evitar desorientação visual; devem prever, no mínimo, um vaso sanitário para cada seis usuários; as portas dos compartimentos internos dos sanitários deverão ser colocadas de modo a deixar vãos livres de 0,20m na parte inferior; as barras de apoio deverão ser, preferencialmente, em cores contrastantes com a parede, para fácil e rápida identificação e uso.

<b>Sala de jantar/copa</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com espaço suficiente para acomodar o número de usuários atendido pelo equipamento e os cuidadores/educadores.</li> <li>• Pode tratar-se de um cômodo independente, ou estar anexado a outro cômodo (p. ex. à sala de estar ou à cozinha)</li> <li>• Metragem sugerida: 1,00 m<sup>2</sup> para cada ocupante.</li> </ul>
<b>Ambiente para estudo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Poderá haver espaço específico para esta finalidade ou, ainda, ser organizado em outros ambientes (quarto, copa) por meio de espaço suficiente e mobiliário adequado, quando o número de usuários não inviabilizar a realização de atividade de estudo/leitura.</li> </ul>
<b>Banheiro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Deve haver 1 lavatório, 1 vaso sanitário e 1 chuveiro para até 6 (seis) crianças e adolescentes.</li> <li>• 1 lavatório, 1 vaso sanitário e um chuveiro para os funcionários.</li> <li>• Pelo menos um dos banheiros deverá ser adaptado a pessoas com deficiência.</li> </ul>
<b>Cozinha</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com espaço suficiente para acomodar utensílios e mobiliário para preparar alimentos para o número de usuários atendidos pelo equipamento e os cuidadores/educadores.</li> </ul>
<b>Área de serviço</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com espaço suficiente para acomodar utensílios e mobiliário para guardar equipamentos, objetos e produtos de limpeza e propiciar o cuidado com a higiene do abrigo, com a roupa de cama, mesa, banho e pessoal para o número de usuários atendido pelo equipamento.</li> </ul>
<b>Área externa (Varanda, quintal, jardim,etc)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espaços que possibilitem o convívio e brincadeiras, evitando-se, todavia, a instalação de equipamentos que estejam fora do padrão sócio-econômico da realidade de origem dos usuários, tais como piscinas, saunas, dentre outros, de forma a não dificultar a reintegração familiar dos mesmos.</li> <li>• Deve-se priorizar a utilização dos equipamentos públicos ou comunitários de lazer, esporte e cultura, proporcionando um maior convívio comunitário e incentivando a socialização dos usuários.</li> <li>• Os abrigos que já tiverem em sua infraestrutura espaços como quadra poliesportiva, piscinas, praças, etc, deverão, gradativamente, possibilitar o uso dos mesmos também pelas crianças e adolescentes da comunidade local, de modo a favorecer o convívio comunitário, observando-se, nesses casos, a preservação da privacidade e da segurança do espaço de moradia do abrigo.</li> </ul>

<p><b>Sala para equipe técnica</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com espaço e mobiliário suficiente para desenvolvimento de atividades de natureza técnica (elaboração de relatórios, atendimento, reuniões, etc)</li> <li>• Recomenda-se que este espaço funcione em localização específica para a área administrativa / técnica da instituição, separada da área de moradia das crianças e adolescentes.</li> </ul>
<p><b>Sala de coordenação / atividades administrativas</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com espaço e mobiliário suficiente para desenvolvimento de atividades administrativas (área contábil / financeira, documental, logística, etc.).</li> <li>• Deve ter área reservada para guarda de prontuários das crianças e adolescentes, em condições de segurança e sigilo.</li> <li>• Recomenda-se que este espaço funcione em localização específica para a área administrativa / técnica da instituição, separada da área de moradia das crianças e adolescentes.</li> </ul>
<p><b>Sala / espaço para reuniões</b></p>	<p>Com espaço e mobiliário suficiente para a realização de reuniões de equipe e de atividades grupais com as famílias de origem.</p>

**Observações:**

- Toda infraestrutura do abrigo institucional deverá oferecer acessibilidade para o atendimento de pessoas com deficiências.
- Deverá ser disponibilizado meio de transporte que possibilite a realização de visitas domiciliares e reuniões com os demais atores do Sistema de Garantia de Direitos e da Rede de Serviços, na razão de um veículo para cada vinte crianças ou adolescentes acolhidos.

Fonte: CONANDA; CNAS (2009), adaptado pela autora

Conforme o parâmetro disponibilizado para as edificações de Abrigo Institucional é possível perceber que este fornece informações para se obter condições apropriadas para o uso do espaço, de modo a atender a demanda de usuários e suas necessidades diárias. No entanto, é perceptível nos recursos exigidos a ausência de aspectos relacionados à qualidade do lugar, sendo explorados apenas aspectos quantitativos, o que expõe inicialmente uma visão meramente assistencialista.

O CNAS e o CONANDA (2009) compreendem a necessidade de se oferecer um atendimento de qualidade para crianças e adolescentes em situação de abrigo, considerando que estes indivíduos já se encontram abalados devido ao afastamento familiar e que os cuidados e condições inadequadas podem influenciar de maneira negativa no seu desenvolvimento, porém, ainda assim a preocupação com a qualidade do espaço e da relação com os usuários é insuficiente, podendo ser observada através de visitas às instituições e do conteúdo fornecido como parâmetro para o funcionamento dos abrigos.

Diversas pesquisas concluíram que o afastamento do convívio familiar pode ter repercussões negativas sobre o processo de desenvolvimento da criança e do adolescente quando o atendimento prestado no serviço de acolhimento não for de qualidade e prolongar-se desnecessariamente. Desse modo, quando o afastamento for necessário, tanto o acolhimento quanto à retomada do convívio familiar [...] devem ser realizados segundo parâmetros que assegurem condições favoráveis ao desenvolvimento da criança e do adolescente.

O impacto do abandono ou do afastamento do convívio familiar pode ser minimizado se as condições de atendimento no serviço de acolhimento propiciarem experiências reparadoras à criança e ao adolescente e a retomada do convívio familiar. Dessa forma, tais serviços não devem ser vistos como nocivos ou prejudiciais ao desenvolvimento da criança e do adolescente, devendo-se reconhecer a importância dos mesmos. (CONANDA; CNAS, 2009, p. 18-19)

Schmid (2005) afirma que o desempenho de uma casa enquanto abrigo não deve ser restrito ao que é medido ou somado, pois a satisfação humana não está associada a modelos numéricos. Logo, considerado a fragilidade do indivíduo inserido no abrigo e a necessidade de sua integração social e

interação com o novo ambiente é importante que esses espaços possibilitem ao sujeito alcançar sua satisfação.

A criança é uma parte da situação social, sua relação com aquilo que a cerca e a relação com aquilo que realiza através da vivência e da atividade própria da criança, as forças do meio adquirem significado orientador graças às vivências das crianças. (VYGOTSKY, 1986, p. 383)

A casa destinada ao acolhimento institucional é um lugar passageiro, mas que é capaz de fornecer oportunidades de viver experiências novas, um lugar no qual se pode receber cuidado, apoio e segurança. Para isso, as crianças e jovens precisam ter recursos que os ajudem a compreender e aceitar sua situação, podendo atuar no espaço e estabelecer relações com as outras pessoas (GUARÁ, 2010). Nesse sentido, “um ambiente em que há condições qualitativas e quantitativas para o bem-estar oferece condições para o usuário participar e interagir, desenvolvendo novas competências cognitivas e sociais” (SAVI, 2008, p. 67).

Deste modo, considerando que o serviço de acolhimento desencadeia grande influência na vida

de crianças e adolescentes, o próximo capítulo busca fundamentar a importância do ambiente construído para pessoas em situação de vulnerabilidade, sendo considerada a qualidade do lugar fundamental para permitir condições de acolhimento e apropriação, enfatizando a relevância da relação pessoa-ambiente para indivíduos inseridos em instituições de acolhimento.





CAPÍTULO

02

[À procura de um lar]

## 2 À PROCURA DE UM LAR

### 2.1 O LUGAR DE MORAR

O ato de morar, conforme definições presentes nos dicionários, está associado a fixar residência, habitar e permanecer por algum tempo em algum lugar. Neste contexto a casa detém necessidade primordial para o ser humano.

Segundo Rezende (2007, p. 118), “a casa tem o registro do tempo, é parte, parteira da história. Em qualquer espaço, existe uma casa ou a sua possibilidade”. Através dos séculos a casa, tanto em seus aspectos físicos como no psicológico de seus usuários, foi modificando-se e adquirindo importância, e aos poucos foi se consolidando em um lugar proveniente de emoções e sensações, onde o aconchego e a intimidade se associavam ao ambiente familiar (RYBCZYNSKI, 1996).

A casa acolhe. Atende a um conjunto de necessidades básicas de segurança, envolvimento, orientação no tempo e, principalmente, no espaço.

É como se oferecesse consolo interminável ao ser humano, lançado no mundo. (SCHMID, 2005, p. 13)

A casa é a morada. A morada abraça a história de cada um com uma ternura quieta e desassombrada. Ela é como um cais, oceânico e amoroso, que guarda os cheiros das travessias dos corações. A morada de cada homem esconde o que se desfaria no mundo de fora, silencia os incômodos do dia, desfigura os fantasmas dos pesadelos da noite. A morada de cada homem não encobre seu corpo, mas o torna invisível quando a dor o adormece. (REZENDE, 2007, p. 115)

Nesse sentido, a construção da morada humana<sup>3</sup> vai muito além da materialidade que a caracteriza, ela é na verdade um espaço para a alma. A possibilidade de escapar do desamparo e sentir-se acolhido, assim como no ventre materno, incentivando a reconstrução do espaço no qual o ser humano estava tão a gosto, não apenas no que condiz ao conforto ambiental, mas também à sensação de bem-estar que o ambiente construído pode proporcionar (LEITÃO, 2007).

---

<sup>3</sup> Convém esclarecer que para a presente pesquisa o conceito de morada e moradia são considerados sinônimos, atribuídos a identificação do espaço destinado à habitação do homem.

Nas visitas a abrigos e ao conhecer diferentes instituições, é possível perceber o carinho que as crianças mais novas mantêm pelo lugar; algumas realmente interpretam aquele local como seu, como um lugar bom e satisfatório para morar. Após determinada idade e experiências em abrigos, resultante de idas e vindas, algumas crianças perdem o elo e a capacidade de estabelecer sentimentos pelo local, mediante a capacidade de compreender que aquele espaço é apenas momentâneo e que a qualquer momento podem ser conduzidas a outro lugar. Nestes casos, segundo responsáveis por instituições de acolhimento, os internos convivem a todo tempo sob tensão, pertencentes a um período de instabilidade, sem saber ao certo quando ocorrerá uma mudança ou por quanto tempo permanecerão no abrigo, por isso preferem não criar nenhum tipo de apego físico e social.

Embora a casa seja caracterizada como o local de habitação do homem, o conceito de lar pode não ser aplicado a ela. De acordo com De Botton (2007), o

lar vai muito além do que simplesmente um espaço para morar, ele é fruto de condições interiores de satisfação, escolhas e significados. O verdadeiro lar atende as necessidades físicas e psicológicas dos indivíduos, criando um refúgio do mundo externo capaz de proteger o espírito e a mente, e que segundo Tuan (1983, p. 3), “não há lugar como o lar”. Deste modo, para que as instituições de acolhimento não sejam consideradas apenas um local de moradia é necessário oferecerem condições que atendam às necessidades individuais dos internos, permitindo reconhecerem o abrigo como um lar.

Mesmo com a existência de um estilo de vida mais corrido e conseqüentemente um menor período dentro de casa, quando há sentimentos e personalização atribuídos ao local da moradia, este passa a ser configurado como um lar por seus usuários. Assim, o espaço e os objetos adquirem valores e significados, mas possuem sentidos diferentes em determinadas situações e para diferentes pessoas, “assim, a casa vai além de lugar, abrindo-se para ideais, individuais

ou coletivos, equivalentes da cultura, fragmentos das histórias” (CARVALHO, 2007, p. 139).

Cada ser humano é único, portanto seus anseios em relação à habitação são diferentes. Crianças e adultos possuem visões e capacidades distintas de se relacionar com o ambiente (TUAN, 1983), por isso é necessário na concepção do projeto arquitetônico procurar conhecer e atender adequadamente cada função e usuário do espaço. Tuan (1983) afirma que o ambiente construído tem a capacidade de influenciar as pessoas, além de definir as funções sociais e as relações.

A primeira compreensão de lar na infância está associada ao vínculo familiar, o qual é reconhecido devido a sua fonte segura de proteção, bem-estar físico e psicológico. Deste modo “o primeiro ambiente que a criança descobre é seus pais” (TUAN, 1983, p. 26), e consecutivamente com seu crescimento o apego a objetos, até finalmente obter conhecimento e apegar-se a lugares. No entanto, algumas crianças desconhecem a concepção de vínculos familiares, perdendo com ele o simbolismo de ter uma casa

e possuir um lar, passando sua vida inserida em instituições de acolhimento.

As crianças e adolescentes sujeitas ao acolhimento institucional, por diversos motivos se encontram em situação de vulnerabilidade, se apresentando mais suscetíveis a alterações físicas, afetivas, sociais e psicológicas do meio onde estão inseridas. No entanto, a institucionalização obriga que estes indivíduos se adaptem a novas condições de moradia, pertencentes a um ambiente desconhecido, com espaços compartilhados com outras crianças e o convívio familiar restringido, e em algumas situações, rompido. Weber (2005) ressalva que a ausência de vínculos afetivos e de um ambiente adequado pode desencadear prejuízos no desenvolvimento infantil.

Segundo Safrá (2004), o ser humano para estabelecer sua morada precisa ser acolhido e reconhecido pela comunidade onde reside, de modo a estabelecer relações sociais. Em casos de rupturas com o contexto estabelecido no meio habitado, as pessoas encontram-se sujeitas à desvinculação de suas raízes, e tal condição pode ocorrer nos registros

étnico e ético. O étnico relaciona-se pela perda do vínculo com os elementos sensoriais e culturais que permitem ao indivíduo remeter à memória de sua origem, já o ético é fruto de um contexto em que o respeito e a responsabilidade pelo indivíduo nem sempre acontecem.

Conforme observado em diversas instituições de acolhimento, é comum a criança recém-chegada ao abrigo sentir-se mais solitária e permanecer por alguns dias afastada dos demais internos. O rompimento do cotidiano e do espaço habitual associado ao conhecimento de uma nova realidade trazem estranheza. No passar do tempo, com o conhecimento do espaço e a integração com as demais crianças o cotidiano no abrigo não se torna mais amedrontador e o então recém-chegado se adapta à nova realidade. As crianças residentes no abrigo possuem um papel fundamental na aceitação do novo contexto, quando elas permitem ao novato se aproximar, fazer parte de suas brincadeiras e partilhar seus objetos elas ajudam com que o novo indivíduo se sinta integrante do espaço e pertencente das relações sociais. Naturalmente cada criança possui o

seu tempo, portanto, a adaptação e o entrosamento com o espaço e os demais internos tornam-se mais fáceis e rápidos para alguns, enquanto para outros, esse tempo é um pouco mais demorado.

Conforme Rappaport et al. (1981) o processo de adaptação no espaço pode ser difícil, para tanto, para auxiliar na integração, é necessário o entrosamento de aspectos físicos e sociais. Através da psicologia da criança Piaget e Inhelder (1999, p.8) expõem a importância de compreender o meio em que o indivíduo encontra-se inserido, não sendo a compreensão do desenvolvimento infantil associada apenas às características biológicas. Assim,

[...] as influências do meio adquirem importância cada vez maior a partir do nascimento, tanto, aliás do ponto de vista orgânico quanto do mental. A psicologia da criança não poderia, portanto, recorrer apenas a fatores de maturação biológica, visto que os fatores que hão de ser considerados dependem assim do exercício ou experiência adquirida como da vida social em geral.

Segundo Elali (2006), independente da caracterização da edificação, o local destinado à habitação se

encontra-se repleto de características subjetivas, as quais são derivadas pelo estabelecimento das relações entre pessoa e ambiente, variando conforme a dinâmica de cada ocupação.

A relação pessoa-ambiente proporciona importantes vínculos emocionais, refletindo na qualidade dos seus sentidos e na sua identidade (ELALI; MEDEIROS, 2011; TUAN, 1983). Na busca por ambientes adequados que permitam a efetivação de um lar, é imprescindível que os usuários dos espaços sejam ouvidos, são eles quem melhor sabem quais as melhorias a serem feitas, pois dificilmente quem não vivencia o lugar saberá suas necessidades específicas (SOMMER, 1973).

No que se relaciona à moradia nas instituições, esta assume um lugar central na vida de crianças e adolescentes abrigados, constituindo o único lugar, mesmo que momentâneo, que estes indivíduos possuem. No entanto, as crianças e adolescentes inseridos em instituições não precisam meramente de uma casa, eles buscam um lar, um local que lhes proporcione suporte, que amenize seus medos e angústias e lhes ofereça segurança, satisfação e possibilidades de apropriação e identificação com o

espaço. Assim, quando em condições adequadas, a moradia deixa de ser meramente um abrigo, passando a configurar-se um lar.

A morada então, enquanto lugar de afeto, intimidade - carregada de lembranças e significados -, é capaz de confortar o ser humano. Além de atender suas necessidades básicas, é um lugar no qual as pessoas se preocupam com as outras. E este espaço protegido e humanizado, impregnado de sensações, sentimentos e valores, configura-se como a idealização de onde os indivíduos devem viver e se relacionar. Portanto, enfatiza-se a importância da vivência em uma residência que se assemelha ao lar, na qual o espaço construído deve abrigar “não apenas as necessidades físicas das pessoas, mas, sobretudo, seus sonhos e desejos” (BITTENCOURT, 2007, p. 171).

## 2.2 A SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE E O LUGAR DE MORAR

De acordo com Ferreira (1986), o conceito de vulnerabilidade está associado a vulnerável, que por vez é configurado como algo ou alguém que está suscetível a ser ferido ou atingido, que possui poucas

defesas, um ponto fraco. Logo, compreende-se que a vulnerabilidade está associada à fragilidade do indivíduo e à incapacidade de algum ato.

Inúmeros e distintos são os motivos que levam uma pessoa a se encontrar em situação de vulnerabilidade. Dentre as condições que a Política Nacional de Assistência Social (2004) reconhece como pessoas em situação de vulnerabilidade e risco social, destacam-se: famílias e indivíduos com perda ou fragilidade de vínculos de afetividade, pertencimento e sociabilidade; ciclos de vida; identidades estigmatizadas em termos étnico, cultural e sexual; desvantagem pessoal resultante de deficiências; exclusão pela pobreza e, ou, no acesso às demais políticas públicas; uso de substâncias psicoativas; diferentes formas de violência advinda do núcleo familiar, grupos e indivíduos; entre outros.

No Brasil existem diversas políticas assistencialistas que visam o atendimento e suporte do indivíduo em situação de vulnerabilidade. Dentre as medidas de tratamento, o encaminhamento a instituições de permanência temporária se faz necessário. Tais locais exercem profunda influência sobre os usuários, uma vez que o espaço pode contribuir de modo positivo

ou negativo no processo de reestruturação, social e psicológica, dos indivíduos (SAVI, 2008).

Os indivíduos estão o tempo todo trocando informações com o mundo a sua volta, porém, um mesmo espaço pode ser percebido de forma diferente pelas pessoas, sendo influenciado por suas particularidades e individualidades. Assim, os ambientes vivenciados e experienciados proporcionam sentimentos e constituem valores (TUAN, 1983).

O ambiente tem a capacidade de influenciar o comportamento do ser humano, esta interação é fruto da capacidade do homem de se relacionar com o espaço e no espaço. O ambiente está associado à qualidade de vida, exercendo influência em aspectos sociais, psicológicos, morais e culturais, caracterizando-se em um agente frequente na vida das pessoas, além de responsável pelas atividades realizadas (OKAMOTO, 2002).

De maneira colaborativa, o abrigo pode se transformar em um ambiente de alegria, em que as brincadeiras podem fazer parte das atividades cotidianas dos usuários. A participação ativa das crianças na

dinâmica diária pode contribuir no processo de integração com o meio, possibilitando a diminuição de tensão e a socialização com os demais. Assim, lidar com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade “é ajudá-los a perceber a própria situação sem sucumbir a ela, descobrindo novas estratégias de sobrevivência e de inserção social” (GUARÁ, 2010, p. 61).

O ser humano desde o seu nascimento percorre um processo de construção progressiva do desenvolvimento de condutas, transitando pela adolescência e atingindo a fase adulta (PIAGET E INHELDER, 1999). Embora os indivíduos adquiram conhecimento sobre o mundo ao longo da vida, é na infância em que ocorre o desenvolvimento das primeiras habilidades relacionadas à capacidade de pensar e compreender, essa etapa é caracterizada pelo início da obtenção do conhecimento. Piaget observou que existem diferentes formas de interagir com o ambiente nas diferentes faixas etárias, e, que em cada etapa ocorre o desenvolvimento gradual da criança, possuindo variáveis entre diferentes indivíduos devido às características biológicas e a riqueza de estímulos produzidos no meio onde está inserido (RAPPAPORT, 1981).

Trancik e Evans (1995) argumentam que ambientes com um nível adequado de complexidade encorajam o desenvolvimento de competências ao envolver as crianças em experiências de aprendizagem. Segundo as autoras, essas experiências estão associadas à variedade de objetos e espaços disponíveis e pelo grau de manipulação, alteração e mistério oferecidos por esses elementos. Nos abrigos, na maioria das edificações, estas oportunidades de experiências são encontradas nas áreas externas, como na varanda, quintal e em alguns casos, no jardim. Estes espaços são bastante explorados pelos usuários, neles ocorrem brincadeiras, descobertas, aprendizado e socialização. Devido à função exercida, esses ambientes podem ser considerados espaços restauradores.

A existência de espaços restauradores é importante às crianças, principalmente para aquelas afastadas de seu convívio familiar, eles provocam a imaginação e permitem que os indivíduos “escapem” da atmosfera em que se encontram inseridos, trazendo um conforto, mesmo que momentâneo. Ambientes restauradores apresentam uma oportunidade para fugir, para ter tempo, e para escapar da fadiga física e psicológica. Muitos lugares e objetos restauradores

são fascinantes, enquanto outros provocam a imaginação (TRANCIK; EVANS, 1995).

A presença de espaços verdes juntamente com a existência de vegetação adequada<sup>4</sup> pode trazer benefícios às instituições de acolhimento, já que estes ambientes permitem a criação de espaços de refúgio e conhecimento. De acordo com Ruivo (2008), a vegetação quando presente em espaços infantis fornece suporte nas brincadeiras realizadas, incentivando o lúdico e a criatividade, além de auxiliar no aprendizado através da diversidade de atividades que podem ser desenvolvidas, tanto na educação formal quanto na informal. Dentre alguns exemplos, Tuan (1983) argumenta que através da prática do plantio, do acompanhamento do crescimento do vegetal e de sua colheita, a criança pode compreender o processo de desenvolvimento da natureza, se identificar como parte dela e questionar sua própria participação ecológica.

Através das visitas à instituição trabalhada nesta pesquisa foi possível presenciar o comportamento

---

<sup>4</sup> Entende-se como adequada a vegetação que não causa risco aos usuários, sendo evitadas plantas venenosas e/ou com espinhos.

das crianças quando o pátio anteriormente de cimento foi adaptado, sendo inserido um espaço verde com grama artificial e playground. O pátio sempre foi bastante utilizado, mas após as melhorias as crianças intensificaram seu uso, novas brincadeiras foram realizadas - as crianças rolavam no novo piso, o playground estimulou o lúdico, as meninas brincavam de casinha e os meninos fantasiavam que estavam em uma batalha. Um outro espaço, com árvore, adaptado com grama artificial, também contribuiu para o entretenimento das crianças - a árvore era vista como objeto de escalada, um local para se pendurar e testar a força física de cada um. Embora tenha sido uma pequena e simples adaptação, estes espaços atuaram como ambientes restauradores para as crianças, oferecendo o suporte e o estímulo para as brincadeiras e para se afastarem um pouco da realidade vivenciada.

A apropriação mais efetiva do espaço e a interação das crianças do abrigo após a inclusão da vegetação nos espaços livres, podem ser confirmadas em outras pesquisas que destacam a importância das atividades ao ar livre e do contato com a natureza para a formação e o desenvolvimento da criança. Segundo Titman (1994), as crianças reconhecem a

grama como um espaço macio e adequado para o desenvolvimento de brincadeiras e outras atividades, diferentemente dos pisos pavimentados, que são considerados desagradáveis devido a sua rigidez. Para as crianças a grama serve para sentar, deitar e rolar, de modo que possa ser sentida e não apenas observada.

As árvores, segundo as crianças, são vistas como um elemento propício para escaladas. A atração em subir em árvores está associada ao desafio que essa ação proporciona, considerada uma atividade muito mais interessante do que utilizar-se de brinquedos de escalada (TITMAN, 1994).

A possibilidade de brincar e de conceber um jogo imaginário permite à criança se relacionar com o seu meio físico e social, tal interação contribui não apenas para a formação de sua personalidade, mas também do seu desenvolvimento psíquico; estimulando os seus conhecimentos e melhorando suas habilidades sociais, cognitivas, motoras, afetivas e linguísticas (COTTA, 2014).

Ainda, de acordo com Tuan (1983), fantasiar é uma característica própria da infância, e é através da incorporação da imaginação com situações reais que as crianças adquirem suas experiências. Assim, a percepção dos ambientes onde estão inseridas será de caráter simbólico e estará relacionado aos sentimentos de afeto ou rejeição construídos através de sua vivência e experiência no espaço. Portanto, “a qualidade dos ambientes vai estar subordinada à manipulação de certas características espaciais que afetarão o imaginário infantil e conseqüentemente o desenvolvimento de sua inteligência” (AZEVEDO, 2002, p. 19).

Como visto, o ambiente construído e os espaços livres podem exercer forte influência na vida das crianças inseridas em instituições, uma vez que suas experiências com espaços ainda são poucas, e em alguns casos como o de recém-nascidos inseridos em abrigos, nenhuma experiência. Logo, a qualidade do lugar para estes indivíduos é importante, considerando que os espaços vivenciados ao longo da vida constituem referências para a construção identitária do sujeito (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011).

### 2.3 RELAÇÃO USUÁRIO-AMBIENTE NO CONTEXTO DO ABRIGO INSTITUCIONAL

O ser humano passa a maior parte de sua existência inserido em ambientes construídos (ELALI, 2002). Nesse sentido, a Arquitetura exerce grande função no bem-estar do ser humano, uma vez que engloba a tarefa de projetar espaços que serão habitados e vivenciados pelas pessoas. No entanto, são necessários estudos mais aprofundados em relação à interação estabelecida entre os usuários e o ambiente vivenciado, no qual a incorporação da Psicologia Ambiental possibilita significativas contribuições (DEL RIO ET AL., 2002; DUARTE, 2002; BLOWER, 2008).

Segundo Elali (1997), somente a Psicologia tradicional ou somente a Arquitetura não são suficientes para contemplar por completo a relação pessoa-ambiente, sendo necessário a integração entre ambas. Alimentada através de informações disponibilizadas por essas duas áreas, porém com funcionamento de forma independente, a Psicologia ambiental foi a responsável por estabelecer o elo necessário,

contribuindo para a produção de ambientes mais humanizados.

Assim, a Psicologia Ambiental é responsável por estudar a relação existente entre o ser humano e o ambiente, fundamentado através de relações recíprocas, cuja finalidade está associada à compreensão do comportamento do indivíduo nos diferentes espaços e os significados atribuídos a estes lugares, tal como as modificações e influências ocasionadas subjetivamente nestes locais (CAVALCANTE; ELALI, 2011).

Azevedo e Bastos (2002) atentam para o desenvolvimento de diversas pesquisas na área de Arquitetura e da Psicologia Ambiental, reforçando a importância das relações pessoa-ambiente na vida do ser humano. Segundo Ornstein (1995), as condições geradas no ambiente interferem no modo de vida das pessoas, portanto, no que condiz à prática arquitetônica, é importante considerar a relação entre ambiente e comportamento humano, com a finalidade de conceber projetos satisfatórios, que priorizem os usuários e a função do espaço (KOWALTOWSKI et al., 2006).

[...] o ato de projetar significa buscar a satisfação de várias expectativas do homem em relação a seu ambiente, seja permitindo o desempenho de atividades determinadas, seja proporcionando melhores condições de conforto ambiental ou a geração de afetos e a atribuição de significados ao lugar. (DUARTE, 2002, p. 62)

Através de variadas características disponibilizadas pelos ambientes, os indivíduos podem vivenciar e experimentar o espaço de distintas maneiras, uma vez que cada ser é único, dotado de particularidades e individualidade (TUAN, 1980; 1983). Assim, cada pessoa percebe, utiliza e atribui significados diferentes ao mesmo ambiente.

As edificações destinadas ao abrigo, em sua maioria são consequências de adaptações realizadas em espaços já existentes, que para atender aos seus parâmetros de funcionamento, ignoram as condições de conforto ambiental e adequações ao uso infantil<sup>5</sup>, desconsiderando que as crianças inseridas nestes locais trazem consigo suas particularidades,

---

<sup>5</sup> As observações atribuídas às instituições de acolhimento contidas nessa seção são consequências de visitas informais realizadas pela autora.

possuindo maneiras diversas de ver e de se relacionar com as pessoas e com o ambiente. Portanto, os locais de acolhimento detêm a necessidade de oferecer condições para que seus usuários possam experimentar o espaço de distintas maneiras, não oferecendo-lhes um ambiente enrijecido onde sua atuação é pré-estabelecida, mas disponibilizando espaços lúdicos, com escala adequada, passíveis de adaptações e modificações pelas crianças.

De acordo com Tuan (1980, p. 12), “um ser humano percebe o mundo através de todos os seus sentidos”, no entanto, em seu cotidiano apenas alguns sentidos são utilizados para experimentar o espaço. Através da percepção, o indivíduo responde aos estímulos produzidos pelo meio, dotando-o de valor ou não, buscando atingir sua satisfação e sobrevivência. Fundamentado na criação de pensamentos e sentimentos provindos dos sentidos, o autor atribui a sucessão de percepções a experiência, a qual está relacionada aos diferentes modos como uma pessoa conhece e constrói a realidade. Dessa maneira, um abrigo que oferece estímulos às crianças, proporcionando ambientes com diferentes cores,

texturas, odores, contato com a natureza, contribui para melhores condições de desenvolvimento.

Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre um dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade, a construção da experiência, uma criação de sentimento e pensamento. (TUAN, 1983, p. 10)

Em suma, segundo Duarte e Cohen (2004, p. 5), “a experiência dos espaços estrutura os padrões de identificação do sujeito com o meio ambiente”. A maneira como uma pessoa ou um grupo de indivíduos se apropria de um espaço está vinculada às relações afetivas estabelecidas entre pessoa-ambiente e das relações de domínio existentes no meio. Se as condições existentes assumirem um aspecto agradável, sendo positiva para todos os envolvidos, a apropriação pode se estabelecer através de apreço com o ambiente; em outro contexto, quando as relações estabelecidas são negativas, abrangendo a segregação e alienação, as tentativas de apropriação podem demonstrar características agressivas, ou

serem apresentadas como descuido com o local (ELALI, 2009), pois “os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade” (TUAN, 1983, p. 17).

Deste modo, as relações existentes entre pessoa-ambiente estão associadas à percepção ambiental e de como estes indivíduos respondem, negativamente ou positivamente, aos estímulos produzidos pelo meio. A partir disso, o homem estabelece ou não laços afetivos com o ambiente, definindo o que é espaço e o que é lugar (TUAN, 1983; SAVI, 2008).

Quando o espaço do abrigo oferece condições que as crianças gostam, este ambiente é completamente ocupado, torna-se o local em que são realizadas as brincadeiras e a socialização. Os ambientes pequenos e com poucos objetos para serem manuseados, acabam se tornando espaços rejeitados e só utilizados em situação de necessidade. Assim, percebe-se que as crianças se apropriam e estabelecem sentimentos pelos espaços da instituição quando estes lhes oferecem condições satisfatórias.

Segundo Tuan (1983), é neste momento, quando o espaço passa a ser compreendido como um ambiente dotado de significados e valores, que ele então se transforma em lugar. Portanto, é considerado que o afeto que se tem de um lugar está associado à experiência que se pode ter em um determinado espaço (DUARTE; COHEN, 2004).

O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor [...] As idéias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. (TUAN 1983, p. 6)

Assim, o lugar representa grande importância para o ser humano, e possuir “o seu lugar” é uma necessidade vital que já nasce associada às pessoas. De acordo com Tuan (1983), a criança ainda pequena desenvolve distintos sentimentos pelos espaços, como é o caso do afeto, valorização e pertencimento, no entanto, estes podem ser definidos também por características ruins que é o exemplo do medo, frustração e insegurança. Neste contexto, os

sentimentos atribuídos a um espaço pelos indivíduos determinarão as suas atitudes para com o ambiente.

Quando analisado os sentimentos atribuídos aos espaços no abrigo percebe-se que os ambientes que desagradam apresentam pouco uso e/ou falta de cuidado com os objetos. Nos locais onde são depositados afetos, em que há um elo com os usuários, estes espaços são apresentados de outra maneira, são ambientes cuidados, que as crianças fazem questão de ficarem inseridas, com pertences organizados e mobiliários conservados.

No momento em que uma criança ou adolescente é encaminhada ao serviço de acolhimento é permitido que ela leve alguns pertences e vestuários. Na instituição cada indivíduo possui o seu lugar; embora os ambientes sejam compartilhados, cada pessoa tem a sua cama, o seu espaço no armário, seus objetos e suas roupas. Este mecanismo auxilia para que os usuários não se sintam tão desconfortáveis em um lugar desconhecido, tendo através de seus pertences um elo de identificação e de propriedade. Segundo Pol (1996), o ser humano tem a necessidade

de marcar seu território. A presença de referências estáveis é fundamental para que o ajude a se orientar, mas também preservar sua identidade perante as outras pessoas. A identidade, a privacidade e a intimidade estão associadas a essas referências, que são influenciadas pela cultura e pelo ambiente ao qual está envolvido. Ao vincular suas referências a um lugar este ambiente estará sujeito à apropriação.

O vínculo a um lugar é parte fundamental para a sensação de acolhimento. Esse sentimento é criado por espaços e objetos que representem significado pessoal para o indivíduo. Deste modo, permitir a personalização do ambiente possibilita ao usuário apropriar-se e estabelecer vínculo com o lugar (POL, 1996). No abrigo o processo de apropriação inicialmente é caracterizado em uma pequena área, como o exemplo da “sua cama”, e com o passar do tempo, a partir das interações sociais, o domínio é expandido para outros espaços.

Os espaços, os objetos e as coisas adquirem significado através do uso e do tempo (POL, 1996). Nesse sentido, a apropriação do espaço está

vinculada ao contato estabelecido com o meio, considerando sua intensidade e capacidade de atender às necessidades desejadas. Conforme Sansot (1996), a apropriação é um processo complexo de conquista ou controle do espaço onde o homem busca externar a sua sensação de domínio do lugar. Nenhuma criança chega ao abrigo já interagindo com o espaço ou com as outras pessoas, pois ao chegar na instituição as crianças têm medos, inseguranças e algumas vezes revolta. O processo de adaptação e apropriação do espaço somente é obtido através do convívio diário e das tentativas de aproximação.

É muito comum em algumas épocas do ano as instituições receberem visitas de pessoas levando lembranças para as crianças. No entanto, conforme disse uma psicóloga responsável por um abrigo em uma conversa, para alguns as visitas estão relacionadas apenas ao recebimento de algo material. Nestes momentos, não são estabelecidas relações de afeto e atenção com o doador. Toda a relação e atenção é disponibilizada ao objeto ganhado. Vygotsky (1986) explica o comportamento com o presente ao afirmar que o objeto possui um grande

campo de força sobre a criança, sendo afetivamente atraente. Além disso, para algumas crianças é difícil o estabelecimento de vínculos afetivos, uma vez que eles estão sempre ameaçados, sendo a constituição de laços duvidosas, caracterizada por experiências de rompimento, começando pela separação da própria família. Por isso, a criança compreende o objeto como algo seu, que não irá abandoná-la, diferentemente das relações com as outras pessoas.

De acordo com Pol (1996), os processos psicossociais de apropriação incorporam processos cognitivos, emocionais, simbólicos e estéticos que dependem do relacionamento com outros indivíduos ou grupos e situações objetivas de dominação ligada aos modos de propriedade. Assim, o modo de apropriação de cada indivíduo ou grupo depende de padrões culturais, papéis sociais, formas e estilos de vida. Portanto, cada criança inserida no abrigo possui o seu tempo e a sua forma de conhecer e se relacionar com o espaço e com as pessoas, cada uma traz consigo suas particularidades, sendo importante para a adaptação de cada indivíduo o respeito e a preservação de sua individualidade.

Assim, os locais ofertados ao acolhimento de crianças e adolescentes caracterizam-se por acolherem indivíduos com distintas características, variando desde a cultura ao motivo que lhe trouxe àquele lugar, porém, todos os indivíduos possuem uma única semelhança, a de se encontrarem em um espaço que não é seu. É através do espaço disponibilizado no abrigo que algumas crianças iniciam seu processo de aprendizagem, descobrindo os espaços, a si mesmo e aos outros. Tal condição leva as crianças a desenvolverem a socialização e aprenderem a lidar com as adversidades impostas por sua situação, como o compartilhamento de objetos e espaços.

Para que a apropriação ocorra, as crianças e adolescentes necessitam “criar” um lugar seu, de modo que este espaço seja um prolongamento do seu próprio corpo, um local em que elas consigam se identificar, já que “a apropriação do espaço representa sua própria imagem” (POL, 1996, p. 11). Dentre os ambientes do abrigo, é no dormitório que as crianças interpretam o espaço como sendo seu, nestes locais elas reconhecem a “sua cama”, o “seu travesseiro” e os “seus pertences”, embora seja um

espaço compartilhado com outras crianças, cada uma delas sabe e tem a autoridade para afirmar onde e o que pertence ao seu espaço.

A apropriação e o reconhecimento do espaço estão relacionados à identidade de lugar. Proshansky (1978) define identidade de lugar como uma dimensão profunda da identidade da pessoa que está relacionada ao ambiente físico por meio de um modelo complexo de ideias, valores, sentimentos, preferências, habilidades, objetivos e tendências comportamentais relevante para um ambiente específico. A identidade de lugar tem como principal função a elaboração de um cenário interno que auxilie a sustentar e proteger a autoidentidade. Tal cenário contribui como base para as modificações na identidade resultantes das transformações no ambiente (PROSHANSKY et al., 1983). Deste modo, a identidade de lugar pode ser compreendida como uma construção pessoal, no qual o contato com o ambiente físico a modificam.

O ser humano cria as suas identidades de lugar de acordo com a sua procura por semelhanças entre os

espaços que já foram experimentados (SAVI, 2008). Para as crianças e adolescentes isso não se difere, as novidades geram expectativas. Por isso, é importante que os ambientes destinados a elas possam ser personalizados, além de ofertarem condições de segurança e bem-estar.

Para Pol (1996), a personalização é consequência das atitudes territoriais de um indivíduo, ou grupo, enquanto ocupa, defende e experimenta uma forte sensação de identificação e pertencimento com o espaço. A personalização permite transformar o espaço usando objetos ou elementos que apresente características semelhantes à personalidade do usuário, com isso é possível delimitar um espaço pessoal e conseqüentemente criar proteção para controlar as interações indesejáveis, ou seja, para ter intimidade e/ou privacidade.

A privacidade nos locais de acolhimento é difícil de ser atingida, a institucionalização obriga o convívio em grupo. No entanto, para amenizar a falta de privacidade é importante que outras características sejam enfatizadas. O quarto é o espaço do abrigo

que as crianças e os adolescentes mais sentem necessidade de individualidade, para tanto, a personalização espacial e a propriedade de objetos é incentivada, cabendo a cada usuário o domínio da sua cama e do espaço destinado para guardar seus pertences. Contudo, embora a edificação seja regulamentada para oferecer infraestrutura para até 20 crianças, as instituições não podem negar atendimento, apresentando esta realidade através de abrigos superlotados, com crianças dormindo em colchonetes no chão, sem conforto e sem condições para estabelecer seu espaço pessoal.

De acordo com Sommer (1973, p. 33), “o espaço pessoal refere-se a uma área com limites invisíveis que cercam o corpo da pessoa, na qual os estranhos não podem entrar”. Nesse sentido, o espaço pessoal está associado a uma zona emocional em torno da própria pessoa, onde uma possível invasão resultaria em sensações de desconforto. O espaço pessoal é um processo dinâmico que varia, por exemplo, em função da cultura, das relações entre indivíduos, da situação, bem como das características de personalidade de cada pessoa (SOMMER, 1973).

Por isso, é importante que as instituições exerçam um controle populacional, restringindo o número de crianças atendidas a fim de oferecer condições espaciais de qualidade.

Bem como os adultos, as crianças precisam identificar um lugar como seu, de modo a remeter proteção e acolhimento. Assim, a criança procura esta atmosfera nos cômodos de sua moradia, no próprio quarto e até mesmo em lugares distintos em que ela se sinta segura e acomodada. Deste modo, proporcionar atmosferas domésticas facilita a apropriação, no caso da inserção em novos espaços, como abrigos e escolas, essa ambiência torna mais fácil à conexão com a nova instituição (TRANCIK; EVANS, 1995).

Não é por acaso que os locais de acolhimento visam oferecer um espaço semelhante a uma moradia, através dessa semelhança as crianças não se sentem tão deslocadas em relação aos indivíduos comuns, possuindo um cotidiano como o de qualquer pessoa, tendo uma residência com espaço para dormir, se alimentar, higienizar-se e brincar. Para muitas crianças o abrigo deixa de ser apenas um espaço

passageiro, configurando-se e sendo apresentado como “a minha casa”, como relatado pelos pequenos moradores à pesquisadora em uma de suas visitas.

Conforme Sommer (1973), o sentimento de posse e pertencimento está ligado à personalização, as pessoas rejeitam ambientes estranhos e preferem espaços que possam alterar e deixar suas impressões. Quando as crianças penduram sua arte na parede, ou colocam coisas em suas prateleiras, elas estão personalizando o espaço, o que também pode contribuir para uma atmosfera caseira. Permitir que uma criança personalize o ambiente possibilita a ela desenvolver a sensação de propriedade do espaço, de criar apegos e sentir-se familiar com seus arredores (TRANCIK; EVANS, 1995).

Chegar a uma residência e perceber paredes riscadas inicialmente pode parecer um ato de desleixo ou coisa parecida, no entanto, em uma moradia em que residem várias crianças com idade inferior a seis anos e com pouco espaço para ser personalizado, as paredes viram verdadeiros murais de obras de arte. As crianças do abrigo mostram com orgulho

seus desenhos e rabiscos, percebe-se que para elas aquilo se assemelha a uma exposição, cada um quer mostrar o seu, exibindo propriedade e sentimento de orgulho. As crianças deixam nas paredes suas marcas, suas impressões, exaltam a personalização do ambiente e conforme mencionado por Sommer (1973), expõem claramente o sentimento de posse e pertencimento do lugar. Nessas circunstâncias esta atitude não é vista como um ato de vandalismo, uma vez que o intuito destas crianças não está vinculado à deterioração e repulsão ao espaço, mas sim ao sentido de tomar posse e sentir-se pertencente ao lugar.

Em situação contrária, em ambientes onde não é possível a personalização, o indivíduo se sente recluso, submisso, sem seu próprio local. A perda do controle sobre o espaço desencadeia um desgaste psicológico e físico, uma vez que a pessoa acaba modificando a si próprio por não poder modificar o meio (KUHNNEN et al., 2010). Esta realidade é apresentada em instituições e espaços que não valorizam a relação pessoa-ambiente, oferecendo aos usuários o que lhe é conveniente. “Quando a

sociedade constrói instalações especiais para classes de não-pessoas [...] tais instituições são planejadas em função dos interesses da sociedade, e não dos interesses dos indivíduos” (SOMMER, 1973, p. 187).

Como apresentado neste capítulo, no que tange as instituições de acolhimento, é necessário um cuidado especial aos ambientes que são disponibilizados aos usuários, principalmente por se tratarem de pessoas que ainda estão em fase de desenvolvimento e construção do sujeito. Condições insatisfatórias e inadequadas dos espaços podem culminar em distintos problemas. “O espaço material é, pois, um plano de fundo, a moldura, sobre a qual as sensações se revelam e produzem marcas profundas que permanecem, mesmo quando as pessoas deixam de ser crianças” (LIMA, 1989, p. 13).

Para conhecer os espaços disponibilizados às crianças e adolescentes e compreender como se estabelecem as relações pessoa-ambiente nos Abrigos Institucionais, o próximo capítulo apresenta os materiais e métodos adotados para o desenvolvimento da presente pesquisa.





CAPÍTULO

03

[Materiais e Métodos]

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

#### 3.1 AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO

A metodologia empregada em uma pesquisa é fundamental para se alcançar as informações almejadas. Para tanto, a escolha dos materiais e métodos a serem empregados necessitam considerar a fundamentação teórica e os objetivos propostos pelo trabalho. Conseqüentemente, os resultados alcançados na pesquisa são decorrentes da precisão das informações coletadas e da análise rigorosa das respostas obtidas.

Como visto, a abordagem teórica reforça a importância, no que se refere ao ambiente construído, da qualidade do lugar, neste caso, em específico, do abrigo institucional. O processo histórico demonstra que o espaço oferecido pelas instituições nunca foi prioridade, ocorrendo uma mudança somente após a implantação do ECA. De todo modo, as melhorias ainda estão em andamento, sendo reflexo de estudos realizados que consideram necessária a interação

de aspectos físicos, sociais e psicológicos. Assim, através da relação estabelecida entre o estudo da criança, de Piaget, o conceito de Lugar, apropriação e espaço pessoal, por Tuan, Pol e Sommer, e espaços restauradores, de Trancik e Evans, constata-se a importância da relação ambiente-usuário no abrigo para que a habitação se caracterize em um lar, um espaço passível de acolhimento e apropriação.

O objetivo geral desta pesquisa é verificar como o ambiente construído dá suporte e contribui para as condições de acolhimento e apropriação em Abrigos Institucionais para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Deste modo, este trabalho caracteriza-se por estudar as relações recíprocas estabelecidas entre o comportamento humano e o ambiente, as quais são consideradas complexas, com uma multiplicidade de fatores envolvidos (GÜNTHER et al., 2011; ELALI; PELUSO, 2011). Portanto, esta pesquisa se fundamenta através da multidisciplinaridade, uma vez que é necessário o estudo prévio em outras áreas do conhecimento para que se possa compreender a relação pessoa-ambiente.

Segundo Elali e Peluso (2011), a cooperação entre diferentes áreas pode contribuir para o conhecimento, além de favorecer bons resultados e a satisfação dos pesquisadores. Assim, convém a este trabalho realizar uma abordagem metodológica variada, utilizando-se de métodos e técnicas provenientes de distintas áreas das ciências, com a possibilidade de produzir resultados mais qualificados (GÜNTHER et al., 2008).

De acordo com GÜNTHER et al. (2011), a abordagem multimétodos implica o uso de dois ou mais métodos de pesquisa, em função do objeto almejado na investigação. Sob essa ótica, é preciso ter uma noção do contexto estudado, a fim de poder escolher os métodos mais adequados que possibilitem um conhecimento maior do objeto de estudo.

Considerando o pressuposto teórico dessa pesquisa e a intenção de se investigar como os espaços destinados ao acolhimento de crianças em situação de vulnerabilidade se comportam em relação às condições de acolhimento e apropriação, adotou-se como metodologia de pesquisa a Avaliação

Pós-Ocupação (APO), através de uma abordagem multimétodos.

De acordo com Ornstein e Romero (1992), a APO consiste em avaliações realizadas no ambiente construído, após determinado tempo de uso e ocupação, que visam o desempenho e à satisfação dos usuários em relação à edificação. Tal avaliação, objetiva, dentre outras características, proporcionar melhorias na qualidade de vida das pessoas. Segundo os autores, o processo de APO baseia-se em fatores físicos, funcionais, estéticos e comportamentais do ambiente construído e em uso, sendo de total relevância a opinião dos responsáveis pelo desenvolvimento do projeto, como também dos usuários, com o intuito de diagnosticar mais facilmente os aspectos positivos e negativos do objeto em análise.

Nesse contexto, a APO é considerada uma prática diferenciada das demais avaliações de desempenho “[...] pois considera fundamental também aferir o atendimento das necessidades ou o nível de satisfação dos usuários, sem minimizar a importância

da avaliação de desempenho físico ou “clássica” (ORNSTEIN; ROMERO, 2003, p. 26). Para tanto, são utilizados instrumentos variados que possibilitam a obtenção do diagnóstico arquitetônico e da relação pessoa-ambiente (ORNSTEIN; ROMERO, 1992).

Cabe salientar que nos procedimentos metodológicos adotados nessa pesquisa será considerada uma abordagem experiencial, designação utilizada pelo grupo ProLUGAR<sup>6</sup>. Nesta abordagem o pesquisador assume uma postura mais ativa, através de uma observação mais atenta. Recomenda-se que o observador anote suas experiências durante a interação com o ambiente. Assim, há uma maior proximidade do pesquisador com os usuários a fim de enriquecer as informações e evitar interpretações equivocadas (RHEINGANTZ et al, 2009). Ao experienciar o ambiente e estabelecer empatia com os usuários, o observador enriquece sua observação, e o

---

<sup>6</sup> Sigla do grupo de pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ - FAU-UFRJ), que desenvolve pesquisas relacionadas a percepção, cognição ambiental e qualidade do lugar e seus reflexos na arquitetura e urbanismo (RHEINGANTZ et al, 2009).

conteúdo produzido através desta experiência é mais consistente e significativo do que aqueles resultantes de uma interpretação distanciada e desincorporada do pesquisador (AZEVEDO; RHEINGANTZ, 2008).

### 3.2 INSTRUMENTOS

Para a produção do presente trabalho foi selecionado como estudo de caso a Casa de Acolhimento Provisório (CAP), localizada na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), no estado do Espírito Santo. A unidade foi selecionada por caracteriza-se em um Abrigo Institucional e acolher crianças com a faixa etária de 0 a 12 anos. Além disso, a escolha do abrigo levou em consideração o interesse dos responsáveis pela execução da pesquisa no local e as dificuldades impostas por outras instituições.

Cabe ressaltar que o estudo somente foi iniciado após ser aprovado pelo Comitê de Ética, com o objetivo de proteger a integridade física e moral das pessoas envolvidas. Para disponibilizar informações sobre a pesquisa e seus procedimentos foram produzidos

documentos direcionados aos diferentes públicos do abrigo, composto por seres humanos de diferentes faixas etárias, com compreensões distintas. A participação na pesquisa foi de livre escolha, não sendo nenhum indivíduo, em nenhum momento, forçado a nada. Todos os documentos produzidos e disponibilizados aos usuários do abrigo encontram-se anexados no final desta dissertação.

Através da aplicação de instrumentos de APO buscou-se analisar a apropriação e o acolhimento existente, ou não, no espaço destinado ao Abrigo Institucional. Para a pesquisa de campo, foram escolhidos cinco instrumentos: Análise *Walkthrough*, Mapa Comportamental, Mapa Cognitivo, Seleção Visual e Entrevista. A seleção dos respectivos instrumentos levou em consideração a abrangência dos usuários a serem abordados, caracterizados por crianças e adultos.

Como a interação da criança com o ambiente é o principal foco deste trabalho, sua opinião e o modo como percebe e se relaciona com os elementos a sua volta são muito importantes, com isso, foram

selecionados dois instrumentos para serem aplicados exclusivamente a elas. Essa inclusão faz parte de uma tentativa de alterar uma condição pré-estabelecida, onde “a criança tem sido, de longa data, objeto de estudo em pesquisas acadêmicas, no entanto, essas são pesquisas a respeito das crianças e não com a sua participação direta” (CRUZ, 2009, p. 330).

De modo geral, a aplicação dos instrumentos teve como pretensão obter informações sobre os ambientes e seus usos através de perspectivas diferentes, com isso, a análise deste trabalho foi dividida em três pontos de vista: (1) pesquisador/observador (Análise *Walkthrough*, Mapa Comportamental); (2) crianças (Mapa Cognitivo, Seleção Visual); (3) funcionários/usuários do local (entrevista).

Os resultados obtidos através dos instrumentos aplicados foram analisados quantitativamente. O principal objetivo da análise de dados é levantar o nível de satisfação do usuário, analisando as diferentes percepções em relação ao acolhimento e a apropriação do espaço. A apresentação dos resultados foi produzida através de categorização,

contabilizados através da frequência de respostas e aparecimento, expostos através de representações gráficas, de modo a simplificar e facilitar o entendimento do leitor.

Com base nas informações alcançadas ao longo do trabalho, foram desenvolvidas recomendações para o estudo de caso, visa-se através desse recurso contribuir para a melhoria dos ambientes e, conseqüentemente, das condições de acolhimento e apropriação do espaço.

### **3.2.1 Análise *Walkthrough***

A análise *Walkthrough* corresponde ao percurso realizado pelo pesquisador através dos ambientes da edificação a ser avaliada, procedida juntamente com um ou mais usuário do espaço, o qual ao longo do trajeto disponibiliza suas percepções. Deste modo, esse instrumento combina simultaneamente uma observação com uma entrevista (RHEINGANTZ et al., 2009).

Segundo RHEINGANTZ et al. (2009), a *Walkthrough* possibilita a identificação de aspectos positivos e negativos dos ambientes. Para tanto, a obtenção de informações adquiridas nos ambientes podem ser guiadas através de um *checklist*, complementado por registros fotográficos, gravação de áudios, croquis, entre outras maneiras que o observador achar pertinente. Em geral, essa análise busca promover a familiarização do pesquisador com a edificação e seus usos, possibilitando relacionar os aspectos físicos identificados com as reações e sentimentos atribuídos pelos usuários através do contato com o ambiente. Essa análise é caracterizada como um elemento importante da pesquisa, pois através dela é possível identificar quais os instrumentos mais adequados para serem utilizados e quais ambientes merecem um estudo mais aprofundado.

Para a presente pesquisa, buscou-se através da análise *Walkthrough* conhecer os espaços da edificação analisada, levantando os aspectos positivos e negativos dos ambientes, assim como seus usos e interações, sendo o acolhimento e a apropriação características norteadoras da

observação. Para tanto, o percurso realizado foi conduzido junto a um funcionário responsável pela instituição, onde suas observações foram anotadas e arquivadas. Para o registro das descobertas foram elaborados dois modelos de fichas, uma de anotação para cada ambiente (Figura 4), almejando uma avaliação mais específica, e um *checklist* (Figura 5), composto de vários critérios, para avaliação geral da edificação. Foram utilizados como suporte registros fotográficos e croquis.

**PROARQ** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

**WALKTHROUGH – FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTAL**

Observador (a): \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ Horário Inicial: \_\_\_\_\_ | Horário Final: \_\_\_\_\_

Nº de Identificação: \_\_\_\_\_ Ambiente: \_\_\_\_\_ Área: \_\_\_\_\_ Atividades realizadas: \_\_\_\_\_

<b>Térmico:</b>	Muito Quente	Quente	Confortável	Frio	Muito Frio	CROQUI/LAYOUT:
<b>Iluminação:</b>	Muito Escuro	Escuro	Confortável	Claro	Muito Claro	
<b>Acústica:</b>	Muito Ruído	Ruído	Confortável	Silêncio	Muito Silêncio	
<b>Qualidade do ar:</b>	Muito Ruim	Ruim	Confortável	Boa	Muito Boa	

Comentários: \_\_\_\_\_ Mobiliário: \_\_\_\_\_

	Revestimento	Cores	Textura
<b>Piso</b>			
<b>Parede</b>			
<b>Teto</b>			

PLANTA-CHAVE

Figura 4: Modelo da ficha de Inventário Ambiental  
Fonte: Autora (2018)

**PROARQ** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

**ANÁLISE DE PARÂMETROS INSTITUÍDOS - CHECKLIST**

Observador (a): \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ Horário Inicial: \_\_\_\_\_ | Horário Final: \_\_\_\_\_

Observação conforme características apresentadas no documento "Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes" do CONANDA e CNAS (2009).

Comentários: \_\_\_\_\_

		EM RELAÇÃO AOS AMBIENTES	
		A	NA
Quartos			
Sala de Estar ou similar			
Sala de Jantar/Copa			
Ambiente para estudo			
Banheiros			

AVALIAÇÃO	A	NA		
	ATENDE	NÃO ATENDE	A	NA
<b>EM RELAÇÃO A EDIFICAÇÃO</b>				
Localização				
Entorno				
Semelhança com residência				
Placa informativa				
Quantidade de crianças atendidas				

Figura 5: Demonstração de uma das Fichas de Checklist  
Fonte: Autora (2018)

A partir da averiguação das informações produzidas por essa ferramenta, foi possível fazer alterações em outros instrumentos visando a otimização de seus respectivos resultados.

### 3.2.2 Mapa Comportamental

O mapa comportamental baseia-se no registro de observações realizadas em um ambiente considerando o comportamento e as atividades

produzidas pelos usuários, sendo seus resultados obtidos através de representações gráficas. A partir da aplicação dessa ferramenta é possível se identificar usos, layouts, fluxos e outras interações dos usuários com o ambiente (RHEINGANTZ et al., 2009; GÜNTHER et al., 2008).

De acordo com RHEINGANTZ et al. (2009), o mapa comportamental tem a função de atender aos seguintes objetivos: (1) registrar as atividades e a localização das pessoas no ambiente, através de representações esquemáticas e/ou gráficas; (2) representar, através de ilustrações o espaço e o uso dos indivíduos dentro de um determinado espaço de tempo; (3) analisar se o ambiente construído está de acordo com o ambiente planejado. Cabe salientar, embora existam dois tipos de mapas comportamentais, em que um é centrado nos indivíduos e o outro centrado nos lugares, o presente trabalho utilizará apenas a segunda opção, tendo por objetivo compreender como os usuários se comportam e utilizam o espaço.

Através do Mapa Comportamental (Figura 6) foi possível compreender o funcionamento das relações estabelecidas pelos usuários em dois ambientes

coletivos presentes da instituição - a sala e a área externa. A análise *Walkthrough* foi fundamental para a escolha destes ambientes, uma vez que foi observado um intenso uso pelas crianças. Procurou-se observar nos ambientes selecionados como ocorrem as movimentações das crianças e a apropriação dos espaços, identificando os locais dotados de afetividade ou então repulsa e neutralidade, além de serem observados aspectos relativos ao comportamento e a socialização.

**PROARQ** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

**MAPA COMPORTAMENTAL**

Observador (a): \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ Horário Inicial: \_\_\_\_\_ | Horário Final: \_\_\_\_\_

Ambiente: \_\_\_\_\_

**Legenda:**

- ⊙ Observador
- ▲ Menina
- Menino
- ★ Cuidador
- Visitante
- ⊞ Barulho
- Interação
- Briga
- > Movimentação
- Corrida
- ⬢ Atividade estática
- ⬢ Atividade dinâmica

**Comentários:**

PLANTA-CHAVE

Figura 6: Modelo da ficha do Mapa Comportamental  
Fonte: Autora (2018)

### 3.2.3 Mapa Cognitivo

O Mapa Cognitivo, também conhecido como Mapa Mental, consiste na elaboração de desenhos ou relatos de memória representativa que um indivíduo tem de um dado ambiente. Formulado originalmente por Kevin Lynch, os mapas mentais são desenvolvidos para obter informações sobre a imagem ambiental que as pessoas possuem do ambiente pesquisado (Martins et al., 2011; RHEINGANTZ et al., 2009). Segundo RHEINGANTZ et al. (2009), o material produzido pode ser reflexo das experiências pessoais ou de distintas informações absorvidas pelas pessoas em seu cotidiano.

Considerando que “o mapa mental define o ambiente percebido pelo respondente e indica a importância de um elemento físico em relação ao outro” (RHEINGANTZ et al., 2009), este instrumento foi aplicado junto às crianças abrigadas visando compreender o valor atribuído aos ambientes por cada uma. Sob essa ótica, foram aplicados dois modelos de fichas (Figura 7), uma referindo-se ao ambiente que o usuário mais gosta na instituição e outra ao que menos gosta, permitindo através de

seus resultados o levantamento dos elementos e espaços mais significativos e consequentemente efetivos de apropriação.

**PROARQ** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

**MAPA COGNITIVO**

Data: / / Horário Inicial: | Horário Final: Pesquisadora: Bárbara Terra Queiroz | bterra.queiroz@gmail.com

Sexo:  Feminino  Masculino Idade: Tempo de permanência no abrigo:

Esta Ficha poderá ser preenchida em forma de desenho ou escrita, a sua identificação não é necessária.  
Responda a seguinte sentença conforme a sua preferência:  
**O lugar que eu MAIS GOSTO no abrigo é....**

Obrigada por sua colaboração! ❤️

Figura 7: Modelo de uma das fichas do Mapa Cognitivo  
Fonte: Autora (2018)

### 3.2.4 Seleção Visual

A Seleção Visual se configura como um instrumento que tem como objetivo identificar os valores e significados que um determinado espaço tem para seus usuários, sendo avaliado através de um

conjunto de imagens, previamente escolhidas, disponibilizadas pelo pesquisador. Desse modo, busca-se relacionar as imagens utilizadas com os ambientes vivenciados pelo respondente. Este recurso permite compreender as preferências e associações efetuadas pelas pessoas em relação ao ambiente utilizado (RHEINGANTZ et al., 2009).

Conforme Sanoff (1991) (apud. RHEINGANTZ et al., 2009), através da disponibilização de imagens é possível obter uma melhor compreensão do ambiente, e a ilustração pode auxiliar na obtenção de resultados que dificilmente instrumentos tradicionais de pesquisa conseguiriam, por não contemplar aspectos simbólicos da percepção ambiental.

A seleção visual, por ser uma ferramenta de fácil compreensão e execução, foi aplicada junto às crianças do abrigo, almejando compreender suas visões em relação ao local onde se sentiam bem e acolhidas. O instrumento apresentou uma sequência de imagens de residências, e a criança detinha a alternativa de escolher em seu entendimento o local que ela considera como sua moradia, sendo uma das imagens expostas, o próprio abrigo (Figura 8).

Através deste recurso visou-se estabelecer a relação que cada criança faz do abrigo, interpretando, ou não, se tal espaço é configurado como seu lar.

PROARQ  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

**SELEÇÃO VISUAL**

Data: / / Horário Inicial: | Horário Final: Pesquisadora: Bárbara Terra Queiroz | bterra.queiroz@gmail.com

Sexo:  Feminino  Masculino Idade: Tempo de permanência no abrigo:

Marque abaixo a imagem que melhor representa a sua moradia:

Imagem A  Imagem B  Imagem C  Imagem D

Justificativa:

Obrigada por sua colaboração! ❤️

Figura 8: Modelo da ficha de Seleção Visual  
Fonte: Autora (2018)

### 3.2.5 Entrevista

A entrevista é um dos principais recursos utilizados em pesquisas no campo das ciências sociais. Este instrumento pode ser considerado uma técnica de conversação entre o profissional e os usuários-chaves,

da qual resulta um conjunto de informações subjetivas sobre algum assunto ou espaço específico. Seu bom desempenho é atribuído em relação à interação desenvolvida entre o pesquisador e o respondente, e não somente à qualificação ou competência do investigador. É recomendado que o contato com o entrevistado seja realizado de maneira presencial, no qual é possível observar e reconhecer alterações, positivas e negativas, do usuário em determinada abordagem (LUDKE; ANDRÉ, 1986 apud. RHEINGANTZ et al., 2009; RHEINGANTZ et al., 2009).

RHEINGANTZ et al. (2009) relatam que existem três tipos de entrevista: (1) Entrevista estruturada ou padronizada, é aquela entrevista que segue um roteiro programado, se assemelhando a um questionário, porém, diferenciado pelo procedimento de resposta; (2) Entrevista semi-estruturada, caracterizada por ser uma entrevista mais aberta, na qual o entrevistador pode preparar um roteiro e conforme a necessidade agir sobre ele; (3) Entrevista não estruturada ou não dirigida, tipo de entrevista que não tem um roteiro para ser seguido, é desenvolvida de maneira espontânea conforme o entrevistado vai disponibilizando

informações. A eficácia deste tipo de entrevista está associada à produção de respostas espontâneas e não forçadas, onde são expostos aspectos afetivos e de opinião do sujeito.

Como auxílio para a pesquisa foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas com usuários-chaves do abrigo - coordenadora, psicóloga e assistente social, visando obter informações adicionais sobre os espaços e determinados pontos de vista sobre a instituição. Além disso, foram realizadas conversas informais com os demais funcionários e usuários, a fim de reconhecer as principais características dos espaços pesquisados.

No próximo capítulo será apresentado o estudo de caso selecionado para o desenvolvimento desta pesquisa. No decorrer do texto serão exibidas as análises e os resultados obtidos através da aplicação dos instrumentos escolhidos, possibilitando, através da compilação de dados, verificar as condições de acolhimento e apropriação das crianças e adolescentes no abrigo.



CAPÍTULO

04

[Estudo de caso]

## 4 ESTUDO DE CASO – CASA DE ACOLHIMENTO

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO

#### 4.1.1 Localização

A Casa de Acolhimento Provisório (CAP), também conhecida como CAP infantil, selecionada para esta pesquisa encontra-se localizada na Região Metropolitana da Grande Vitória, no Espírito Santo. A edificação, conforme exigências do CONANDA e CNAS (2009), está inserida em uma região com predominância residencial dotada de infraestrutura adequada, com equipamentos urbanos que dão suporte aos moradores e usuários, como proximidade a unidades de educação e saúde, comércio, áreas de lazer, instituições religiosas e abastecimento de transportes públicos. Em relação a este último equipamento, a instituição é privilegiada, sendo atendida por duas linhas de ônibus intermunicipais, que proporcionam um fácil deslocamento para diversos lugares da grande Vitória.

“ De todos os abrigos que já visitei até hoje, algo diferente eu presenciei nesse, vi que existe força de vontade, e muito mais que isso, amor, muito amor por todas as crianças. ”

(Trecho do diário de campo da pesquisadora)

Para o anonimato e a segurança das crianças inseridas no respectivo abrigo, ao longo deste trabalho não serão reveladas quaisquer informações que caracterize a localização da edificação, portanto, não serão divulgados endereços e/ou imagens que possibilite a indicação da região onde o abrigo encontra-se inserido. A não divulgação da localização foi um dos critérios solicitados pela diretora da instituição para que o trabalho pudesse ser executado no local. Através dessa medida visa-se proteger todas as crianças, principalmente as que se encontram inseridas sobre sigilo, nestes casos, conforme ordem judicial, nenhum familiar ou pessoas próximas devem saber informações sobre o paradeiro do menor.

#### **4.1.2 A Edificação**

A CAP infantil tem um ano de funcionamento em seu atual endereço. Sua antiga localização se situava em um outro bairro, um pouco distante do atual. Devido à condição da casa anterior ser baseada em aluguel, a prefeitura em posse de um novo imóvel ofereceu o espaço para o funcionamento do Abrigo Institucional,

o que condicionou o ajuste rápido do novo espaço e a mudança dos usuários para a edificação já existente.

Segundo informações obtidas em uma das visitas realizadas na casa de acolhida, a função realizada anteriormente no imóvel era o funcionamento de um bar. Em meio a necessidade rápida de mudança, algumas características foram mantidas no local, como o exemplo da cerâmica desgastada do piso e a disposição dos ambientes. Devido ao tipo de uso anterior, na parte de trás da casa, no quintal, são ainda encontrados vidros de garrafas quebradas, o que restringe o acesso infantil por motivos de segurança, a não ser quando acompanhados de adultos.

A área disponibilizada para atender as funções do abrigo é composta por dois lotes, um se encontra livre, sem uso, ocupado por vegetação, e o outro com a edificação inserida (Figura 9); no entanto, a CAP infantil possui livre acesso aos dois espaços. A casa existente é uma construção relativamente nova, mas que devido ao seu uso anterior se encontra com bastante desgaste.

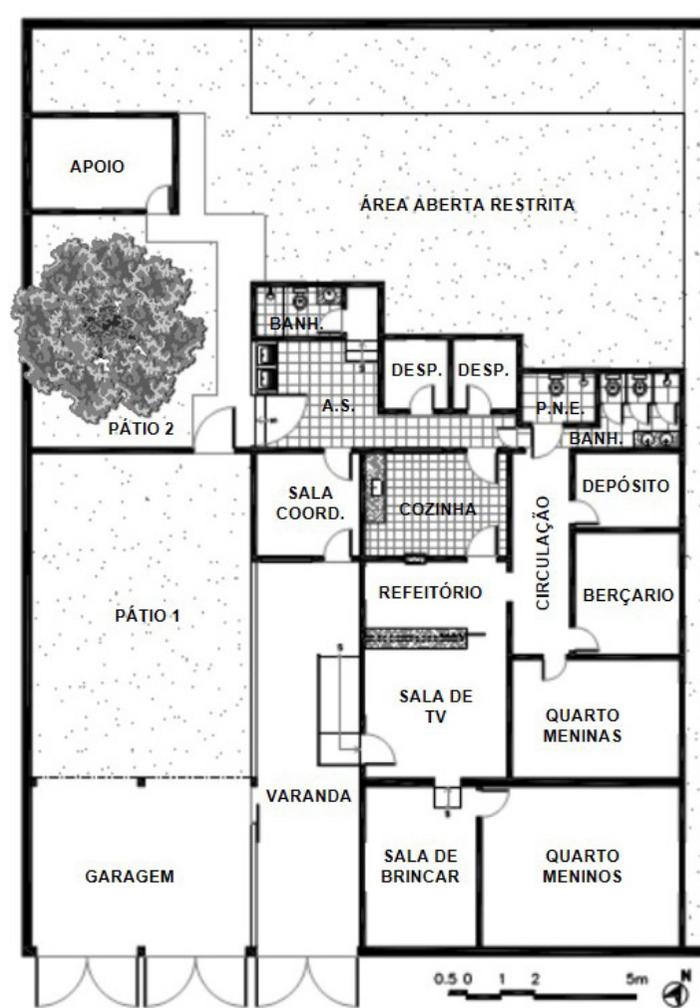


Figura 9: Planta Baixa do CAP infantil  
 Fonte: Autora (2018)

A edificação é bem ampla, composta de apenas um pavimento, em que estão inseridos quase todos os ambientes da instituição (Figura 10), com exceção da sala da equipe técnica, também reconhecida como apoio, a qual precisou ser inserida em uma área desvinculada do local de moradia devido à ausência de espaço.

Quando analisada a composição do espaço existente, percebe-se uma divisão satisfatória entre os usos existentes (Figura 11) e uma boa proporção entre a área edificada e a área livre. O tamanho do pátio disponível para as crianças impressiona. Este apresenta um generoso espaço, no entanto, ainda pouco explorado, assim como o terreno vazio ao lado. Os funcionários do abrigo possuem muitas ideias, porém, a ausência de recursos e o curto tempo na nova edificação ainda não possibilitaram modificações, para tanto a equipe solicitou o auxílio e a opinião da pesquisadora para pequenas intervenções no local.

Figura 10: Planta Baixa da edificação  
Fonte: Autora (2018)



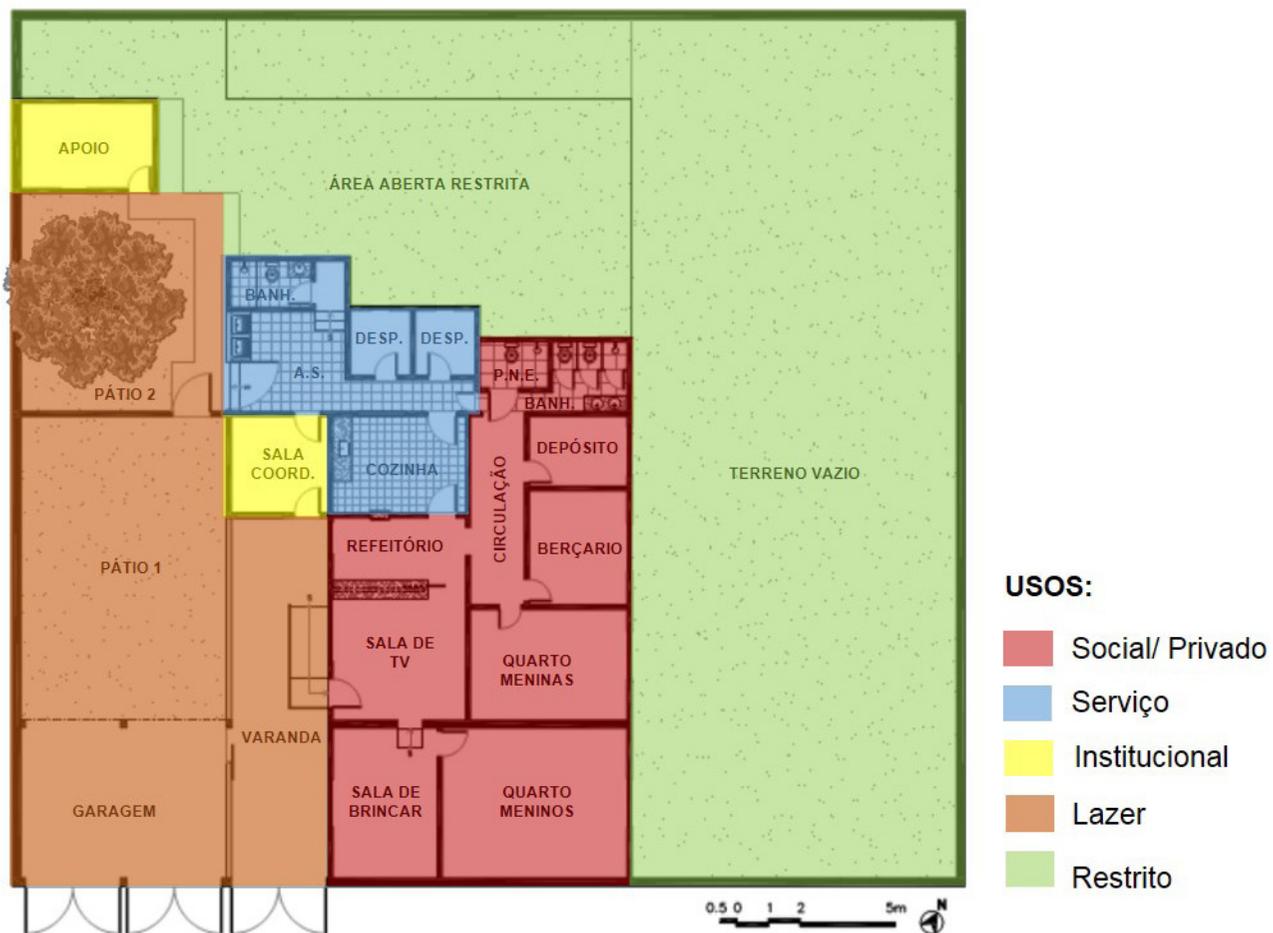


Figura 11: Usos do CAP infantil  
 Fonte: Autora (2018)

Em relação à fachada, esta é bem simples, condizendo com as outras construções do entorno próximo, não apresentando nenhum elemento ou tipo de identificação que a segregue das demais moradias do bairro (Figura 12). Deste modo, é possível assegurar a privacidade dos moradores e a garantia do respeito à diversidade e não discriminação por parte da sociedade (CONANDA; CNAS, 2009).



Figura 12: Fachada do CAP infantil  
Fonte: Autora (2018)

### 4.1.3 Caracterização do Atendimento

Embora o número de crianças e adolescentes inseridos nos abrigos seja bastante instável, devido a entradas e saídas, conforme ordens judiciais, a CAP infantil durante as visitas da pesquisadora apresentou uma variação entre 18 a 26 abrigados. Na residência são acolhidas crianças e adolescentes de ambos os sexos, com idades variando de 0 a 12 anos. Todos os indivíduos inseridos na instituição tiveram seu encaminhamento realizado com a finalidade de garantir sua proteção e o tratamento adequado, visando a preservação de sua integridade física e psicológica, sendo diversos os motivos que levaram para a condição de abrigamento e que concretizaram o afastamento do seu convívio familiar.

Embora o abrigo seja específico para crianças de 0 a 12 anos, é comum a instituição receber adolescentes com idade superior a atendida. Ainda que não seja considerada a melhor solução, por conta da grande diferença de faixa etária com os demais, essa exceção ocorre devido ao vínculo de parentesco, não sendo desejável a separação de irmãos ao serem encaminhados para o serviço de acolhimento.

Tendo como principal objetivo a qualidade dos serviços disponibilizados para atender os indivíduos que se encontram em condições vulneráveis, visando o desenvolvimento e a prestação de cuidados adequados, o local disponibiliza uma estrutura de serviço composta por 19 funcionários, os quais conforme as funções realizadas trabalham no regime de turnos ou prestam serviços apenas uma ou duas vezes por semana, como é o exemplo do administrador. Em dias normais, a equipe de trabalho conta com o serviço de uma coordenadora, uma psicóloga, uma assistente social, duas auxiliares de serviços gerais, dez cuidadores e duas cozinheiras. Além dos funcionários já citados, a casa também conta com um motorista que atua no turno matutino e vespertino, porém, quando em necessidade de deslocamento noturno é utilizado táxi, devido a uma parceria realizada pela prefeitura.

#### **4.1.4 Cotidiano no Abrigo**

As crianças inseridas no abrigo possuem uma rotina bem simples, a instituição tenta oferecer aos internos o cotidiano comum de uma criança inserida em uma habitação familiar. A rotina das crianças pode ser

caracterizada em dois contextos, um é caracterizado pelos dias úteis da semana e o outro pelos dias do final de semana.

Durante a semana, as crianças acordam por volta das 6 horas da manhã e se arrumam para ir à escola, algumas estudam em escolas diferentes, sendo responsabilidade do motorista o deslocamento de todas ao seu local de estudo. Por volta das 11 horas, as crianças retornam ao abrigo, elas almoçam e vão descansar. A partir das 15 horas, as crianças começam a despertar e vão saindo dos quartos aos poucos. Após acordadas, fazem um lanche e ficam brincando ou vendo televisão. O jantar é servido às 18h30min e após isso as crianças vão estudar e fazer suas atividades de casa. Às 21 horas, é recomendado que todas as crianças se encontrem deitadas e dormindo, ou tentando. As crianças que não frequentam a escola ficam no abrigo, ainda são muito pequenas, e passam o dia brincando.

Nos finais de semana, as crianças possuem uma rotina mais livre, por isso acordam mais tarde. Geralmente, nesses dias, são programadas algumas saídas, como idas a parques, áreas de lazer e em

alguns casos visitas familiares, ou então, pode ocorrer confraternizações no abrigo com pessoas que fazem visita. Não há muitas regras em relação ao final de semana, no entanto, é tentado seguir o padrão dos horários de alimentação e sono para que a rotina não seja totalmente alterada.

#### 4.2 ANÁLISE WALKTHROUGH

A primeira visita ao abrigo foi realizada no dia 27 de novembro de 2017, na parte da tarde, mais precisamente entre 14h e 16h, foi uma visita rápida apenas com o intuito de conhecer a instituição e poder explicar o trabalho que seria realizado, até porque neste momento a pesquisa ainda não tinha sido aprovada pelo Comitê de Ética e a pesquisadora estava validando outras instituições para a escolha do estudo de caso.

Este primeiro momento junto ao abrigo foi muito importante, além de conhecer o espaço da instituição foi possível um diálogo com a coordenadora do local, que através de uma conversa informal contou um pouco da trajetória do respectivo abrigo e as

condições e dinâmicas atuais da instituição. Bastante solícita, a coordenadora mostrou grande interesse pela pesquisa e permitiu a realização de outras visitas, caso a pesquisadora achasse conveniente para a escolha da instituição. Mesmo muito ocupada, a coordenadora se deixou a disposição em caso de dúvidas e disponibilizou seu contato pessoal.

Além da responsável pelo CAP infantil encontrava-se presente durante a conversa o administrador do local, que faz visitas regulares durante a semana no abrigo, porém, seu posto de trabalho é em outra localidade. O administrador foi o responsável por agilizar e proporcionar a visita à instituição, consistindo no primeiro contato feito pela pesquisadora, e foi quem apresentou os espaços existentes da edificação. O percurso pelos ambientes foi realizado permeado por conversas informais, quando eram pontuadas algumas observações e percepções do usuário em relação ao espaço. Através dos relatos do diário de campo desta visita é possível compreender a primeira experiência da pesquisadora no local.

Confesso que estou com uma expectativa muito grande para essa primeira visita, depois de meses tentando conseguir a autorização para ir

em um abrigo... finalmente conheci pessoas que compreenderam a necessidade do meu estudo e quiseram me ajudar. Eu nunca fui na região onde o abrigo está localizado, mas pelo que pude ver no Google Maps não tem muito erro. Hoje estou me sentindo ótima, bem confiante e bastante empolgada, vai dar tudo certo! Depois de entrar em algumas ruas erradas, acho que finalmente cheguei, ao menos é o endereço que me foi passado. Como já era de se esperar, não tem placas e nada que me faça ter certeza de que cheguei em um abrigo, mas será que aqui é o abrigo? Olhando pelos buracos das grades parece ser bem grande esse lugar.

[...]

Fui pega de surpresa, não esperava que fosse gostar tanto do espaço, são tantas coisas para analisar. A casa é bem grande, o pé direito é bem alto, tem bastante espaço livre, as crianças devem brincar bastante nos espaços. É uma casa antiga né, era um bar, por isso o piso está tão desgastado. As paredes estão um pouco sujas também e as crianças já rabiscaram bastante. Meu Deus, as crianças estão dormindo. O quarto dos meninos é tão grande, são tantas camas, acredito que o layout poderia ser melhor, poderia ser mais personalizado também. As meninas também dormem, sinto falta de um quarto mais alegre, estou achando tudo muito bege. Ai meu Deus, partiu meu coração esses bebês! Achei o berçário muito amontado de coisas. Sinto a ausência de mobiliários, a sala é bem vazia. Todos os cômodos da casa precisam de armários urgente!!

[...]

Não sei explicar, por mais que eu não tenha feito esforço nenhum nessa visita eu me sinto tão cansada psicologicamente, mas é uma sensação boa. Depois que as crianças acordaram não consegui mais prestar atenção em nada, elas queriam mexer no meu cabelo, queriam desenhar no meu caderno, queriam conversar... eram tantas... prefiro nem pensar os motivos que as levaram ao abrigo, dói um pouco menos, mas por outro lado, como pode ser tão injusto, elas são apenas crianças! De todos os abrigos que já visitei até hoje, algo diferente eu presenciei nesse, vi que existe força de vontade, e muito mais que isso, amor, muito amor por todas as crianças. (Trecho do diário de campo da pesquisadora, dia 27 de novembro de 2017)

Durante a conversa com a coordenadora foi comentado que o abrigo iria passar por algumas reformas em breve, já que tinham sido recebidas doações de alguns materiais e eles estavam esperando apenas a liberação do orçamento para iniciarem os reparos. A coordenadora mencionou ainda, que em breve algumas coisas estariam mudadas e pediu algumas sugestões. De fato, o que ocorre é que no final do ano, devido ao natal e as confraternizações, os abrigos acabam recebendo bastantes doações e visitas de pessoas levando

presentes e interagindo com as crianças, sendo até mesmo a pesquisadora confundida por uma criança com um destes visitantes.

Enquanto as crianças mexiam no meu cabelo e desenhavam no meu caderno, uma menina de 8 anos se aproximou e falou que queria falar algo no meu ouvido, claro que deixei, e em meio a um turbilhão de sentimentos causados no momento ela falou “Tia você veio fazer visita? Vai vir mais gente? Se você quiser me dá um presente eu quero uma boneca com chupeta e mamadeira”. E o que se responde em uma hora dessas? Simplesmente não sabia o que falar, só conseguia pensar que o pedido dela era tão pequeno em relação a minha vontade de pegar ela e levar para minha casa. (Trecho do diário de campo da pesquisadora, dia 27 de novembro de 2017)

Após várias visitas a diferentes instituições e com o prazo curto para o desenvolvimento da pesquisa, e ainda sem a autorização do Comitê de Ética, foi decidido que o trabalho seria realizado em apenas uma instituição e que esta seria o CAP infantil. Visando agilizar o estudo, a pesquisadora retornou à instituição no dia 05 de janeiro de 2018, sabendo que não poderia iniciar ainda a pesquisa com os usuários e que a edificação não tinha o projeto de arquitetura.

Assim, com a autorização da coordenadora, neste dia foi realizado o levantamento físico e fotográfico dos espaços do abrigo.

No dia 15 de março de 2018 o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética, e foi possível dar início a pesquisa e a aplicação dos instrumentos de APO. Embora a pesquisadora já tivesse conhecimento dos espaços do abrigo, apenas no dia 16 de março foi realizada a *Walkthrough*, quando ocorreu o preenchimento do *checklist* e das fichas de inventário ambiental de todos os ambientes. Devido à familiaridade com os ambientes da instituição, a aplicação do instrumento foi considerada fácil e rápida de se realizar.

O dia estava extremamente quente. Assim que cheguei reparei que as paredes tinham sido pintadas e que tinham sido instaladas gramas artificiais em dois espaços externos, ambos materiais obtidos através de doações. Todos no abrigo estavam ocupados e não puderam me dar muita atenção. Fiz algumas aferições de medidas que tinham me deixando na dúvida quando desenvolvi as plantas em modo digital e após a verificação iniciei o *checklist* e as fichas de inventário ambiental. Quando cheguei ao abrigo, logo após ao almoço, as crianças estavam dormindo. Em torno das

15h30min elas começaram a acordar, aos poucos iam aparecendo crianças e ocupando os espaços da casa. Neste dia iria ter um evento no abrigo e as crianças teriam que tirar fotos, por isso após acordarem foram direcionadas ao banheiro para tomar banho e se arrumar. Eu estava me sentindo bem, embora o calor tenha me cansado bastante. (Trecho do diário de campo da pesquisadora, dia 16 de março de 2018)

A aplicação do *Walkthrough* auxiliou no levantamento das condições técnico-construtivas, bem como de conforto, além da identificação dos pontos positivos e negativos dos ambientes, sendo o acolhimento e a apropriação os principais aspectos de observação. Como já exposto anteriormente, para o registro das descobertas foram elaborados dois modelos de fichas, um *checklist*, para avaliação geral da edificação, e inventário ambiental para cada ambiente, almejando uma avaliação mais específica. Para o auxílio na obtenção de informações foram utilizados desenhos, registros fotográficos e a planta baixa da edificação e de cada ambiente.

A seguir é possível observar o modelo de ficha utilizada para o *checklist*, apresentada já preenchida, conforme a percepção da pesquisadora.

WALKTHROUGH - CHECKLIST							
Observador (a): Bárbara Terra Queiroz		Data: 16/03/2018	Horário Inicial: 13h10min   Horário Final: 15h05min				
GRAU DE AVALIAÇÃO	MB MUITO BOM	B BOM	R RUIM	MR MUITO RUIM	NA NÃO SE APLICA		
<b>1. ASPECTOS CONTEXTUAIS AMBIENTAIS</b>			<b>MB</b>	<b>B</b>	<b>R</b>	<b>MR</b>	<b>NA</b>
Tráfego				✗			
Acesso				✗			
Localização					✗		
Paisagismo					✗		
Qualidade do ar				✗			
Ventilação				✗			
Acústica					✗		
Temperatura						✗	
Iluminação				✗			

Figura 13: Ficha de *Checklist* - folha 1  
Fonte: Autora (2018)

WALKTHROUGH - CHECKLIST							
Observador (a): Bárbara Terra Queiroz		Data: 16/03/2018	Horário Inicial: 13h10min   Horário Final: 15h05min				
GRAU DE AVALIAÇÃO	MB MUITO BOM	B BOM	R RUIM	MR MUITO RUIM	NA NÃO SE APLICA		
<b>2. ASPECTOS ESTÉTICO-COMPOSITIVOS</b>			<b>MB</b>	<b>B</b>	<b>R</b>	<b>MR</b>	<b>NA</b>
Aparência externa				✗			
Aparência interna				✗			
Imagem				✗			
Cores					✗		
Textura				✗			
Formas					✗		
Proporções				✗			
Símbolos					✗		
Princípios compositivos					✗		
Padronização				✗			
Adequação dos cômodos as atividades				✗			

Figura 14: Ficha de *Checklist* - folha 2  
Fonte: Autora (2018)

WALKTHROUGH - CHECKLIST							
Observador (a): Bárbara Terra Queiroz		Data: 16/03/2018		Horário Inicial: 13h10min   Horário Final: 15h05min			
GRAU DE AVALIAÇÃO	MB MUITO BOM	B BOM	R RUIM	MR MUITO RUIM	NA NÃO SE APLICA		
<b>3. ASPECTOS PROGRAMÁTICOS FUNCIONAIS</b>			MB	B	R	MR	NA
Organização Espacial				✗			
Circulações				✗			
Acessos principais				✗			
Acessibilidade				✗			
Possibilidade de expansão		✗					
Mobiliário/Layout				✗			
Segurança				✗			
Integração Interior/ Exterior		✗					

Figura 15: Ficha de *Checklist* - folha 3  
 Fonte: Autora (2018)

WALKTHROUGH - CHECKLIST							
Observador (a): Bárbara Terra Queiroz		Data: 16/03/2018		Horário Inicial: 13h10min   Horário Final: 15h05min			
GRAU DE AVALIAÇÃO	MB MUITO BOM	B BOM	R RUIM	MR MUITO RUIM	NA NÃO SE APLICA		
<b>4. ASPECTOS COMPORTAMENTAIS</b>			MB	B	R	MR	NA
Apropriação dos espaços pelos usuários				✗			
Demarcação de território				✗			
Ambientes de Privacidade						✗	
Satisfação dos usuários em relação ao edifício		✗					
Atendimento a demanda de usuários				✗			
Comportamento dos usuários em relação a edificação				✗			

Figura 16: Ficha de *Checklist* - folha 4  
 Fonte: Autora (2018)

WALKTHROUGH - CHECKLIST							
Observador (a): Bárbara Terra Queiroz		Data: 16/03/2018		Horário Inicial: 13h10min   Horário Final: 15h05min			
GRAU DE AVALIAÇÃO	MB MUITO BOM	B BOM	R RUIM	MR MUITO RUIM	NA NÃO SE APLICA		
<b>5. ASPECTOS TÉCNICOS CONSTRUTIVOS</b>			MB	B	R	MR	NA
Manutenção/ Durabilidade				✗			
Materiais					✗		
Racionalidade				✗			
Revestimento (qualidade)					✗		
Revestimento (aparência)					✗		
Estratégias de conforto ambiental				✗			

Figura 17: Ficha de *Checklist* - folha 5  
 Fonte: Autora (2018)

Através do resultado gerado com o preenchimento do *checklist* foi possível constatar que, de modo geral, o abrigo apresenta condições satisfatórias, demonstrada através da grande incidência do grau de avaliação “BOM” (Gráfico 6), mas que, no entanto, também apresentou aspectos ruins em vários critérios, indicando que a edificação necessita de algumas melhorias. Em relação aos demais níveis de avaliação, poucos itens foram avaliados em “MUITO BOM” ou “MUITO RUIM”, o critério “NÃO SE APLICA” não foi utilizado em nenhum aspecto.



Gráfico 6: Resultado geral do Checklist  
Fonte: Autora (2018)

Além das fichas elaboradas para a avaliação geral da edificação, a pesquisadora achou relevante a elaboração de uma ficha para a análise dos parâmetros instituídos pelo CONANDA e CNAS (2009). A mesma teve a finalidade de observar se

o espaço oferecido pelo abrigo institucional cumpre com os requisitos recomendados (Figura 18).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA



#### ANÁLISE DE PARÂMETROS INSTITUÍDOS - CHECKLIST

Observador (a): Bárbara Terra Queiroz      Data: 16/03/2018      Horário Inicial: 15h05min | Horário Final: 15h15min

Observação conforme características apresentadas no documento "Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes" do CONANDA e CNAS (2009).

**Comentários:**

- Nenhum dos quartos atende aos requisitos.
- O banheiro adaptado e o dos funcionários atendem aos requisitos solicitados, o banheiro infantil não atende as características do espaço.

AVALIAÇÃO		EM RELAÇÃO AOS AMBIENTES		A	NA
		A	NA		
Quartos					✗
Sala de Estar ou similar					✗
Sala de Jantar/Copa					✗
Ambiente para estudo					✗
Banheiros				✗	✗
Cozinha					✗
EM RELAÇÃO A EDIFICAÇÃO		A	NA		
Localização		✗			
Entorno		✗		✗	
Semelhança com residência		✗			✗
Placa informativa		✗			✗
Quantidade de crianças atendidas		✗			✗
					✗

Figura 18: Ficha de Checklist dos parâmetros instituídos  
Fonte: Autora (2018)

Como pode ser observado através da ficha preenchida, muitos aspectos não atendem aos requisitos estabelecidos, principalmente aqueles relacionados aos ambientes oferecidos. O problema

não está relacionado à existência do ambiente, até porque o CAP infantil apresenta todos eles, mas sim ao atendimento das dimensões e quantidades mínimas, além da ausência de mobiliários adequados nos espaços. No que tange as características relacionadas à edificação, a mesma cumpre adequadamente a todos os requisitos, possuindo apenas a quantidade

de crianças variável, que conforme demonstrado, no dia da análise estava dentro do limite sugerido.

Para uma melhor compreensão dos resultados obtidos no *checklist*, a seguir serão apresentadas informações relativas aos aspectos analisados, sendo cada aspecto avaliado separadamente (Quadro 2).

Quadro 2: Resumo das avaliações do *Checklist*

<b>AVALIAÇÃO DO CHECKLIST</b>	
<b>Aspectos</b>	<b>Descrição</b>
<b>Aspectos Contextuais Ambientais</b>	O acesso a edificação é relativamente fácil, o tráfego no bairro é bastante calmo e existe a possibilidade de se locomover tanto de automóvel quanto de transporte público. O abrigo encontra-se inserido em uma área residencial de nível econômico baixo, mas, dotado de infraestrutura adequada para o atendimento das necessidades cotidianas, como escolas, posto de saúde, hospital, praças, comércios variados, entre outros.
<b>Aspectos Estético-Compositivos</b>	A aparência externa do abrigo é boa, com pintura em bom estado de conservação, no entanto, quando analisada a sua fachada, ele se assemelha mais a um edifício comercial do que residencial, mas quando comparada às demais edificações do entorno, percebe-se que ele se encontra de acordo, não fugindo ao padrão. A área interna surpreende pelo tamanho, analisando de fora não se tem noção da dimensão. A construção é bem simples, sem muitas cores e texturas, composta de formas regulares e básicas, sem nenhum destaque.

<p><b>Aspectos Programáticos Funcionais</b></p>	<p>Embora o uso anterior não tenha sido residencial e a adaptação para o funcionamento do abrigo tenha sido rápida, a organização espacial atende de maneira satisfatória; as circulações permitem uma boa divisão entre as áreas de serviço, social e privada. Em relação ao mobiliário e layout a instituição deixa um pouco a desejar, já que é visível a necessidade de espaços para guardar objetos e a reformulação do posicionamento de alguns mobiliários nos ambientes ajudaria a otimizar o uso dos espaços. Em relação ao contato externo a casa se apresenta segura, sendo necessário o reconhecimento para que se possa ter acesso, restringindo o contato das crianças com pessoas estranhas.</p>
<p><b>Aspectos Comportamentais</b></p>	<p>O abrigo apresenta bastante espaço para que as crianças possam brincar, nos horários livres elas aproveitam bastante esses espaços. Todas as crianças possuem alguns objetos pessoais, o que ajuda a definirem seu território e se apropriarem do espaço. A privacidade na instituição praticamente não existe, sendo tudo feito em grupo. Como a quantidade de crianças na instituição é variável, em algumas visitas foi possível presenciar crianças sem cama, dormindo em colchões no chão.</p>
<p><b>Aspectos Técnicos Construtivos</b></p>	<p>A casa é uma construção antiga que sofreu melhorias para receber o uso institucional, porém prevaleceu alguns materiais do uso anterior, por isso alguns revestimentos encontram-se em qualidade ruim, com bastante desgaste, mas os responsáveis pelo abrigo buscam dar manutenções periodicamente para melhorar o aspecto da habitação.</p>

Fonte: Autora (2018)

As fichas de inventário ambiental foram desenvolvidas a partir da planta baixa da edificação, obtida pela pesquisadora através do levantamento realizado em um outro momento. Para tanto, os ambientes da instituição foram numerados (Figura 19) a fim de manter uma organização no processo de coleta

de dados. O preenchimento das fichas seguiu a ordem em que os espaços foram visitados, inserindo as informações pertinentes de acordo com as características observadas nas análises dos ambientes, conforme pode ser visualizado no exemplo apresentado na Figura 20.



### AMBIENTES:

1. Varanda
2. Refeitório
3. Sala de TV
4. Sala de Brincar
5. Quarto Meninos
6. Quarto Meninas
7. Berçário
8. Depósito
9. Circulação
10. Banheiro Infantil
11. Banheiro P.N.E.
12. Cozinha
13. Despensas
14. Área de Serviço
15. Banheiro Funcionários
16. Sala Coordenação
17. Sala Equipe de Apoio
18. Terreno vazio
19. Área Aberta Restrita
20. Pátio 2
21. Pátio 1
22. Garagem

Figura 19: Planta Baixa com ambientes numerados para as fichas de inventário ambiental  
 Fonte: Autora (2018)



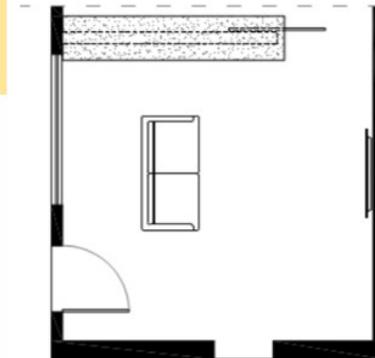
## WALKTHROUGH – FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTAL

Observador (a): Bárbara Terra Queiroz      Data: 16/03/2018      Horário Inicial: 15h35min | Horário Final: 15h50min

Nº de Identificação: 03      Ambiente: SALA      Área: 17,01m<sup>2</sup>      Atividades realizadas: Assistir TV e brincadeiras

<b>Térmico:</b>	Muito Quente	Quente	Confortável	Frio	Muito Frio
<b>Iluminação:</b>	Muito Escuro	Escuro	Confortável	Claro	Muito Claro
<b>Acústica:</b>	Muito Ruído	Ruído	Confortável	Silêncio	Muito Silêncio
<b>Qualidade do ar:</b>	Muito Ruim	Ruim	Confortável	Boa	Muito Boa

### CROQUI/LAYOUT:



### Comentários:

Sala pequena para a quantidade de crianças, muitas assistem TV sentadas no chão. A sala é integrada com o refeitório, todos os odores que saem da cozinha são sentidos na sala. A TV está fixada no alto da parede, as crianças ficam com o pescoço virado para cima para poderem assistir. O ambiente é quente, mas existe um ventilador de chão que ajuda a melhorar a temperatura.

### Mobiliário:

- Sofá
- Televisão

	Revestimento	Cores	Textura
<b>Piso</b>	Ladrilho	Preto e Branco	Lisa
<b>Parede</b>	Pintura (metade Lavável)	Bege	Lisa
<b>Teto</b>	Pintura	Branco	Lisa



PLANTA-CHAVE

Figura 20: Modelo de ficha de inventário ambiental preenchida

Fonte: Autora (2018)

Como já relatado anteriormente em um trecho retirado do diário de campo da pesquisadora, ao longo da pesquisa o abrigo passou por algumas modificações em alguns ambientes, como é o caso do pátio 1 e do pátio 2 que receberam brinquedos e grama artificial (Figura 21 e 22), assim como o quarto das meninas que obteve seu mobiliário renovado

(Figura 23). Ainda estão sendo aguardadas as modificações do mobiliário do quarto masculino e a troca do revestimento do piso da casa inteira. Cabe esclarecer que devido a algumas mudanças terem ocorrido anteriormente a aplicação dos instrumentos, todas as análises dos ambientes contemplam as modificações realizadas (Quadro 3).



Figura 21: Antes e Depois do Pátio 1  
Fonte: Autora (2018)



Figura 22: Antes e Depois do Pátio 2  
Fonte: Autora (2018)

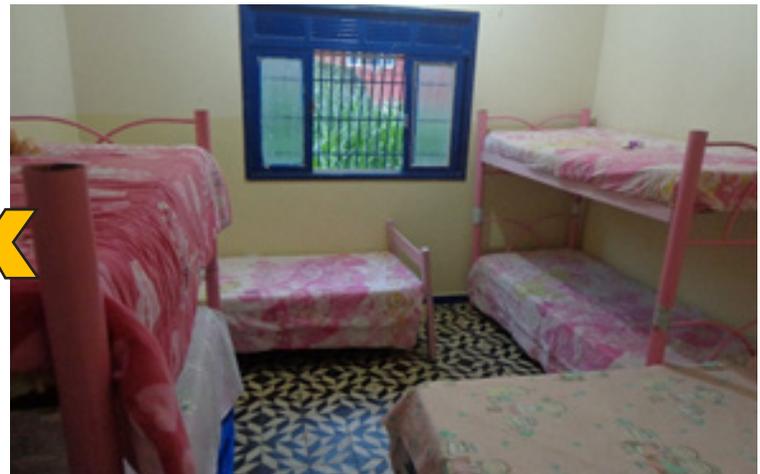
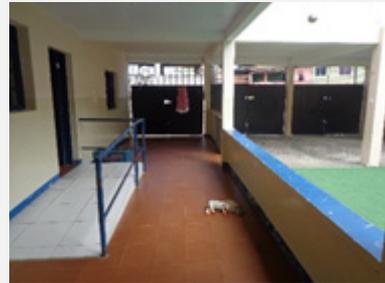


Figura 23: Antes e Depois do Quarto das meninas  
Fonte: Autora (2018)

Quadro 3: Avaliação dos ambientes do CAP infantil

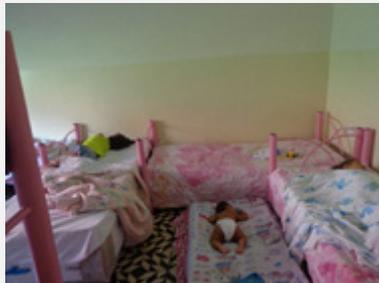
<b>AVALIAÇÃO DOS AMBIENTES</b>		
<b>Varanda</b>		
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>	<b>Imagem</b>
<p>A varanda é o local externo da casa mais ocupado pelas crianças, por ser uma área coberta é onde acaba sendo realizada a maioria das brincadeiras e onde é possível se encontrar vários brinquedos espalhados pelo chão.</p>	<p>Existe a presença de varais com roupas penduradas no acesso de entrada do abrigo, qualquer pessoa pode esbarrar e ter contato com o material presente no varal, tal situação pode provocar contaminações entre as pessoas.</p>	
<b>Sala de TV</b>		
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>	<b>Imagem</b>
<p>É um dos locais de recreação das crianças, é o espaço no qual elas têm a oportunidade de assistirem a programas infantis. Local em que ocorre bastante socialização entre as crianças e seus cuidadores.</p>	<p>Por ser integrado com o refeitório há bastante odor de comida em horários específicos do dia. Existe apenas um sofá, que acaba sendo bastante disputado pelas crianças. Ambiente bastante quente em algumas épocas do ano. Televisão localizada em um local muito alto.</p>	

<b>Refeitório</b>		
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>	<b>Imagem</b>
<p>Área próxima à cozinha. O mobiliário permite que as crianças executem também as tarefas escolares.</p>	<p>Ambiente pequeno, não comporta todas as crianças da residência sentadas no mesmo momento. Por ser integrada a sala em momentos de concentração, como estudo, a televisão e o barulho das demais crianças atrapalham.</p>	
<b>Quarto Meninos</b>		
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>	<b>Imagem</b>
<p>Cada criança possui a sua cama determinada. Os jogos de cama são diferenciados e as crianças ajudam na escolha deles durante a semana.</p>	<p>É um quarto muito grande e a ventilação mecânica existente não atende à demanda. Dependendo do número de crianças, algumas dormem em colchões no chão. O layout existente acaba não aproveitando o espaço da melhor maneira. A inexistência de cortina deixa o quarto muito claro para o descanso da tarde.</p>	

## Sala de Brincar

Aspectos positivos	Aspectos negativos	Imagem
<p>Espaço destinado para os brinquedos e brincadeiras. Possui uma área espaçosa.</p>	<p>As crianças não costumam ficar nesse espaço, elas buscam os brinquedos e se encaminham para a sala de TV e áreas externas da casa. Um ambiente muito quente.</p>	

## Quarto Meninas

Aspectos positivos	Aspectos negativos	Imagem
<p>Idêntico ao que ocorre com os meninos, cada criança possui a sua cama determinada. Os jogos de cama são diferenciados e as crianças ajudam na escolha deles durante a semana. O quarto das meninas está com camas novas, o que deixa esteticamente mais bonito e atraente.</p>	<p>Comparado ao dos meninos, o quarto das meninas é menor e por isso cabem menos crianças, nele também há a presença de colchões no chão. Devido à falta de cortina é um ambiente bem claro. A alvenaria que divide esse quarto com o berçário não vai até a laje, por isso os choros dos bebês atrapalham o sono das meninas.</p>	

<b>Berçário</b>		
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>	<b>Imagem</b>
<p>Único cômodo da casa que possui ar-condicionado.</p>	<p>Ambiente pequeno para comportar a quantidade de mobiliários e acessórios necessários para os bebês. Presença de muita luz natural que acaba influenciando no sono das crianças.</p>	
<b>Circulação</b>		
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>	<b>Imagem</b>
<p>Corredor bem largo, facilita a circulação de várias crianças e objetos para elas.</p>	<p>A circulação acaba sendo uma extensão do banheiro, sendo o local destinado a higienização dos bebês, assim a banheira encontra-se localizada no corredor.</p>	

## Banheiro Infantil

Aspectos positivos	Aspectos negativos	Imagem
<p>O banheiro possui uma boa iluminação e ventilação. Existe a opção de sanitários infantis, com o tamanho adequado para as crianças.</p>	<p>O banheiro é pequeno, com uma circulação estreita. Existe apenas uma divisória com chuveiro para banho e os lavatórios existentes são altos para algumas crianças.</p>	

## Cozinha

Aspectos positivos	Aspectos negativos	Imagem
<p>Possui integração com o refeitório através de uma abertura na parede. As crianças não têm acesso a cozinha. Possui localização estratégica, próxima do refeitório, área de serviço e despensa.</p>	<p>Ambiente muito quente, a ventilação é prejudicada pois não está direcionada para área externa e sim para outro espaço construído. Muito material acumulado devido à ausência de armários. Bancada e pia pequena.</p>	

<b>Área de Serviço</b>		
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>	<b>Imagem</b>
<p>Possui acesso à área externa, permite a entrada de materiais e compras sem passar dentro da residência. Área espaçosa, bem iluminada e ventilada. As crianças não têm acesso a este espaço.</p>	<p>Todos os produtos e alimentos que chegam são depositados no chão devido à ausência de um espaço adequado para a realização da triagem do material.</p>	
<b>Sala Coordenação</b>		
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>	<b>Imagem</b>
	<p>Espaço pequeno e com pouca iluminação. Funciona também como depósito de materiais e sala de reunião.</p>	

<b>Sala Equipe de Apoio</b>		
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>	<b>Imagem</b>
	Sala sem mobiliário adequado para trabalho. Espaço quente e com iluminação de trabalho insuficiente. Funciona também como depósito de materiais.	
<b>Terreno Vazio</b>		
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>	<b>Imagem</b>
Área com grande potencial para expansão e/ou utilização socioeducativa.	Está inutilizada.	

## Área Aberta Restrita

Aspectos positivos	Aspectos negativos	Imagem
Área com grande potencial para expansão e/ou utilização socioeducativa.	Presença de vidro no terreno devido a ocupação anterior, por este motivo as crianças são proibidas de irem sozinhas até o respectivo espaço.	

## Pátio 1

Aspectos positivos	Aspectos negativos	Imagem
Área ao ar livre onde as crianças podem brincar livremente quando quiserem. Há a presença de brinquedos que permitem que as crianças criem fantasias e se divirtam. Espaço de fácil visualização, sendo favorável aos cuidadores a observação das crianças.	Em dias chuvosos as crianças não conseguem fazer uso do brinquedo. Na parte da tarde é muito quente devido a incidência dos raios solares.	

## Pátio 2

Aspectos positivos	Aspectos negativos	Imagem
Uma outra opção de área ao ar livre, porém com presença de vegetação. As crianças aproveitam o tronco da árvore para brincar. A árvore proporciona sombra e temperatura mais agradável.	Espaço disponível apenas com o acompanhamento de algum adulto por fazer parte do acesso restrito da área de serviço.	

Fonte: Autora (2018)

Através da análise *Walkthrough* foi possível compreender os usos e características dos ambientes existentes no abrigo. A aplicação do instrumento permitiu o aprimoramento da percepção dos espaços, sendo fundamental na análise da apropriação e do acolhimento. Além disso, o instrumento foi um importante auxílio no desenvolvimento dos demais métodos de APO utilizados.

Durante o processo de análise foram obtidas informações mais relevantes, conforme o olhar da pesquisadora. Percebeu-se que os espaços mais

utilizados pelas crianças são a sala de TV e a área externa. Embora a sala seja pequena e com apenas um sofá, as crianças gostam do espaço, ocupam-no à sua maneira (Figura 24), sendo registrados no local, momentos de interação, brincadeiras, discussões e pinturas na parede.

Como já citado anteriormente, o abrigo passou por pequenas intervenções, e uma delas foi a pintura das paredes, que anteriormente se encontravam bastante rabiscadas. Após a nova pintura, as crianças mantiveram o hábito de desenhar, no entanto, após

a intervenção todas as paredes receberam em sua área inferior, com altura aproximadamente de um metro e meio, pintura com tinta lavável, o que permitiu facilidade de limpeza para os funcionários e liberdade de personalização, mesmo que momentânea, para as crianças.



Figura 24: Utilização da sala pelas crianças  
Fonte: Autora (2018)

A área externa é caracterizada como o espaço das brincadeiras, é o local no qual as crianças se sentem livres, com liberdade para realizarem diferentes atividades. Após as melhorias realizadas

na edificação, o espaço externo ficou muito mais atraente, as crianças permanecem grande parte do tempo brincando no novo brinquedo instalado, além de ficarem rolando na área gramada e trazendo outros objetos para poderem brincar no local. Muitos dos objetos adquiridos ficam na sala de brincar (Figura 25), que constitui um espaço pouco utilizado pelos usuários, sem nenhuma personalização e mobiliário, um ambiente reconhecido como um local de passagem, que costuma ser utilizado apenas em períodos chuvosos ou quando por algum motivo as crianças são restringidas de irem até a área externa.

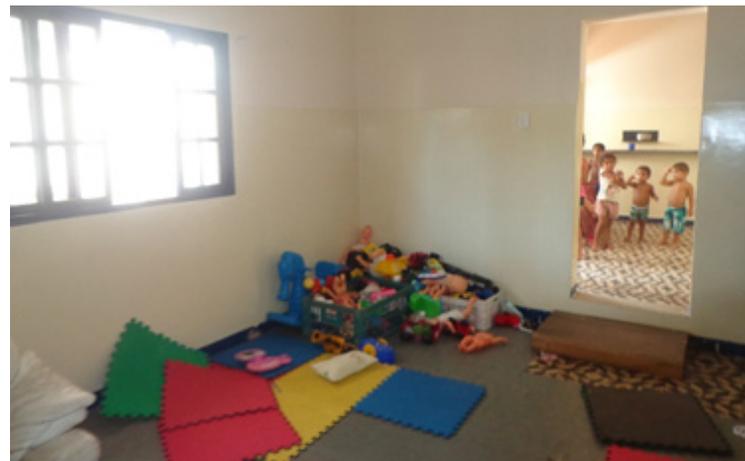


Figura 25: Sala de brincar  
Fonte: Autora (2018)

Os quartos, tanto o de meninas quanto o de meninos, chamam a atenção para a quantidade de crianças inseridas dentro deles. Não existe mais de um quarto para ambos os sexos, o que determina a superlotação dos ambientes, resultando na ausência de personalização do ambiente e interferindo no espaço pessoal dos indivíduos. Os quartos esteticamente são muito simples, todos pintados de bege conforme o restante da casa; não há mobiliário dentro dos quartos para colocar itens pessoais, somente as camas fazem parte do ambiente. E é através delas que cada um reconhece o seu espaço, entretanto, é comum encontrar crianças sem cama, fazendo o uso de colchões no chão (Figura 26).



Figura 26: Presença de colchão no chão  
Fonte: Autora (2018)

### 4.3 ENTREVISTA

Desde o primeiro contato com a instituição, no dia 27 de novembro de 2017, foram estabelecidos diálogos com os funcionários, inicialmente para conhecer um pouco da instituição, os usos e funções. Através da conversa com a coordenadora foi possível a compreensão exata do funcionamento do abrigo, do público alvo e das características do espaço. A entrevista efetiva para a pesquisa somente foi realizada no dia 20 de março de 2018, após a aprovação do comitê de ética, desenvolvida com as funcionárias mais relevantes da instituição; a coordenadora, a psicóloga e a assistente social.

Devido à possibilidade de realizar visitas anteriores à aplicação do respectivo instrumento, foi possível a observação preliminar do espaço pela pesquisadora, e esse contato inicial permitiu orientação no planejamento das perguntas realizadas, sendo elaboradas questões com respostas específicas para análise do uso e apropriação dos espaços sob o olhar de quem convive diariamente no local.

Próximo à finalização da pesquisa no CAP infantil e com as entrevistas já executadas, no início do mês

de abril de 2018 houve uma alteração da pessoa responsável pela coordenação do abrigo, o espaço passou a ser dirigido por uma nova coordenadora. Embora com um conhecimento ainda recente do espaço e de seu funcionamento, no dia 07 de maio de 2018, foi realizada a entrevista com a nova responsável. Buscou-se através da entrevista, com a repetição das mesmas perguntas realizadas com as demais funcionárias, obter o ponto de vista em relação ao espaço de uma pessoa recém-chegada.

Na realização das entrevistas, para a coleta de informações, foram utilizados como recursos anotações e gravação de áudio. A seguir serão apresentadas as perguntas respondidas pelas funcionárias, com as respostas apresentadas de modo geral:

### **1) Quais as principais características desse abrigo?**

O abrigo oferece condições para que as crianças se sintam bem, elas são bem tratadas, bem cuidadas, todos tentam ao máximo transformar o espaço em um ambiente acolhedor, configurando-se para todos

em uma família. A equipe é um diferencial, no que envolve o cuidado com as crianças, existe uma preocupação geral de todos os funcionários. Existe também uma atenção com o espaço, as pessoas se preocupam com o que ocorre nos ambientes ou com os objetos, e por isso tentam resolver os problemas para ajudar a minimizar os danos transmitidos as crianças.

### **2) Pontos Positivos:**

Quando comparada a outras instituições de acolhimento, a casa é bem grande, possui área externa e apresenta bastante espaço para as crianças brincarem e se divertirem.

### **Pontos Negativos:**

Existe muito espaço inutilizado que poderia está sendo usado para benefício das crianças (terreno vazio e área aberta restrita). A área com vegetação requer sempre manutenção, portanto é sempre necessário está limpando o terreno, caso contrário ocorre a proliferação de insetos na edificação. Além disso, a dificuldade de recursos impede que se possa em tempo hábil consertar o que precisa, além

da dificuldade de conseguir, em alguns momentos, suprir algumas necessidades das crianças.

### **3) Qual a sua opinião sobre a qualidade dos espaços oferecidos pelo abrigo?**

Os espaços oferecidos deixam a desejar. Com a dificuldade de recursos e por ser algo do município, é procurado ao máximo trabalhar os espaços de modo que sejam mais adequados e confortáveis possíveis para atender as crianças, almejando sempre o melhor para elas. O ambiente se torna de qualidade devido a equipe que atua nele e pela diferença que ela faz no espaço, porém o ambiente não é o desejado, mas todos da instituição tentam se enquadrar dentro do que é oferecido.

### **4) Qual o seu ambiente preferido? Justifique.**

Não há um espaço específico. Porém, o Pátio 2 é considerado muito agradável, a presença da árvore faz o diferencial, oferece sombra e é bem fresco.

### **5) Indique lugares que causam desconforto. Justifique.**

O ambiente de depósito que fica em cima da casa, próximo a caixa d'água, e o depósito ao lado do berçário. São espaços que se encontram desorganizados e por isso apresentam bastante bagunça.

### **6) Você se sente pertencente à instituição?**

Todas as entrevistadas responderam que se sentem pertencentes a instituição, afirmaram que a instituição faz parte da vida delas e não é meramente um ambiente de trabalho, existe um vínculo formado com cada criança e com o espaço onde estão inseridas.

### **7) Você acha que as crianças gostam do abrigo? Justifique.**

Sim. Elas gostam do abrigo por se sentirem bem, mas inicialmente assim que chegam elas estranham o ambiente. As crianças inseridas entendem o abrigo como a casa delas, quando elas estão em algum outro local e querem voltar para a edificação elas dizem “Tia, vamos para casa”, elas se sentem pertencentes, ao falar “vamos para casa” elas estão se referindo a CAP infantil como a casa delas. A maioria das crianças estava anteriormente em um

ambiente que não era adequado, sofriam violações de direitos, por isso, algumas relatam que gostariam de ficar no acolhimento para sempre, pois ali elas se sentem felizes.

### **8) Qual ambiente elas mais gostam?**

A área externa. É o espaço no qual as crianças possuem liberdade para brincar, se sentem mais livres e podem olhar e ter contato com o externo, não ficando enclausuradas dentro de uma área construída. O quarto é outro ambiente que elas gostam, dentro dele as crianças se sentem livres, com privacidade, sem ter cuidadores por perto, é o momento que se sentem sozinhas, “agora estou no meu quarto e não tem ninguém me vigiando”, embora elas sempre estejam sendo assistidas por alguém.

### **9) Qual ambiente elas menos gostam? Justifique.**

Não existe um ambiente que elas não gostam, acabam usando todos, mas uns são mais utilizados que os outros.

### **10) Você acha que as crianças se sentem acolhidas nos espaços oferecidos pelo abrigo?**

Sim, desde o momento que elas chegam todas as ações são tomadas para que elas se sintam bem dentro do espaço oferecido, tanto em aspectos físicos como afetivos. Elas gostam do espaço, gostam de morar lá.

### **11) O abrigo é um ambiente seguro para as crianças?**

Certamente. Todos os cuidados são tomados para resguardar a segurança das crianças, por essa razão são evitados objetos pequenos demais, perfurantes ou qualquer elemento que coloque em risco a integridade delas. As pessoas só possuem acesso ao interior da edificação com autorização. Quando comprovado algum risco, todas as crianças são conduzidas a um lugar seguro até que todas as providências sejam tomadas e o ambiente se encontre novamente adequado para uso.

### **12) Os ambientes existentes atendem as necessidades das crianças? Justifique.**

Sim. Sempre existe o que melhorar, mas é feito ao máximo o melhor possível para que todas as necessidades sejam atendidas.

**13) Se você pudesse melhorar para as crianças dois ambientes do abrigo, quais seriam? Justifique.**

- Os quartos, por serem ambientes pouco estruturados, precisam ser revistos e melhorados.
- A sala, por ser considerado um espaço desproporcional, com pouco mobiliário, sendo necessário torná-la um ambiente mais confortável e acolhedor.
- O Refeitório, por ser um ambiente muito pequeno e por não atender de maneira satisfatória a demanda de usuários.
- Não melhoraria um ambiente especificamente, mas acrescentaria um espaço lúdico-pedagógico para as crianças realizarem atividades e fazerem tarefas escolares.

**4.3.1 Avaliação da aplicação do instrumento**

A entrevista cumpriu satisfatoriamente o objetivo proposto. Através das perguntas previamente elaboradas foi possível obter a opinião dos usuários entrevistados, sendo disponibilizadas informações subjetivas sobre o espaço do abrigo e a percepção

em relação a satisfação das crianças. O processo de entrevista contribuiu não só para obter as respostas das perguntas realizadas, mas permitiu o diálogo sobre outros aspectos relacionados a CAP infantil, fornecendo informações relevantes sobre o cotidiano do abrigo.

A entrevista realizada pessoalmente possibilitou o contato com os usuários, permitindo observar a reação das pessoas ao longo do processo. Esse contato com as funcionárias do CAP infantil foi fundamental, sendo notória em todas as entrevistas a preocupação em oferecer o melhor as crianças, desde o espaço até as relações sociais. O sentimento nutrido pelos usuários infantojuvenis e pelo espaço era facilmente percebido em cada informação concedida. Nesse contexto, percebeu-se que existe um prazer imenso na realização das funções diárias de trabalho, e que realmente essas pessoas se sentem pertencentes ao lugar.

Não estava previsto que durante a pesquisa ocorreria uma mudança de coordenação, no entanto, a entrevista com o novo usuário contribuiu de

forma enriquecedora na coleta de dados. Embora com pouco tempo na instituição, percebeu-se que a nova coordenadora possui opinião semelhante com as demais funcionárias, divergindo apenas em pequenas observações. No geral, todos os usuários durante as entrevistas foram extremamente atenciosos, dispostos e solícitos a contribuir com todas as informações necessárias.

#### 4.4 MAPA COGNITIVO

O Mapa Cognitivo teve como objetivo compreender através da visão infantil quais espaços do abrigo são mais propensos ao afeto e quais espaços são mais rejeitados. Para obter a opinião das crianças foram disponibilizadas duas fichas contendo as seguintes sentenças: “O lugar que eu MAIS GOSTO no abrigo é...” e “O lugar que eu MENOS GOSTO no abrigo é...”, podendo ser preenchidas através de escritas e/ou desenho, tendo sido a maneira de expressão uma escolha individual.

A aplicação do mapa cognitivo foi realizada em duas etapas. As fichas foram disponibilizadas em dias diferentes, de modo que as crianças não se

sentissem cansadas ao final da primeira atividade e comprometessem o resultado da segunda, conforme já ocorrido em experiências anteriores com a pesquisadora. Portanto, houve o intervalo de um dia entre a aplicação das fichas, sendo a sentença do espaço que as crianças mais gostam no abrigo a primeira a ser desenvolvida, procedida no outro dia pela ficha do local que menos gostam.

O modo de aplicação foi semelhante para as duas fichas, ambas foram realizadas no horário vespertino, logo após as crianças acordarem do seu descanso da tarde. Uma das grandes preocupações em relação à aplicação deste instrumento estava relacionado ao local de execução da atividade, uma vez que a casa estava com uma demanda de 26 crianças e a mesa do refeitório não suportaria a todos. Embora a análise dos resultados abrangesse apenas as crianças acima de 4 anos de idade, foram produzidas fichas para todos os internos, para que as crianças que não fizessem parte da pesquisa não se sentissem excluídas. Como recomendação da coordenadora a atividade ocorreu na sala de TV, na qual as crianças se acomodaram a seu gosto, da melhor maneira para produzirem (Figura 27).



Figura 27: Desenvolvimento da atividade na sala  
Fonte: Autora (2018)

Antes de iniciar a atividade as crianças foram reunidas na sala para que as instruções do que deveria ser feito fossem explicadas (Figura 28). Como eram muitas crianças em um mesmo local, aproximadamente 24 indivíduos, as explicações demandavam algum tempo, para que todos compreendessem corretamente o que estava sendo solicitado. Após as explicações a ficha era entregue a cada uma, mas todas as crianças queriam receber ao mesmo

tempo, caracterizando um momento de tensão. Para a execução da atividade foram disponibilizados pela instituição materiais de desenho como lápis de cor, canetinha hidrocor, giz de cera, caneta e lápis preto, uma maneira das crianças se sentirem mais estimuladas e produzirem mais. Eventualmente durante o desenvolvimento do trabalho ocorriam brigas pela posse de algum material, mas estas eram mediadas e o exercício prosseguido.



Figura 28: Momento de instrução da atividade  
Fonte: Autora (2018)

Devido à presença constante da pesquisadora no CAP infantil, as crianças já a conheciam, já tendo sido estabelecida uma interação entre ambos, o que facilitou no diálogo e na coleta de informações no decorrer do trabalho. Como não houve separação por idade, as crianças executaram a atividade no mesmo local, porém, foi percebido que algumas, principalmente as mais velhas, procuravam cômodos mais sossegados para sua produção. Todas as crianças ao final se dirigiam até a pesquisadora para entregar as fichas, através desse contato individual elas relatavam sua produção e justificavam sua escolha, sendo todas as informações anotadas no verso da folha. A triagem das fichas utilizadas na pesquisa foi realizada conforme a idade relatada e preenchida no documento, no entanto, todo material desenvolvido pelos demais indivíduos foi recolhido e arquivado.

O tempo de aplicação do instrumento variava de acordo com cada indivíduo, uns eram mais rápidos e outros mais lentos, em média foram gastos de 15 minutos a 40 minutos para produzirem o conteúdo solicitado. No total foram aplicadas 24 fichas para cada sentença, porém, para produto de pesquisa apenas 14 fichas de cada sentença foram utilizadas,

devido a idade de abrangência da pesquisa. Após a finalização de cada atividade todas as crianças receberam um brinde disponibilizado pela pesquisadora (Figura 29), visou-se através dessa atitude incentivar a produção e o desempenho das crianças, configurando-se também em uma forma de agradecimento pela contribuição concedida.



Figura 29: Brinde disponibilizado após o mapa cognitivo  
Fonte: Autora (2018)

Através da análise dos resultados foi observado que a maioria das crianças utilizou o desenho como recurso de resposta, tendo sido notado poucas fichas com

conteúdo escrito. Através do material produzido e das conversas realizadas com as crianças na primeira atividade ficou evidente a preferência pelos quartos, pátios e sala de TV, sendo o pátio 2 o ambiente mais representado (Gráfico 7). Alguns documentos apresentaram mais de um espaço desenhado, constatando o vínculo de alguns indivíduos com mais de um ambiente.



Gráfico 7: Resultado apresentado no Mapa Cognitivo  
Fonte: Autora (2018)

Através da observação dos desenhos notou-se que variados elementos foram representados (Gráfico 8).

A presença de pessoas nos desenhos foi um componente fortemente encontrado, na maioria dos casos retratando a si próprio e seus amigos. A imagem da casa também foi apresentada em muitos registros, no entanto, a presença de chuva nos desenhos chamou atenção, explicada pela satisfação de poder se molhar nos dias chuvosos, quando autorizado, sendo na opinião das crianças “muito legal” (Figura 30).

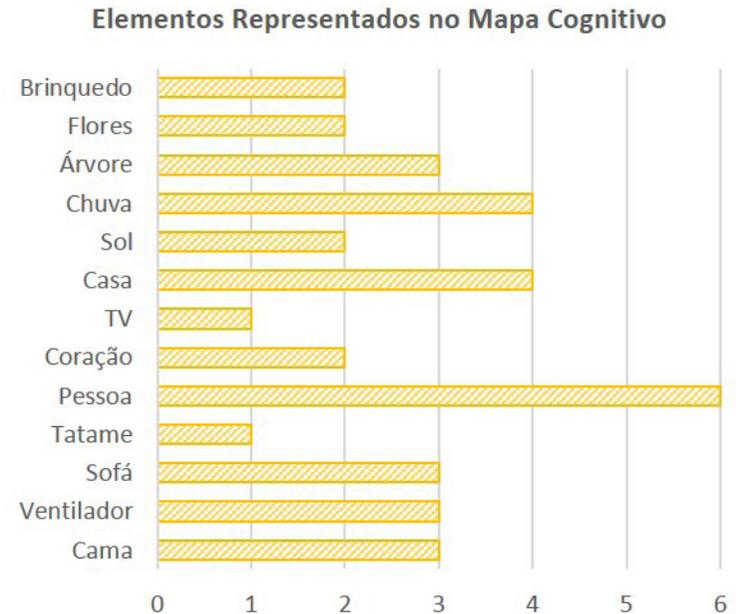


Gráfico 8: Incidência de elementos representados nos desenhos  
Fonte: Autora (2018)



**“Gosto de brincar lá fora e tomar banho de chuva, é muito legal!”** Depoimento dado pelo autor do desenho

Figura 30: Desenho produzido no Mapa Cognitivo  
Fonte: Autora (2018)

Ao confrontar as respostas de meninos e meninas para saber quais ambientes detinham a preferência de cada sexo (Gráfico 9), observou-se que as meninas tiveram uma participação mais ativa na atividade, pois, quatro dos desenhos masculinos não responderam a tarefa conforme o solicitado, produzindo desenhos aleatórios, como praia, navio e super-heróis, que foram considerados não válidos. As respostas femininas demonstraram que o ambiente que mais agrada é o pátio 2, segundo relatado, é o

local que as meninas brincam de casinha e escolinha, sendo o acesso dos meninos restringido para não haver degradação dos brinquedos disponibilizados no espaço. As meninas demonstraram ainda grande satisfação em relação ao ambiente do pátio 1 e do quarto, este último avaliado como um local de sossego (Figura 31).

Respostas Meninas x Meninos

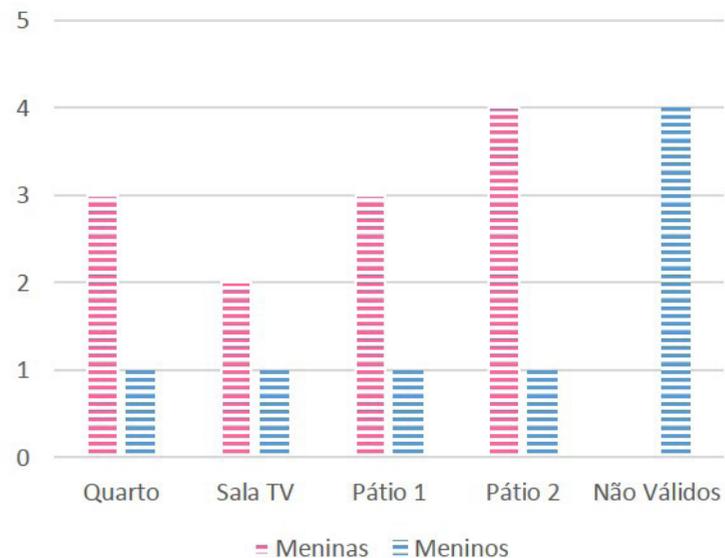


Gráfico 9: Índice de respostas de meninas e meninos  
Fonte: Autora (2018)



**“Gosto do quarto porque lá eu fico em paz.”**  
 Depoimento dado pelo autor do desenho

Figura 31: Desenho produzido no Mapa Cognitivo  
 Fonte: Autora (2018)

Em relação ao resultado da segunda ficha, relativa ao local que menos gosta, pôde ser observado que a sala de TV foi o ambiente que obteve maior incidência de representação (Gráfico 10), no entanto, algumas crianças ao explicarem seus desenhos relataram que não gostavam do local, pois não gostavam de ficar dentro de casa, ou seja, não é o ambiente da sala o causador do incômodo, mas sim a limitação de sair de casa, na qual a sala é associada ao local de permanência forçada (Figura 32).



Gráfico 10: Resultado apresentado no Mapa Cognitivo  
 Fonte: Autora (2018)



**“Não gosto de ficar dentro de casa, gosto de sair. Não tenho paciência para ver filme.”**  
 Depoimento dado pelo autor desenho

Figura 32: Desenho produzido no Mapa Cognitivo  
 Fonte: Autora (2018)

Quando comparada à primeira atividade realizada foi possível perceber que o segundo exercício proporcionou mais variedade de ambientes representados, sendo praticamente abordados todos os espaços que as crianças têm acesso no abrigo, excluindo-se apenas o banheiro e a área externa. A indicação de ‘todos os lugares’ referindo-se ao lugar que menos gosta foi acompanhada de um forte apelo emocional, houve mais de uma situação em que a criança alegava não gostar do abrigo, pois lá não se encontravam seus pais, reproduzido no instrumento o desenho de sua verdadeira casa junto a sua família (Figura 33).

Através dos diálogos realizados com as crianças durante e após a entrega da última atividade, foi constatado que na maioria dos resultados obtidos as crianças associavam o ambiente escolhido a alguma atitude que as conduziu a este espaço, por exemplo, a menina não gosta do corredor, mas ela não gosta pois lá é o local que ela fica sozinha de castigo enquanto os outros brincam na área externa. Nessa situação não quer dizer que o espaço é ruim, mas ela associa o castigo ao ambiente, caracterizando-o como algo desagradável, tal como o exemplo da sala citado anteriormente.



**“Não gosto daqui, gosto da na minha casa com a minha mãe.”** Depoimento dado pelo autor do desenho

Figura 33: Desenho produzido no Mapa Cognitivo  
Fonte: Autora (2018)

Dentre os desenhos que chamaram a atenção, em um deles estava representada a imagem do portão da instituição somente (Figura 34). Quando indagado ao autor o que ele queria demonstrar através daquela figura ele prontamente respondeu “não gosto dá área perto do portão, o piso de lá machuca”, referindo-se à garagem, e continuou “queria que fosse igual ao que tem onde fica o brinquedo” demonstrando a sua insatisfação da grama artificial não abranger a toda a extensão do espaço (Figura 35).

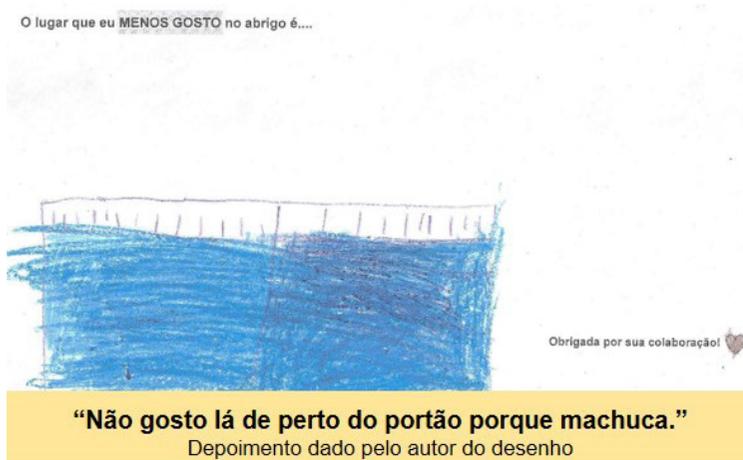


Figura 34: Desenho produzido no Mapa Cognitivo  
Fonte: Autora (2018)



Figura 35: Piso existente na garagem  
Fonte: Autora (2018)

Diferentemente da primeira atividade, na execução da segunda não houve números expressivos de representações inválidas, sendo o material desenvolvido mais proveitoso, mesmo as crianças tendo se apresentado mais agitadas neste dia.

#### 4.4.1 Avaliação da aplicação do instrumento

Quando analisado de maneira geral, o instrumento apresentou um bom resultado, cumprindo com o objetivo proposto. Foi percebido que a disponibilização de um brinde ao final da tarefa contribuiu bastante para o desenvolvimento da atividade, tanto que foi constatado que no segundo dia as crianças produziram melhor, conseqüentemente porque já tinham a experiência e a satisfação do dia anterior. Portanto, essa ação seria repetida se houvesse a necessidade de uma reaplicação do instrumento, tendo sido considerada vantajosa.

A aplicação do mapa cognitivo não foi uma execução simples, o grande número de crianças dificultou bastante o processo, a ausência de um ambiente propício, que permitisse a realização da tarefa apenas com as crianças selecionadas, foi considerado um aspecto negativo. De todo modo, acredita-se que

o resultado teria sido ainda melhor se houvesse na instituição um espaço com condições adequadas para a realização de atividades, contendo mesas e cadeiras para todos os usuários.

O resultado obtido através do instrumento demonstrou que a maioria das crianças do abrigo possuem dificuldades de se expressarem através de desenhos. No entanto, durante a realização do exercício as crianças apresentaram um grande domínio ao se expressarem verbalmente, demonstrando compreensão e segurança em suas respostas. Concluiu-se através dessa experiência que nem sempre o desenho é o melhor método para se trabalhar com o público infantil, variando conforme cada especificidade. Para as crianças do abrigo a utilização de outros instrumentos, como a preferência visual, teria sido considerada mais adequada para compreender os espaços que mais gostam e menos gostam na instituição.

De todo modo, cabe enfatizar que às vezes o instrumento é apenas um “gatilho”, um “quebra gelo” para fazer as crianças falarem, as atividades possibilitam as crianças agirem de uma forma mais lúdica, diferentemente de uma entrevista formal,

assim, enquanto produzem a conversa acontece naturalmente. Portanto, conclui-se que atividades relacionadas a imaginação funcionam muito bem em pesquisa com crianças - jogos, desenhos, brincadeiras, dentre outros.

#### 4.5 MAPA COMPORTAMENTAL

Inicialmente, o planejamento para o Mapa Comportamental era ser aplicado em apenas um espaço, mas, através das visitas, observações e resultados de outros instrumentos, percebeu-se a necessidade de analisar mais de um ambiente, nesse caso, os mais utilizados na instituição; a sala e a área externa.

A observação do uso de cada espaço ocorreu em dias diferentes, a análise da sala de TV, que foi a primeira a ser desenvolvida, foi realizada no dia 11 de abril de 2018 e a da área externa no dia 20 de abril de 2018. Procurou-se através da aplicação deste instrumento diagnosticar e registrar as atividades desenvolvidas nos espaços, identificando como ocorre, ou não, as formas de apropriação.

A análise da sala de TV iniciou-se assim que as crianças começaram a despertar do descanso da tarde, por volta das 15 horas, e foi encerrada às 16 horas e 30 minutos, quando as crianças foram conduzidas até o refeitório para fazerem um lanche. Em todo período de análise as crianças foram observadas, sendo suas movimentações e comportamentos registrados em uma ficha preenchida pela pesquisadora (Figura 36).

Observou-se durante a análise feita na sala que as crianças vão chegando ao espaço ainda sonolentas e aos poucos vão se agrupando para ver televisão. Quem chega primeiro senta no sofá, que é o único mobiliário existente no local, por isso as crianças se acumulam no móvel ocupando todos os espaços oferecidos pelo objeto, até os braços. As demais crianças vão se acomodando onde acham melhor, algumas ficam de pé atrás do sofá e outras sentam na frente ou deitam no chão.

Nem todos os usuários do abrigo gostam de ficar na sala, por isso assim que acordam se encaminham para a área externa. A sala possui grande movimentação o tempo todo, as crianças e os funcionários sempre estão se deslocando entre o interior e o exterior da residência, algumas crianças entram e saem correndo

do espaço, outras ficam sentadas brincando com objetos e interagindo entre si.

Alguns conflitos foram observados na sala devido aos barulhos produzidos; algumas crianças queriam ver e ouvir a televisão, enquanto outras estavam no espaço apenas para brincar, causando incômodo naquelas que estavam assistindo à programação da TV. As cuidadoras tentaram amenizar o problema encaminhando quem queria brincar para a varanda, mas os mesmos acabavam retornando ao local.

Ao longo do processo de observação e à medida que as crianças iam despertando, elas notavam a presença da pesquisadora, inicialmente ficavam de longe observando desconfiadamente, mas isso foi até o momento da primeira criança se aproximar e pedir para ver o que estava sendo feito. A partir do instante em que foi explicado que era um desenho de observação delas para um trabalho que estava sendo desenvolvido, pois bem, a impressão é que só ouviram a palavra desenho, visto que depois disso todos queriam desenhar e escrever “igual a tia”, a única maneira de amenizar foi dizendo que após terminar o que estava fazendo deixaria todas desenharem também.

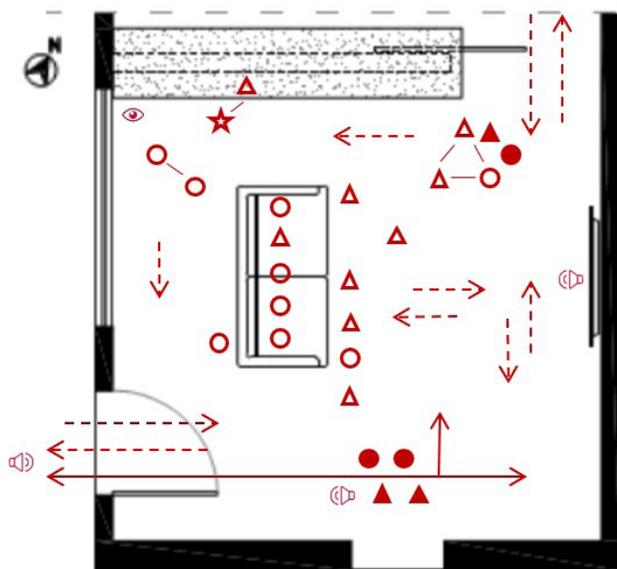
## MAPA COMPORTAMENTAL

Observador (a): Bárbara Terra Queiroz

Data: 11/04/2018

Horário Inicial: 15h | Horário Final: 16h30min

Ambiente: **SALA TV**



### Legenda:

- 👁 Observador
- ▲ Menina
- Menino
- ★ Cuidador
- Visitante
- 🔊 Barulho
- Interação
- ⋯ Briga
- > Movimentação
- Corrida
- ⏸ Atividade estática
- ⬤ Atividade dinâmica

### Comentários:

Algumas crianças gostam de ficar assistindo a desenhos na sala, elas se acomodam como podem. Há bastante movimentação no espaço, as crianças ficam se movimentando indo de um cômodo a outro. Algumas crianças ficam na sala interagindo entre si e realizando brincadeiras.



Figura 36: Ficha de Mapa Comportamental  
Fonte: Autora (2018)

Após o momento inicial de abordagem e com ajuda das cuidadoras, as crianças acabaram se entretendo umas com as outras e esqueceram que tinha alguém lhes observando. No final, no momento em que já tinha finalizado a observação e estava arrumando para ir embora, algumas crianças, aleatoriamente, se aproximaram e perguntaram se o trabalho já tinha sido terminado e se elas podiam ver. Ao mostrar o rascunho do mapa comportamental, uma folha toda rabiscada, alegaram não entender nada e solicitaram explicações, foram minutos de conversa até elas se distraírem com outras coisas e se deslocarem para outros locais.

A observação da área externa teve início às 15 horas e 45 minutos, e foi encerrada às 17 horas devido a um compromisso que as crianças teriam neste dia. Assim como ocorreu na sala, toda a análise da área externa foi inserida na ficha de mapa comportamental (Figura 37).

Ao dar início ao instrumento percebeu-se que o portão de correr que dá acesso à garagem e ao pátio

encontrava-se fechado, no entanto, foi observado que as crianças possuem o costume de pular a mureta da varanda e seguir para o espaço aberto.

Foi percebido que as crianças menores e os bebês ficam mais restritos à varanda, onde ficam brincando sossegadamente até que alguma outra criança os pegue e os conduza a outro local. Embora os mais velhos gostem de ficar mais no pátio, a varanda é um ambiente bastante ocupado, geralmente é o local de descanso, o espaço que as crianças vão para sentar e realizar brincadeiras estáticas. Há movimentação intensa na varanda, sempre existe alguma criança entrando e saindo de dentro da edificação, seja para beber água, ir ao banheiro ou buscar algum brinquedo.

Quando inseridas na área aberta observou-se que as crianças ficam eufóricas, se movimentam o tempo todo, correm, pulam, brincam, sobem no brinquedo do pátio e interagem bastante entre si (Figura 38). Toda a extensão do espaço é utilizada, as crianças se apropriam de todos os locais.

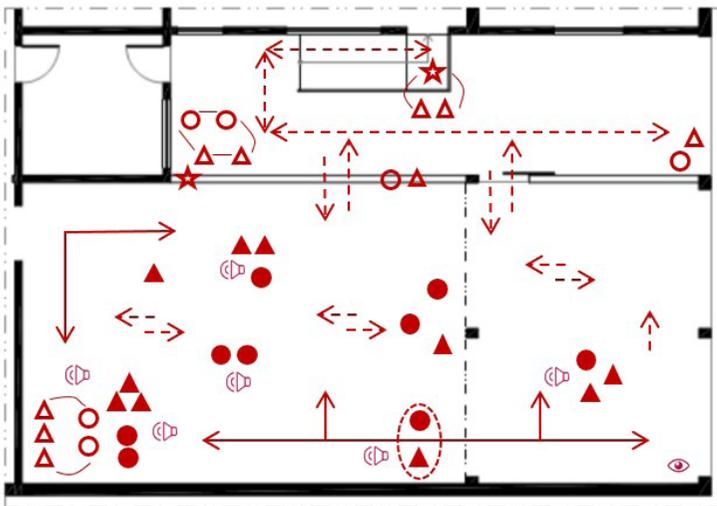
## MAPA COMPORTAMENTAL

Observador (a): Bárbara Terra Queiroz

Data: 20/04/2018

Horário Inicial: 15h45min | Horário Final: 17h00min

Ambiente: **ÁREA EXTERNA**

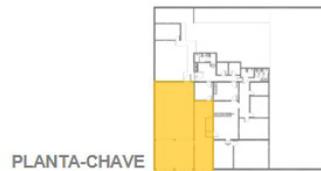


### Legenda:

- 👁 Observador
- ▲ Menina
- Menino
- ★ Cuidador
- Visitante
- 🔊 Barulho
- Interação
- ⋯ Briga
- > Movimentação
- Corrida
- ⏸ Atividade estática
- Atividade dinâmica

### Comentários:

As crianças ficam o tempo todo interagindo entre elas, ficam correndo e andando por todo o espaço fazendo bastante barulho. Várias brincadeiras são realizadas entre eles. Os mais novos geralmente ficam brincando com algum objeto na varanda.



PLANTA-CHAVE

Figura 37: Ficha de Mapa Comportamental  
Fonte: Autora (2018)



Figura 38: Utilização da área externa pelas crianças  
Fonte: Autora (2018)

Comparado com a abordagem feita pelas crianças no processo de observação realizado na sala, a do pátio foi muito tranquila, apenas três crianças se aproximaram e perguntaram se estava sendo feito novamente o trabalho que desenhava elas. O fato de estarem em um espaço aberto com brincadeiras muito mais dinâmicas contribuiu para o anonimato da pesquisadora, as atividades que estavam sendo realizadas eram muito mais empolgantes, além de o

processo de observação não ser mais uma novidade, elas já tinham passado por essa experiência, já não despertava tanto interesse.

Mesmo após o portão que interliga a varanda aos demais espaços ser aberto, as crianças continuaram pulando a mureta, demonstrando ser uma ação empolgante. Notou-se também que a mureta exerce função de descanso e interação, utilizada para

observar o que as demais crianças estão fazendo (Figura 39).



Figura 39: Utilização da mureta da área externa  
Fonte: Autora (2018)

#### 4.5.1 Avaliação da aplicação do instrumento

A aplicação do instrumento, em ambos os ambientes, permitiu observar como as crianças reagem e interagem com o espaço, cumprindo o objetivo proposto. Cada ambiente possui suas

particularidades, portanto a forma como os usuários se apropriam deles é diferente.

A sala é um cômodo sem muitos recursos e informações, um espaço pequeno, em que as brincadeiras são limitadas, um local em que a única função atraente é assistir televisão, embora o espaço não ofereça mobiliário e conforto para todos. Ainda assim, a sala é um local de passagem, um ambiente bastante movimentado e utilizado da casa. Acredita-se que o espaço seria mais bem aproveitado se oferecesse um ambiente mais confortável e atrativo.

Devido à grande movimentação das crianças na área externa, a representação do uso foi bastante complexa, portanto para contemplar toda a interação e deslocamento observado foram preenchidas duas fichas sequencialmente. Através da compilação de dados foi possível a produção de um mapa comportamental que abrangesse as informações inseridas nas fichas, uma síntese dos comportamentos e interações, conforme apresentado anteriormente.

A aplicação do instrumento confirmou o papel da área externa como espaço de apropriação coletiva,

de vivência, encontros e brincadeiras. As crianças se sentem livres, se movimentam o tempo inteiro, gastam suas energias e utilizam toda a área oferecida.

#### 4.6 SELEÇÃO VISUAL

A seleção visual foi realizada no dia 26 de abril de 2018, sendo o último instrumento de APO a ser aplicado, porém, o mais rápido e fácil de ser executado. O instrumento foi desenvolvido para ser aplicado com as crianças, abrangendo uma faixa etária acima de 4 anos de idade, considerando que as crianças abaixo dessa idade ainda não teriam capacidade para compreender o objetivo da atividade, gerando então um resultado duvidoso.

A aplicação do instrumento teve como objetivo compreender se o CAP infantil é considerado por seus usuários sua moradia, um local de acolhimento, ou então, apenas um espaço de passagem, compreendendo outros locais como a sua casa. Ou seja, verificar se as crianças possuem identidade com o lugar e se sentem pertencentes à instituição. Através de uma ficha com quatro imagens disponibilizadas, em que uma delas era o abrigo, a criança detinha

a opção de escolher a figura que para ela melhor representava sua moradia (Figura 40).

A escolha das imagens inseridas na ficha de seleção visual levou em consideração a abrangência dos tipos de habitação e o nível social dos indivíduos inseridos no abrigo. Assim, além da figura da fachada do abrigo, foi apresentada uma imagem que representasse um espaço mais simples, com casas próximas umas das outras e ausência de acabamento, outra imagem buscou abranger aqueles que residiam com seus familiares em apartamentos ou condomínios e por último a imagem de uma casa simples inserida em um bairro qualquer. A disponibilização de diferentes tipos de moradia buscou oferecer opções para que a criança tivesse a possibilidade de associar alguma imagem a sua antiga habitação, sendo sua moradia selecionada conforme sua memória e compreensão.

Tendo conhecimento do comportamento das crianças e prevendo um certo conflito e interferência dos demais, as fichas foram aplicadas individualmente, de modo que a pesquisadora pudesse explicar o que deveria ser feito e cada criança separadamente pudesse escolher a imagem que achava adequada, justificando ao final a sua escolha.



## SELEÇÃO VISUAL

Data: 26 /04/2018 Horário Inicial: 15h45min | Horário Final: 16h Pesquisadora: Bárbara Terra Queiroz | [bterra.queiroz@gmail.com](mailto:bterra.queiroz@gmail.com)

Sexo:  Feminino  Masculino Idade:

Tempo de permanência no abrigo:

Marque abaixo a imagem que melhor representa a sua moradia:



Imagem A



Imagem B



Imagem C



Imagem D

Justificativa:

Obrigada por sua colaboração! 

Figura 40: Ficha de Seleção Visual  
Fonte: Autora (2018)

A seleção visual contou com a participação de 14 crianças, variando entre meninos e meninas. Através dos resultados obtidos no instrumento, percebeu-se que a maioria das crianças reconhece o abrigo como a sua moradia (Gráfico 11), e que a fachada composta por três portões na cor azul é um elemento significativo, identificado por várias crianças. Outro elemento que contribuiu para a escolha da Imagem B pelas crianças foi a identificação do carro utilizado por elas para irem à escola e a outros locais, sendo uma das justificativas adotadas. A escolha das demais figuras como resposta ocorreu de forma aleatória, selecionadas conforme beleza ou interesse na imagem, sem uma explicação coesa. Apenas uma criança não reconheceu nenhuma das imagens como sua moradia.

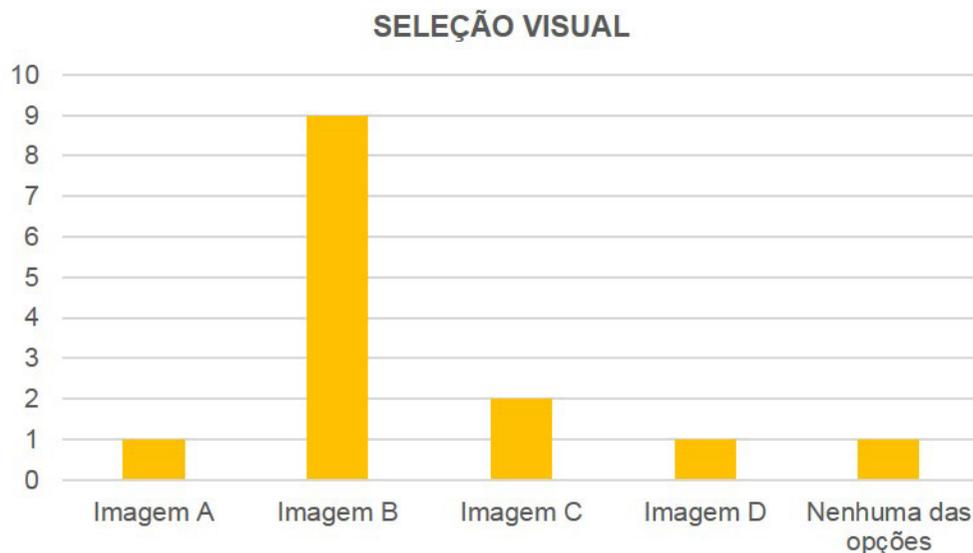


Gráfico 11: Resultado da Seleção Visual  
Fonte: Autora (2018)

#### 4.6.1 Avaliação da aplicação do instrumento

A Seleção Visual, assim como todos os outros instrumentos, cumpriu o objetivo proposto. A realização da atividade disponibilizando atenção individual a cada criança foi de grande auxílio para a obtenção de um bom resultado, acredita-se que se cada criança tivesse desenvolvido sozinha a atividade muitas teriam dúvidas e selecionariam a opção “incorreta”.

Através das justificativas apresentadas para a escolha da Imagem B, foi percebido que as crianças consideram os portões um elemento marcante da fachada da casa, sendo o primeiro elemento que identificaram na gravura. Ainda, bastante atentas, as crianças reconheceram facilmente o carro disponibilizado para atendê-las, alegando ser um objeto sempre presente na frente da edificação. Cabe ressaltar que a presença da imagem do carro no instrumento foi um equívoco para a pesquisa, sendo sua aparição justificada devido a dificuldade de fotografar a fachada sem o automóvel durante o curto período de tempo da pesquisa.

Embora a recomendação fosse que cada criança conversasse com a pesquisadora separadamente, inúmeras vezes, devido à agitação e curiosidade das demais, ocorria a aglomeração infantil em torno da atividade, o que gerava palpites e opiniões, influenciando o indivíduo abordado.

Caso tivesse existido uma outra oportunidade para repetir a aplicação do instrumento, este certamente seria apresentado sem a presença do carro na imagem do abrigo e a atividade seria aplicada em um ambiente restrito e não na sala de TV como ocorreu. De modo geral, através do resultado, constata-se que o CAP infantil é considerado um espaço importante para as crianças residentes do local, pois as mesmas conseguem remeter e reconhecer o abrigo através de uma imagem, constituindo-se em um elemento presente na memória.

#### 4.7 SÍNTESE DA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO

De modo geral, todos os instrumentos selecionados para a realização da APO cumpriram adequadamente

o seu objetivo. Através dos resultados alcançados foi percebido que o CAP infantil é um espaço em que são atribuídos sentimentos, abrangendo desde o público infantil aos funcionários da instituição. A edificação do abrigo é considerado um local no qual os usuários se sentem bem e gostam de ficar.

Através de todas as informações concedidas foi possível compreender que o CAP infantil é um ambiente dotado de apropriação e acolhimento. Embora os ambientes não se apresentem da maneira mais adequada, o trabalho em equipe associado à capacidade de tentar oferecer o melhor, com base nas condições e limitações existentes, se funde ao sentimento de satisfação do espaço. Portanto, é possível afirmar que o sentimento de satisfação obtida no abrigo não está apenas relacionado ao espaço utilizado, é também consequência das relações sociais e afetivas estabelecidas.

Desde o primeiro contato com o abrigo foi percebido que aquele era um ambiente diferente, um espaço não apenas para o acolhimento fisiológico, mas um ambiente voltado principalmente para o atendimento

das necessidades físicas e psicológicas. Em todo o período de pesquisa e através da relação constituída com os usuários, o afeto existente foi evidenciado, sendo comprovado através dos dados alcançados com cada um dos instrumentos.

A entrevista permitiu conhecer a opinião dos usuários sobre o abrigo, assim como seu ponto de vista em relação à satisfação das crianças. Em suma, todos os entrevistados compartilharam a mesma opinião, de que os espaços oferecidos não são os melhores, mas que existe um empenho geral da equipe em tentar fazer o melhor conforme as limitações existentes.

Os instrumentos aplicados com as crianças obtiveram resultados positivos. A preferência visual demonstrou que as crianças compreendem o abrigo como a sua moradia. Os mapas cognitivos demonstraram os sentimentos atribuídos aos ambientes disponibilizados, expondo os locais considerados mais afetivos e os com maior incidência de rejeição.

Mesmo que o CAP infantil seja caracterizado um local de acolhimento e apropriação por seus usuários, ainda

assim o espaço apresenta problemas, principalmente relacionados ao dimensionamento e a personalização dos ambientes. É evidente a ausência de capacidade física para atender uma grande demanda, retratados em ambientes superlotados, como o exemplo dos quartos, da sala de TV e do refeitório, que não conseguem atender adequadamente seus usos, e que, segundo os parâmetros instituídos pelo CONANDA e CNAS (2009), encontram-se inadequados. O grande número de crianças em um local pequeno implica na personalização do espaço, restringindo a capacidade individual de interferir no ambiente.

A análise *walkthrough* demonstrou que a arquitetura e seus elementos são pouco explorados, podendo ser observado na ausência de cores, texturas, formas, condições de conforto e organização espacial. Durante as análises da pesquisa e através das entrevistas e conversas informais, descobriu-se que os espaços da instituição são modificados conforme o bom senso e de acordo com as necessidades visualizadas pelos funcionários, no entanto, é interessante a possibilidade de um projeto participativo, em que todos expressem suas opiniões e se sintam parte do processo.

Por se tratar de um ambiente voltado para o atendimento de crianças, cabe ressaltar no abrigo a necessidade de disponibilizar mais espaços ricos de estímulos, que proporcionem o imaginário e o lúdico infantil, sendo atualmente oferecidos apenas o pátio 1 e o pátio 2. Na edificação é presenciada uma monotonia de cores e texturas, apresentando todos os espaços os mesmos aspectos, além disso, existe a impossibilidade de arranjos internos, caracterizados pela escassez de itens móveis ou por se apresentarem em um estado deteriorado, também limitado pelo dimensionamento dos ambientes.

A **área externa** é reconhecida por todos os usuários o melhor espaço da instituição. O local após as melhorias realizadas tornou-se um ambiente mais acolhedor, no qual as crianças gostam de ficar e realizar suas brincadeiras. No entanto, o espaço ainda assim possui um maior potencial, podendo ser mais bem trabalhado, oferecendo condições mais atrativas. O ambiente externo apresenta grande desvantagem nos períodos chuvosos, embora com a existência de áreas cobertas como a varanda e a garagem, conforme a densidade de chuva, esses espaços, por motivos de segurança, são desativados,

sendo o ambiente interno da edificação o único local disponível para o uso infantil. De acordo com os funcionários, nestes momentos a edificação se torna um verdadeiro caos devido a quantidade de pessoas inseridas e a falta de espaços disponibilizados para que as crianças possam brincar.

A **sala da coordenação** e a **sala de apoio** são dois ambientes que deveriam estar próximos um do outro, a distância entre os locais dificulta o diálogo momentâneo e a definição de decisões rápidas. Ambas as salas apresentam inadequações para a realização das atividades de trabalho, utilizadas também como depósitos, com o espaço ocupado por objetos variados, enfatizando um grande problema do abrigo; a falta de espaço e mobiliário para armazenamento.

A **sala de TV**, segundo observações e relatos, é o local mais utilizado da edificação, é o ambiente central, próximo a todos os cômodos, em uma analogia é caracterizado o coração da casa. Devido a sua pequena dimensão espacial a sala atende um número de usuários superior a suas limitações. O

espaço da sala se apresenta como um espaço vazio, devido à ausência de mobiliário, anteriormente em algumas fases da pesquisa havia a existência de um único sofá, mas conforme o uso infantil intenso ele foi deteriorado e descartado. Acredita-se que por ser um ambiente bastante utilizado a sala poderia ser configurada em um espaço mais acolhedor, com características e elementos adequados para que as crianças se sintam confortáveis e possam ter condição de alteração do espaço.

A **sala de brincar** assim como a sala de TV é um espaço vazio, com ausência de mobiliários e personalização, é o local destinado ao depósito de brinquedos. O ambiente por ser considerado um local para brincar deveria fazer uso de pinturas e cores nas paredes, estimular o imaginário infantil, além de oferecer mobiliários e objetos que permitissem as crianças a personalização do local, podendo em alguns momentos ser transformado no ambiente de estudo.

O **refeitório** é configurado como uma extensão da sala, compreendido por muitos como um ambiente

único devido a ausência de características individuais, apresentando o mesmo acabamento, separados apenas por uma bancada. O refeitório, assim como tantos outros, apresenta problemas no atendimento da demanda de usuários, o espaço e o mobiliário não conseguem atender em um único momento todas as crianças inseridas no abrigo, em função

disso adotou-se como solução horários diferentes de uso, sendo as crianças divididas em grupos e as refeições e outras atividades realizadas em etapas de acordo com o horário planejado. Ainda assim, em alguns momentos é possível presenciar crianças se alimentando sentadas no chão (Figura 41).



Figura 41: Espaço do refeitório incompatível com a demanda  
Fonte: Autora (2018)

Aqui serão retratados os **quartos** no geral, quarto feminino, masculino e berçário, pois eles apresentam características semelhantes. O maior problema relacionado aos quartos encontra-se no grande número de crianças inseridas no espaço, não dando condições do ambiente atender adequadamente a demanda, por isso, estes espaços não conseguem oferecer mobiliário para todos os usuários. Os quartos não apresentam nenhuma personalização, são condizentes com as características gerais da casa. Além disso, não são disponibilizados locais para o armazenamento de itens pessoais, ou mesmo para modificações do espaço, constituindo-se em ambientes enrijecidos, em que não é possível a intervenção do usuário (Figura 42).

Nas últimas visitas a CAP infantil o número de crianças na instituição estava bastante elevado, totalizando 26 crianças, o que para o espaço oferecido é uma quantidade inviável. Na busca por alternativas para melhorar principalmente as condições de atendimento dos quartos, foi considerada uma modificação na sala de brincar, alterando a sua função, transformando-se em um novo quarto.

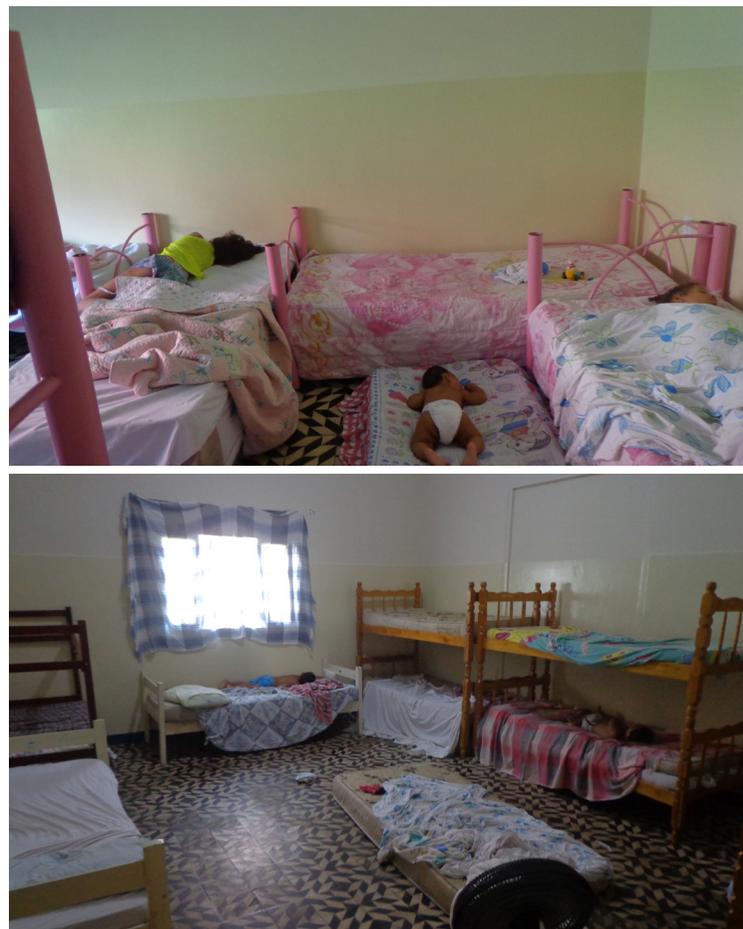


Figura 42: Problemas encontrados nos quartos do abrigo  
Fonte: Autora (2018)

O **terreno vazio** e a **área aberta restrita** são ambientes que possuem grande potencial no que se refere a melhoria dos ambientes e usos do CAP infantil. O uso destes espaços permitiria não apenas a ampliação residencial para o atendimento da demanda e adequação dos espaços do abrigo, mas também serviria como reforço da área de lazer, proporcionando mais espaços livres, oferecendo o contato com a vegetação e a adoção de práticas educativas.

Embora o CAP infantil apresente diversos problemas, foi comprovado que os usuários do espaço gostam e se sentem bem no local, no entanto, os adultos têm ciência das condições dos ambientes e das necessidades de melhorias. Desde o contato inicial com a instituição a pesquisa sempre foi bem aceita por todos os funcionários, sendo o estudo compreendido como uma fonte enriquecedora de dados para o abrigo.

Assim como as crianças, os funcionários do abrigo também estranharam a presença da pesquisadora, inicialmente apresentaram um olhar desconfiado, completamente diferente do público infantil, que em

poucos minutos já tinham se aproximado, estavam fazendo várias perguntas, pedindo presentes e querendo brincar. Foi percebido que existiu um certo desconforto em relação aos funcionários, os quais limitavam seu comportamento e palavras, principalmente no tratamento com as crianças, porém, à medida que o tempo foi passando e a presença da pesquisadora foi se tornando “comum”, os adultos começaram a ficar mais desinibidos, no entanto, em nenhum momento houve uma relação de intimidade entre os indivíduos em questão. O fato de existirem turnos de trabalho, com equipes diferentes, dificultava o contato intenso com um funcionário específico, com exceção das pessoas que trabalhavam diariamente como a assistente social, a pedagoga e a psicóloga, mas que sempre estavam ocupadas realizando suas funções de trabalho.

Em fim, este trabalho não poderia ser finalizado sem oferecer uma contribuição para o CAP infantil, portanto, serão disponibilizadas recomendações para a melhoria dos espaços oferecidos. Porém, anteriormente, será apresentada a matriz de descobertas contendo a síntese dos resultados obtidos na APO:

## REFEITÓRIO WT | ET

Possui um espaço muito pequeno e somente com o mobiliário disponível não consegue atender a demanda de todas as crianças ao mesmo tempo. Está inserido próximo a cozinha, o que facilita a distribuição de comida. Também é utilizado como ambiente de estudos.

## SALA TV WT | ET | MCG | MCP

Um dos cômodos mais utilizados da casa. Ambiente integrado ao refeitório, é o acesso principal para o interior da edificação. Espaço pequeno e sem nenhum mobiliário, as crianças assistem TV sentadas no chão. É o local onde as crianças permanecem quando não podem ir para a área externa, o que causa incomodo devido ao pouco espaço para brincar.

## SALA DE BRINCAR WT

Espaço pouco utilizado da casa, é o local onde ficam guardados os brinquedos. Não possui mobiliário. Um ambiente quente, sem ventilação artificial, embora a iluminação natural seja boa, a iluminação artificial é precária.

## WT BANHEIRO INFANTIL + P.N.E.

Possui apenas um chuveiro para atender a todas as crianças, é necessário um planejamento na hora do banho. Dispõe de sanitários com diferentes alturas para atender a todas as faixas etárias. Não possui espelho e o lavatório é alto para algumas crianças. O banheiro P.N.E. sempre se encontra entupido, as crianças jogam objetos dentro do vaso.

## WT | ET CIRCULAÇÃO

Utilizada como complemento do banheiro para dar banho nos bebês. Localizado armários com peças do vestiário infantil. Circulação larga e com intensa movimentação.

## WT | ET | MCG QUARTOS

Existe um grande número de crianças em um mesmo quarto, não há cama para todos. Falta de espaço para inserir armários. Todos os quartos possuem a mesma aparência, igualmente ao restante da casa. As crianças gostam de dormir em beliches. O ruído do quarto das meninas e do berçário atrapalham a ambos os usuários. A iluminação e ventilação mecânica não atendem satisfatoriamente.



USOS: Social/Privado

### LEGENDA:

WT - Análise Walkthrough ET - Entrevista MCG - Mapa Cognitivo MCP - Mapa Comportamental SL - Seleção Visual

## MATRIZ DE DESCOBERTAS (Uso Social/ Privado)

## SALA APOIO

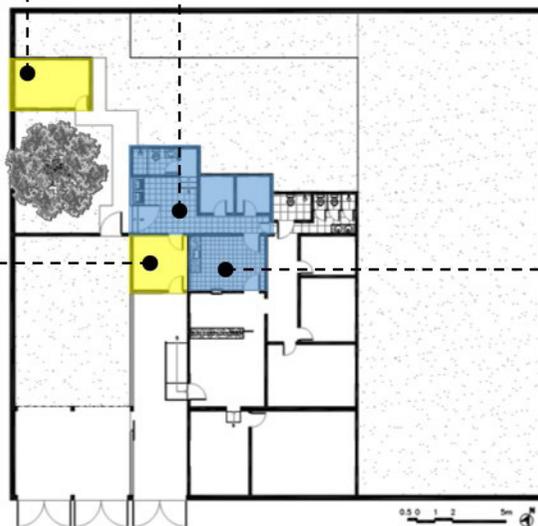
WT

Ambiente muito pequeno, foi construído devido a necessidade de ter um espaço para a equipe de apoio (Psicóloga e Assistente Social), é o único local desvinculado do restante da residência. A sala apresenta problemas em relação a iluminação e ventilação, sendo a luz existente inadequada para trabalho e o ambiente muito quente. A sala também é utilizada como espaço de armazenamento, guardando diferentes objetos/produtos.

## SALA COORDENAÇÃO

WT | ET

A sala apresenta mais aspecto de depósito do que de coordenação, assim como na sala de apoio muitos objetos e materiais são estocados no espaço. O ambiente possui ar-condicionado, porém, possui iluminação artificial ruim e o mobiliário existente para trabalho necessita ser melhorado, devido a adequação ao uso e conforto. Por não estar localizada próxima a sala de apoio existe uma reclamação em relação a necessidade de contato imediato.



USDS: ■ Serviço ■ Institucional

WT

## ÁREA DE SERVIÇO

Área grande e arejada, utilizada para entrada de mercadorias, encontra-se próxima da cozinha e das despensas, possui acesso facilitado ao interior da residência. O acesso das crianças ao local é restrito. No ambiente não existe um espaço adequado para a realização da triagem do material que chega, sendo tudo depositado no chão.

WT

## COZINHA

Com localização estratégica, possui acesso ao refeitório e a área de serviço, encontra-se bem próxima das despensas. O ambiente apresenta iluminação e ventilação insatisfatória, tanto natural quanto mecânica. A cozinha não possui armários, portanto, apresenta um grande problema em relação ao depósito de materiais de cozinha. A bancada existente é pequena e não atende adequadamente a demanda de preparo de alimentos.

### LEGENDA:

WT - Análise Walkthrough ET - Entrevista MCG - Mapa Cognitivo MCP - Mapa Comportamental SL - Seleção Visual

**MATRIZ DE DESCOBERTAS**  
**[Uso Institucional + Serviço]**

## PÁTIO 2

WT | ET | MCG

Ambiente externo que as crianças gostam de brincar, considerada uma área agradável por todos os usuários da instituição. A presença da árvore promove um ambiente confortável e a possibilidade de brincadeiras lúdicas. O acesso dos meninos é restrito no local, as meninas brincam de casinha e escolinha.

## PÁTIO 1

WT | ET | MCG | MCP

Espaço mais apreciado e utilizado pelas crianças, recentemente foi adaptado com grama artificial e disponibilizado um brinquedo. Área aberta e grande, as crianças brincam e correm o tempo todo, no entanto, em dias chuvosos não pode ser utilizada.

## GARAGEM

WT | SL | MCG

Área coberta pavimentada que fica livre para o uso infantil, é uma continuação do Pátio 1. Algumas crianças reclamam do piso cimentado que machuca. Os portões na cor azul escuro são elementos marcantes, reconhecido pelas crianças através da memória.

WT | ET

## ÁREA ABERTA RESTRITA + TERRENO VAZIO

Espaços que apresentam grande potencial mas que não são utilizados. Devido ao uso anterior, um bar, alguns espaços possuem pedaços de vidros, por isso as crianças só podem acessar o local com a presença e autorização de um adulto. O crescimento da vegetação causa incômodos, requer sempre manutenção, caso contrário ocorre a proliferação de insetos na edificação.

WT | ET | MCP

## VARANDA

Espaço com bastante movimento da casa, é o local externo que as crianças costumam brincar quando não podem ir para o Pátio 1. Área coberta, possui presença de varais, utilizada para secagem de roupas. As crianças utilizam a mureta existente para sentarem e socializarem, mas também pulam para ter acesso ao pátio caso o portão que dá acesso esteja trancado.

WT | ET

## ACOLHIMENTO E APROPRIAÇÃO

As crianças se sentem acolhidas e se apropriam dos espaços oferecidos, no entanto, os ambientes não oferecem muitas condições para isso.



USOS: ■ Lazer ■ Restrito

### LEGENDA:

WT - Análise Walkthrough ET - Entrevista MCG - Mapa Cognitivo MCP - Mapa Comportamental SL - Seleção Visual

## MATRIZ DE DESCOBERTAS [Uso Restrito + Lazer]

#### 4.8 RECOMENDAÇÕES PARA O CAP INFANTIL

Como visto em capítulos anteriores, a qualidade de um ambiente para as crianças está associado a quantidade de estímulos que o espaço oferece. Por isso, como recomendação para o abrigo, é importante

[...] dar maior atenção às características sócio-físicas dos ambientes e às relações entre estes e a criança, garantindo a ela oportunidades de contato com espaços variados, tanto construídos pelo homem quanto naturais, é uma maneira de proporcionar à infância condições plenas de desenvolvimento, gerando a consciência de si e do entorno que são provenientes da riqueza experiencial. (ELALI 2003, p. 311)

Assim, é conveniente que a edificação do abrigo disponibilize espaços com mais variedades de cores, texturas, objetos e elementos, tanto naturais quanto desenvolvidos pelo homem.

Os ambientes do CAP infantil são ambientes neutros, e podem ser considerados como espaços sem vida, incompatíveis com a imagem de um ambiente destinado ao público infantil. Todos os espaços são apresentados em uma mesma tonalidade,

sem a capacidade do reconhecimento instantâneo disponibilizado por alguma característica específica do lugar, como a cor.

Pelo uso das cores é possível definir a principal função de um edifício, e estes podem ser claros e alegres, por exemplo, transmitindo sensações de festividade ou terem um ar austero que sugerem eficiência e concentração. (AZEVEDO, 2002, p. 114)

Assim, os ambientes da instituição podem ter cores diferentes, conforme as características e funções, promovendo a diversidade dos espaços e causando expectativas distintas. Segundo Lacy (2011, p. 13), “A cor pode transformar, animar e modificar totalmente um ambiente; todos nós reagimos à cor, e atualmente é possível levá-la a todas as áreas da vida pelo uso de materiais, tecidos e tintas”. As cores podem influenciar de maneira diferente nas emoções de um indivíduo, variando conforme a intensidade, luminosidade e saturação (LACY, 2011). Portanto, a cor nos espaços do abrigo pode trazer alegria, despertar a imaginação e iluminar o ambiente, porém, a escolha das tonalidades precisa ser realizada com cautela, considerando a função de cada espaço.

No que condiz a organização dos ambientes, o abrigo apresenta pouca flexibilidade de modificação espacial, apresentando espaços enrijecidos. Através da variabilidade da organização e arranjos espaciais é possível alcançar diferentes usos do ambiente, sendo a alteração do layout um exemplo. Esta intervenção consiste em oferecer o direito de escolha, reconhecendo que cada pessoa possui necessidades específicas em relação ao espaço, enquanto umas preferem a privacidade, outras sentem-se melhor em grupos. Para tanto, é importante o CAP infantil rever seus mobiliários, dando preferência a móveis soltos, passíveis de diferentes arranjos espaciais. Além disso, é relevante considerar a escala da criança, oferecendo-os objetos com dimensões adequadas, contribuindo para que os ambientes proporcionem sensações de acolhimento, segurança e pertencimento.

Muitas são as propostas que poderiam ser oferecidas aos espaços do abrigo, mas, é reconhecido que existe uma grande limitação financeira para a execução de melhorias. Portanto, as recomendações formuladas para o CAP infantil consideraram a

restrição de recursos, sendo disponibilizadas apenas intervenções consideradas necessárias e acessíveis.

Todas as informações descritas anteriormente fazem parte de um conjunto de intervenções recomendadas para todos os espaços, a seguir serão expostas as recomendações específicas para cada ambiente conforme as características encontradas durante a pesquisa e apresentadas ao longo deste capítulo.

Revitalizar o ambiente através de diferentes cores e texturas na parede, deixando o espaço de entrada mais colorido e estimulante;

Evitar pendurar roupas nos locais de acesso a residência, por uma questão de higiene, para que seja evitada qualquer tipo de contaminação entre as pessoas;

Disponibilizar murais ou quadros inseridos na parede, de modo que as crianças possam exibir suas produções e todos possam visualizar;

Projetar no piso algumas brincadeiras - amarelinha, caracol, linhas sinuosas, percurso, jogo da velha, etc - que contribuem para o desenvolvimento cognitivo e psicomotor infantil, produzindo um ambiente restaurador;

Adaptar a cobertura com um beiral maior, para que na época das chuvas as crianças tenham a possibilidade de utilizar o ambiente. Uma outra possibilidade seria o fechamento da varanda com esquadrias móveis, mas se torna inviável devido ao alto custo.



## RECOMENDAÇÕES [Varanda]

Figura 43: Recomendações para a varanda  
Fonte: Autora (2018)

Revitalizar o ambiente através de diferentes cores e texturas na parede, deixando o espaço de entrada mais colorido e estimulante;

Projetar no piso algumas brincadeiras - amarelinha, caracol, linhas sinuosas, percurso, jogo da velha, etc - que contribuem para o desenvolvimento cognitivo e psicomotor infantil, dando continuidade ao pátio 1, contribuindo para um ambiente restaurador.



Pintar as paredes do local com cores alegres e/ou promover pinturas de imagens lúdicas no entorno;

Inserir painéis, para que as crianças possam personalizar conforme seus gostos.

## **RECOMENDAÇÕES** **[Garagem e Pátio 1]**

Figura 44: Recomendações para a garagem e o pátio 1  
Fonte: Autora (2018)

Pintar as paredes do local com cores alegres e/ou promover pinturas de imagens lúdicas no entorno;

Inserir painéis, para que as crianças possam personalizar conforme seus gostos;

Fornecer objetos adequados para que as crianças continuem a brincar de escolinha no local, como o exemplo de pequenos quadros e lousas;



Permitir a entrada dos meninos, atenuando as diferenças de gêneros, ensinando e proporcionando o uso integrado do espaço por todos;

Disponibilizar, através da existência dos galhos da árvore, balanços para que as crianças possam brincar.

## RECOMENDAÇÕES [Pátio 2]

Figura 45: Recomendações para o pátio 2  
Fonte: Autora (2018)

Melhorar o conforto térmico, inserir ventilador de teto para que o espaço fique mais fresco e arejado;

Pintar o ambiente com cores diferentes das utilizadas no refeitório, proporcionando a separação visual dos ambientes;

Inserir mobiliários móveis e confortáveis, como o exemplo de puff's e almofadas grandes, para que as crianças adaptem o ambiente conforme suas vontades;



Rever o posicionamento do aparelho de televisão, de modo que as crianças não se sintam desconfortáveis enquanto assistem aos programas e sua postura não seja prejudicada ao longo do tempo.

## **RECOMENDAÇÕES** **[Sala de TV]**

Figura 46: Recomendações para a sala de TV  
Fonte: Autora (2018)

Uma outra proposta de separação parcial do refeitório e da sala seria a instalação de um elemento divisor vazado em cima da bancada separatória existente, não prejudicando o contato visual e a circulação de ar;

Inserir cores no espaço – vermelho, laranja e amarelo – que estimulam o apetite. A cor também pode ajudar na separação visual dos ambientes, como o caso da sala e do refeitório, se ambas apresentarem diferentes tonalidades;



Oferecer mobiliário mais alegre e colorido, que proporcione segurança e acessibilidade a todas as idades. Como a sala se encontra bem próxima ao refeitório, ela poderia servir de apoio, através de mesas e cadeiras móveis, para que todos pudessem fazer as refeições no mesmo período.

## RECOMENDAÇÕES

### Refeitório

Figura 47: Recomendações para o refeitório  
Fonte: Autora (2018)

Criar um ambiente lúdico através de cores, pinturas, texturas e espelhos nas paredes. Seria interessante uma das paredes receber pintura ou revestimento que imitasse uma lousa, permitindo auxílio aos estudos e livres representações, um local específico que elas pudessem desenhar na parede;

Disponibilizar um canto para livros, para que as crianças desde de pequenas adquiram conhecimento e tenham interesse pela leitura;

Oferecer mobiliários móveis, que permitam a mobilidade e a variabilidade de usos do ambiente;

Projetar um espaço para a realização de brincadeiras e estudos;



Melhorar as condições de conforto, inserir ventilação mecânica e melhorar a iluminação, de modo a atender as funções lúdicas e de estudo.

## **RECOMENDAÇÕES**

### **Sala de Brincar**

Figura 48: Recomendações para a sala de brincar  
Fonte: Autora (2018)

Por ser um corredor com uma largura considerável, poderiam ser inseridos armários altos, que auxiliassem no armazenamento de objetos e itens de casa, sendo apenas acessado pelos adultos. Outros armários, baixos, com coisas das crianças poderiam ser também disponibilizados, para que todos tivessem acesso;

A circulação pode ser um espaço de passagem, aprendizado e brincadeiras, por isso, seria interessante criar no piso brincadeiras como amarelinha, linhas sinuosas e percurso, tornando a trajetória pelo espaço mais interessante. Além disso, nas paredes poderiam existir quadros e murais, que permitissem as crianças deixarem seus registros, fotos e produções;

## RECOMENDAÇÕES

### [Circulação]



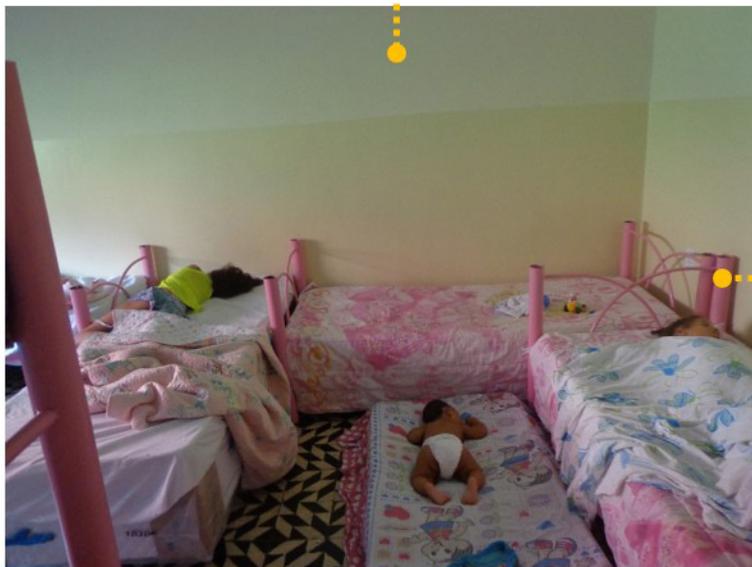
Inserir cores no espaço para tornar o ambiente mais alegre e diferencia-lo dos demais da casa.

Figura 49: Recomendações para a circulação  
Fonte: Autora (2018)

## RECOMENDAÇÕES GERAIS

Diferenciar os quartos através de cores e/ou desenhos na parede, utilizando tons claros para ambientes de descanso;

Anexar nas paredes prateleiras, quadros e murais, para que as crianças possam exibir seus objetos, registros, fotos e produções, reforçando a apropriação do espaço;



Rever o posicionamento das camas para que se possa otimizar o espaço e melhorar a organização;

Realizar o fechamento da parede até o teto, de modo a melhorar os ruídos vindos dos demais ambientes da casa.

## RECOMENDAÇÕES [Quarto Meninos e Quarto Meninas]

Figura 50: Recomendações para o quarto dos meninos e o quarto das meninas  
Fonte: Autora (2018)

Inserir armários e/ou prateleiras no alto, para que se possa ganhar espaço e guardar materiais utilizados;

Disponibilizar no ambiente apenas o que for de uso dos bebês, retirando mobiliário excedente;

Oferecer um ambiente com uma aparência mais delicada, fazendo utilização de cores suaves, que transmitam a sensação de um ambiente tranquilo e limpo;

Rever o posicionamento dos berços, para que se possa otimizar o espaço e melhorar as condições de trabalho;



Realizar o fechamento da parede até o teto, de modo a melhorar os ruídos vindos dos demais ambientes da casa.

## **RECOMENDAÇÕES** **[Berçário]**

Figura 51: Recomendações para o berçário  
Fonte: Autora (2018)

Acrescentar mais lâmpadas para melhorar a iluminação artificial do banheiro infantil;

Projetar mobiliários altos para armazenar os itens utilizados para a higienização das crianças, facilitando o serviço dos cuidadores ao realizarem suas atividades;

Disponibilizar espelhos para que a criança possa se ver, se reconhecer e se arrumar, contribuindo para o desenvolvimento do próprio eu na criança;

Trazer mais cor para o banheiro, pintar as portas, a janela, criar um ambiente colorido, mais interessante e instigante para as crianças;

Proporcionar mobiliário que permita a criança ter acesso ao lavatório e executar sozinha, sem ajuda dos demais, sua própria higienização.



## **RECOMENDAÇÕES** **[Banheiro Infantil]**

Figura 52: Recomendações para o banheiro infantil  
Fonte: Autora (2018)



Melhorar a iluminação de trabalho acrescentando mais lâmpadas ao cômodo;

Projetar armários e prateleiras, visando auxiliar no armazenamento e na organização de alimentos e utensílios de cozinha;

Distanciar a botija de gás do fogão, para que diminua a possibilidade de risco de acidente.

Projetar uma bancada de trabalho maior para que as funcionárias tenham espaço suficiente para realizar a preparação e cocção dos alimentos;

Inserir armários e prateleiras para o armazenamento de itens de uso da casa, como roupa de cama, produtos e objetos de limpeza, dentre outros;

Disponibilizar uma bancada ou mesa desmontável para auxiliar na recepção de mercadorias, otimizando a triagem e evitando o contato com o chão.



## RECOMENDAÇÕES

### [Cozinha e Área de Serviço]

Figura 53: Recomendações para a cozinha e a área de serviço  
Fonte: Autora (2018)

## RECOMENDAÇÕES GERAIS

Projetar armários e prateleiras para as salas, visando auxiliar no armazenamento e organização dos materiais;

Melhorar a iluminação de trabalho acrescentando mais lâmpadas aos espaços;

Proporcionar mobiliário adequado e confortável para a realização das atividades institucionais;

Disponibilizar um espaço apropriado no chão para o atendimento infantil, estabelecendo um contato menos formal durante as conversas.



## RECOMENDAÇÃO ESPECÍFICA

Melhorar a condição de conforto térmico da sala de apoio, inserindo ventilador de teto e/ou ar condicionado.

## RECOMENDAÇÕES [Sala Coordenação e Sala Apoio]

Figura 54: Recomendações para a sala da coordenação e a sala de apoio  
Fonte: Autora (2018)



Utilizar produtos recicláveis - pneu, garrafa pet, etc - que possibilitem a adaptação para mobiliários, brinquedos e suportes de jardinagem, para oferecer mais opções de entretenimento infantil, além de ensinar e incentivar as crianças a reutilização de produtos;

Proporcionar o contato com materiais e texturas diferentes, para que as crianças possam conhecer e experimentar sensações diversas;

Incentivar o plantio de novas árvores, favorecendo as condições de conforto e o estímulo as brincadeiras infantis.

## **RECOMENDAÇÕES**

### **[Terreno Vazio e Área Restrita]**

#### **RECOMENDAÇÕES GERAIS**

Criar uma horta junto as crianças, para que elas possam observar e compreender o processo de desenvolvimento da natureza, assim como a produção de seu próprio alimento;

Limpar o terreno e organizar a área restrita, para que as crianças possam ter acesso livre ao local e ao terreno vazio, somando espaço as demais áreas de brincadeira;

Disponibilizar parte do terreno para a criação de áreas de esporte e lazer, como mini quadras esportivas e pista de corrida, espaços que permitam as crianças se exercitarem;



Figura 55: Recomendações para o terreno vazio e a área restrita  
Fonte: Autora (2018)

As recomendações apresentadas são resultado de todas as informações obtidas ao longo desta pesquisa e da análise subjetiva da pesquisadora, sendo sua importância avaliada pelos responsáveis da instituição, podendo ser acolhidas ou não. A seguir, no próximo capítulo, serão apresentadas as considerações finais deste estudo.

“ Sinceramente, minha maior dificuldade não foi entrar na instituição, mas sim sair dela. Parecia que as crianças estavam sentindo que aquele seria o último dia da pesquisa, que não seria apenas mais um tchau.

[...]

Com uma criança agarrada na cintura, outra segurando minha perna, e uma outra na frente do portão dizendo “não vou te deixar ir embora“, foi de partir o coração.

[...]

Não gosto de pensar que acabou, não estou me despedindo para sempre, então, não é um adeus, mas sim um até breve. ”

(Trecho do diário de campo da pesquisadora)



*Considerações Finais*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que compreende as informações a respeito do acolhimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, verificou-se uma defasagem no entendimento e estudo sobre o assunto. Mesmo sendo uma prática presente há séculos no Brasil a institucionalização de menores ainda é uma realidade desconhecida por grande parcela da sociedade. O panorama atual demonstra que milhares de crianças e adolescentes encontram-se afastados de seu convívio familiar e inseridos em locais de acolhimento, pertencentes a um espaço desconhecido no qual são obrigados a se adaptar e reestabelecer seu desenvolvimento social e psicológico, independente das dificuldades encontradas.

Em meio aos contextos aos quais as crianças e adolescentes são encaminhadas às instituições de acolhimento, o espaço se apresenta como um importante mediador entre a realidade anteriormente vivida e a que será vivenciada. O ambiente construído exerce a função não apenas de se caracterizar na nova morada infantil, mas também de disponibilizar

condições para o desenvolvimento, bem-estar e proteção dos usuários.

Quando analisado o processo histórico das instituições de acolhimento percebe-se uma grande evolução. A implantação do ECA e a criação do CONANDA contribuíram para que de fato houvesse uma mudança dos paradigmas anteriormente adotados. No entanto, ainda é necessário aos espaços ganharem identidade e reconhecimento, estabelecendo-se não apenas em um local de assistência e proteção, mas configurando-se também em um ambiente de acolhimento e desenvolvimento, com características voltadas para tal.

Ainda que respaldado por normas e diretrizes referentes ao espaço ofertado, muitas instituições encontram-se providas de irregularidades, caracterizadas pela rápida adaptação de edificações já existentes, disponibilizando espaços inadequados e/ou condições ruins de usos e conforto. Visando explorar tal cenário, a presente pesquisa buscou compreender a influência da arquitetura no abrigo institucional, através de uma análise qualitativa.

O objetivo central desse estudo foi verificar como o ambiente construído dá suporte e contribui para as condições de acolhimento e apropriação no Abrigo Institucional para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Constatou-se que embora a edificação não disponha das melhores condições espaciais ainda assim os usuários se sentem pertencentes ao espaço. Através das observações e dos resultados produzidos pelas crianças observou-se que elas sentem-se acolhidas pelo local e apropriam-se dele. Embora o vínculo social afetivo não fosse um aspecto muito relevante para o desenvolvimento desta pesquisa, em que o foco se concentra na relação pessoa-ambiente, ao adentrar o CAP infantil a demonstração de afeto existente uns com os outros permaneceu notória. Assim, acredita-se que o bem-estar promovido na instituição é consequência não apenas das condições disponibilizadas pelo espaço, mas principalmente da relação mantida e dos sentimentos disponibilizados pelos funcionários para com as crianças.

Verificou-se que as crianças do CAP infantil não compreendem a edificação apenas como sua casa, elas caracterizam o espaço como o seu lar, o lugar

onde sentem-se acolhidas e felizes. Os indivíduos inseridos na instituição procuram em sua morada um lugar que atenda suas necessidades, que lhes ofereça proteção e satisfação. Embora tenha sido percebido que as crianças gostam do abrigo e sentem-se acolhidas no local, percebeu-se através das observações que o espaço oferece poucos estímulos e possibilidades de intervenção nos ambientes.

Visto que a apropriação do espaço está vinculada ao contato estabelecido com o meio, considerando sua intensidade e capacidade de atender às necessidades desejadas, compreende-se a superlotação do CAP infantil um aspecto negativo para a apropriação do espaço por seus usuários, uma vez que constatou-se que a quantidade de pessoas interfere na capacidade de personalização dos ambientes, tal como na delimitação de um espaço pessoal. Pode-se dizer que o CAP infantil é um espaço onde seus usuários se apropriam do lugar, mas, essa apropriação é consequência do significado adquirido através do uso e do tempo e não das condições adequadas disponibilizadas pelo espaço, como mobiliários, objetos pessoais, domínio e privacidade.

Foi possível concluir que as crianças em si não são seres muito exigentes com o espaço, elas possuem grande facilidade de adaptação, visto que estes indivíduos possuem a capacidade de criar seu próprio espaço em meio a situações adversas, demonstrado através do uso dos ambientes vazios ou com poucas condições oferecidas do abrigo.

Com relação aos objetivos propostos - (1) verificar a adequação dos espaços arquitetônicos oferecidos pelo Abrigo Institucional à função que se destinam; (2) verificar como ocorrem os processos de acolhimento e apropriação na instituição de acolhimento; (3) indicar diretrizes e recomendações para a melhoria da qualidade do lugar do Abrigo Institucional, considerando o espaço como um mecanismo de conforto para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade - a pesquisa respondeu de maneira satisfatória, sendo possível através das análises *in loco* e da aplicação dos instrumentos atingir todos os objetivos propostos. O maior problema constatado no abrigo está relacionado a quantidade de usuários, uma vez que a edificação oferece todos os espaços necessários, mas a superlotação influencia na

capacidade de intervenção e adequação do espaço, interferindo nos processos de acolhimento e apropriação.

Através das informações coletadas nos espaços, associadas ao referencial teórico, foi possível propor recomendações aos ambientes, visando a melhoria das condições de acolhimento e apropriação, bem como da qualidade de vida das crianças e dos adolescentes durante o período de abrigamento. No que condiz aos parâmetros instituídos pelo CONANDA e CNAS (2009), é interessante a inserção de novas informações, no qual considera-se não apenas as medidas espaciais, mas também as características oferecidas por estes ambientes. Visa-se através dessa medida tornar o espaço mais apto a realização da função de acolhimento, tornando-se um padrão para todas as instituições, não existindo diferenças entre a qualidade dos espaços oferecidos.

Com relação a pergunta inicial, a principal inquietação, “como a arquitetura pode contribuir para tornar o Abrigo Institucional um Lugar de acolhimento e apropriação para crianças e adolescentes em

situação de vulnerabilidade?”. Foi possível verificar que o ambiente semelhante a uma residência permite associação ao ambiente familiar, o que auxilia a integração dos usuários com os espaços da instituição e contribui para a formação de vínculos afetivos. Porém, acredita-se que se a arquitetura fosse mais bem desenvolvida e oferecesse ambientes com mobiliário adequado, estimulação através de cores, texturas e contato com elementos da natureza, os espaços seriam melhor aproveitados, tanto em termos de uso quanto em relação as possibilidades de desenvolvimento cognitivo, psicológico e físico dos indivíduos.

As crianças e adolescentes inseridas no acolhimento estão momentaneamente vulneráveis, se apresentam mais suscetíveis a alterações físicas, afetivas, sociais e psicológicas do meio. O ambiente físico, assim como o vínculo afetivo, é fundamental no auxílio da superação dos danos ocasionados pela institucionalização. O ambiente com aspectos familiares, semelhante a um lar, permite que as crianças levem uma vida comum e sintam-se pertencentes ao local onde estão inseridas. Conforme

os resultados gerados pela pesquisa, percebeu-se que os usuários da instituição analisada, o CAP infantil, nutrem sentimentos positivos pelo espaço, mas que, no entanto, estes não ocultam as necessidades de melhorias que se mostraram evidentes.

É importante enfatizar, de acordo com as informações concedidas pelos funcionários do abrigo, que, a disponibilização de um ambiente de qualidade para o público infantojuvenil não deve estar relacionada a vontade dos indivíduos de permanecerem no local. Visa-se através de melhorias proporcionar melhores condições para o desenvolvimento infantil e para a integração e uso dos espaços. Pois, uma instituição, a mais preparada e equipada que esteja, nunca deve ser considerada um lar permanente por seus usuários, mas sim um lar provisório. Portanto, o acolhimento não deve ser uma escolha, embora o local muitas vezes seja melhor do que os já experienciados por algumas crianças. Querer voltar para sua família ou adquirir uma nova é o melhor direcionamento. O abrigo deve ser considerado um local de passagem e não definido como o “seu” lugar.

As crianças sempre foram o principal objeto de estudo desta pesquisa, portanto, sua opinião e sentimentos pelo espaço sempre foram relevantes para a conclusão deste estudo. Os funcionários da instituição também tiveram sua contribuição ao disponibilizarem sua opinião e o cotidiano do CAP infantil. Essa pesquisa faz parte de um contexto no qual o usuário do espaço é o maior contribuinte, pois somente aqueles que utilizam o espaço possuem certeza para falar quais as melhorias a serem feitas, visto que dificilmente quem não vivencia o lugar saberá suas necessidades específicas.

Devido a presente pesquisa ser fundamentada através do contato com seres humanos e com pessoas em proteção judicial, houve uma grande dificuldade para a autorização do estudo, o que acarretou em um tempo de análise menor do que o desejável. No entanto, é entendido a cautela adotada pelo Comitê de Ética para a aprovação da pesquisa e da instituição para a liberação do acesso ao local, em ambos os casos visa-se proteger a integridade física e moral dos indivíduos envolvidos. De todo modo, acredita-se que mesmo a pesquisa tendo sido

realizada em um curto espaço de tempo, o trabalho conseguiu alcançar o objetivo proposto.

A combinação entre embasamento teórico e análises empíricas, através da metodologia de APO, permitiu a compreensão da relação ambiente-usuário existente no CAP infantil, enfatizando a existência da correlação, pois, assim como o espaço influencia os indivíduos ele também é influenciado por eles, demonstrado através das atitudes das crianças nos ambientes e com os ambientes.

O desenvolvimento do estudo permitiu a compreensão da relação estabelecida entre a criança e o espaço, porém, propiciou uma nova inquietação, agora voltada para os espaços oferecidos aos adolescentes. Sabendo que a adolescência é um período de transição importante na vida das pessoas e que estes indivíduos possuem um melhor entendimento do contexto em que vivem e de suas necessidades, questionou-se como é a relação pessoa-ambiente em locais de acolhimento para adolescentes, uma vez que suas necessidades se diferem da infância, e portanto, é interessante analisar como o ambiente

construído influência nessa fase, pois “o que experimentam nessa etapa determinará sua vida adulta” (UNICEF, 2011, p.14).

Cabe ressaltar que o presente trabalho não possui a intenção de desqualificar a instituição analisada ou tantas outras que não estejam adequadas conforme os critérios do CONANDA e CNAS (2009) ou segundo as recomendações aqui elaboradas. Muitas edificações foram aprovadas conforme a legislação existente em seus municípios e são registradas e administradas por organizações ligadas aos conselhos de direito da criança e do adolescente, não cabendo a pesquisadora fazer qualquer julgamento, sendo aqui apenas disponibilizados os dados obtidos com o conteúdo teórico apresentado e as observações realizadas.

Espera-se que esta pesquisa contribua para a melhoria da qualidade dos espaços oferecidos por Abrigos Institucionais, bem como para às discussões sobre o tema, servindo de estímulo e suporte para o desenvolvimento de novas investigações relacionadas ao abrigo. Compreende-se que o

assunto abordado não se limita aqui e tampouco se espera que todas as recomendações disponibilizadas sejam aceitas e colocadas em prática, uma vez que se compreende as limitações financeiras da instituição e que com o passar do tempo novas situações aparecerão, sendo necessárias novas propostas conforme as características encontradas.



*Referências Bibliográficas*

AZEVEDO, Giselle A. N. Arquitetura Escolar e educação: um modelo de Abordagem Interacionista. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro/RJ, 2002.

AZEVEDO, Giselle A. N.; BASTOS, Leopoldo Eurico. Qualidade de Vida nas Escolas: Produção de uma Arquitetura Fundamentada na Interação Usuário-Ambiente. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (Org.). Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa; PROARQ, 2002.

AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P. A. A Abordagem Experiencial e a Observação Incorporada e suas aplicações na APO. Fortaleza: Entac, 2008.

BITTENCOURT, Leonardo. Meu, dele ou de outros? Especulações sobre o desejo no projeto arquitetônico. In: AMORIM, Luiz Manuel do Eirado; LEITÃO, Lúcia (Orgs.). A casa nossa de cada dia. Recife, Editora UFPE, 2007.

BLOWER, Héliide C. S. O lugar do Ambiente na Educação Infantil: Estudo de Caso na Creche Doutor Paulo Niemeyer. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei Federal 8.069/1990. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Política Nacional de Assistência Social. Brasília, 2004.

BRASIL. Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária. Brasília, 2006. Disponível em: < <http://www.mds.gov.br>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

CARVALHO, João Alberto. Espaço e Ideais: o que pode um psicanalista falar para arquitetos?. In: AMORIM, Luiz Manuel do Eirado; LEITÃO, Lúcia (Orgs.). A casa nossa de cada dia. Recife, Editora UFPE, 2007.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. Temas básicos em Psicologia Ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CONANDA; CNAS. Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. Brasília, 2009.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO (CNMP). Relatório da Infância e Juventude – Resolução nº 71/2011: Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no País. Brasília: Conselho Nacional do Ministério Público, 2013. Disponível em: < <http://www.mds.gov.br>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

COTTA, Maria Amélia de Castro. O brincar de meninas órfãs. São Carlos: Pedro e João Editores, 2014.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. A criança fala: A escuta de crianças em pesquisas. In: Cadernos de Pesquisa, Destaque Editorial, v. 39, n. 136, 2009.

DE BOTTON, ALAIN. A arquitetura da Felicidade. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (Org.). Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa; PROARQ, 2002.

DEMARTINI, Z.B.F. Infância, Pesquisa e Relatos Oraís. In: FARIA, A.L.G.; DEMARTINI, Z.B.F.; PRADO, P.D. (orgs). Por uma cultura da infância. Metodologias de pesquisa com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

DIAS, Maria Sara De Lima; DA SILVA, Rosana Soldi Briski. O histórico de institucionalização de crianças e adolescentes. Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 45, p. 177-188, Curitiba, 2012.

DUARTE, Cristiane Rose. Raízes em solo interdisciplinar. DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (Org.). Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa; PROARQ, 2002.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, R. Afeto e Lugar: A Construção de uma Experiência Afetiva por Pessoas com Dificuldade de Locomoção. In: Anais do Seminário Acessibilidade no Cotidiano. Versão em CD. Rio de Janeiro, 2004.

ELALI, Gleice Azambuja. Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar. In: Estudos de psicologia. Natal, v. 2, n. 2, 1997.

ELALI, Gleice Azambuja. Psicologia Ambiental para Arquitetos: uma experiência didática na UFRN. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (Org.). Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa; PROARQ, 2002.

ELALI, Gleice A. - O ambiente da escola: uma discussão sobre a relação escola natureza em educação infantil. Estudos de Psicologia, Vol. 8, n. 2. Natal/RN, 2003.

ELALI, G. A. Mais do que paredes: algumas considerações sobre aspectos subjetivos da habitação. in: Anais do II CTHAB, Florianópolis, 2006.

ELALI, Gleice Azambuja. Relações entre comportamento humano e ambiência: Uma reflexão com base na psicologia ambiental. Colóquio Internacional Ambiências compartilhadas: cultura, corpo e linguagem, 2009.

ELALI, Gleice Azambuja; MEDEIROS, Samia Thaís Feijó. Apego ao lugar (Vínculo com o lugar – Place attachment). In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. Temas básicos em Psicologia Ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ELALI, Gleice Azambuja; PELUSO, Marília Luiza. Interdisciplinaridade. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. Temas básicos em Psicologia Ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FUSCALDI, Solange Viegas. Filhos Sob Medida de Proteção em Abrigo: os significados construídos por suas famílias. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

GUARÁ, Isa Maria F.R. Abrigo – Comunidade de acolhida e socioeducação. in: NECA. Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação. São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2010. (Coletânea abrigar)

GÜNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice A.; PINHEIRO, José Q. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In: PINHEIRO, Jose de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut (Orgs.). Métodos de pesquisa nos estudos pessoa – ambiente. São Paulo, Casa do psicólogo, 2008.

GÜNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice A.; PINHEIRO, José Q. Multimétodos. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. Temas básicos em Psicologia Ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Diretoria de Políticas Sociais. Levantamento nacional dos abrigos para crianças e adolescentes da Rede de Serviços de Ação Continuada (SAC). Brasília, 2004.

KOWALTOWSKI, Doris Catharine Cornelie Knatz et al. A reflection on architectural design methodologies. Porto Alegre: Ambiente Construído, 2006.

KUHNEN, A.; FELIPPE, M. L.; LUFT, C. D. B.; FARIA, J. G. A importância da organização dos ambientes para a saúde humana. In: Psicologia & Sociedade. Florianópolis, v. 22, n 3, 2010.

LACY, Marie Louise. O poder das cores no equilíbrio dos ambientes. São Paulo: Pensamento, 2011.

LEITÃO, Lúcia. Entra na tua casa: anotações sobre arquitetura, espaço e subjetividade. In: AMORIM, Luiz Manuel do Eirado; LEITÃO, Lúcia (Orgs.). A casa nossa de cada dia. Recife, Editora UFPE, 2007.

LIMA, Mayumi Souza. A Cidade e a Criança. São Paulo: Nobel, 1989.

MARCÍLIO, M.L. História social da criança abandonada. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARTINS, Valéria Roma; OLIVEIRA, Vanessa Barbosa de; CASTRO, Rodrigo Gomes de; NEVES, Elaine Moreira; AZEVEDO, Giselle Arteiro N.; RHEINGANTZ, Paulo Afonso., TÂNGARI, Vera. Observando a qualidade do lugar no pátio escolar: E. M. Estados Unidos e E. M. Gonçalves Dias. In: AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P.A., TÂNGARI, V. (ORGS). O lugar do Pátio Escolar no Sistema de Espaços livres: Uso, Forma, Apropriação. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. Temas básicos em Psicologia Ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NECA. Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação. São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2010. (Coletânea abrigar)

NECA. Novos rumos do acolhimento institucional. São Paulo: NECA - Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente, 2010.

NEVES, Maria Laura; ANGELO, Lu. Toda Forma de Amor. Marie Claire Brasil, São Paulo, n 314, p. 72-81, maio 2017.

OLIVEIRA, Rita de Cassia. A história começa a ser revelada: panorama atual do abrigamento no Brasil. In: NECA. Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação. São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2010. (Coletânea abrigar)

OKAMOTO, Jun. Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação. São Paulo: Mackenzie, 2002.

ORNSTEIN, S. W. Ambiente construído & comportamento: avaliação pós-ocupação e a qualidade ambiental. São Paulo: Nobel, 1995.

ORNSTEIN, S e ROMERO, M. Avaliação pós-ocupação do ambiente construído. São Paulo: Studio Nobel/Edusp, 1992.

ORNSTEIN, Sheila Walbe; ROMÉRO, Andrade. Avaliação Pós-Ocupação: métodos e técnicas aplicados à habitação social. Porto Alegre: ANTAC, 2003.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. A psicologia da criança. 16ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1999.

POL, E. La apropiación del espacio. In: L. Íñiguez y E. Pol (Eds.), Cognición, representación y apropiación del espacio. Colección Monografies Psico-Socio Ambientals (vol. 9, pp. 45-62). Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, 1996. (Original, 1994, en Familia y Sociedad, 12, 233-249).

PRINCESWAL, Marcelo. O direito à convivência familiar e comunitária sob o paradigma da proteção integral. In: Levantamento nacional das crianças e adolescentes em serviço de acolhimento. São Paulo: Hucitec, 2013.

PROSHANSKY, H. M. The City and Self-Identity. *Environment and Behavior*, 1978.

PROSHANSKY, H. M.; FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. Place-identity: physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*, 1983.

RAPPAPORT, Clara Regina. Modelo Piagetiano. In: RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner Rocha; DAVIS, Claudia. *Psicologia do Desenvolvimento. Teorias do desenvolvimento*. Vol. 1. São Paulo: EPU, 1981.

REZENDE, Antonio Paulo. *Acasanosadecadadia: metáforas e histórias pós modernidade*. In: AMORIM, Luiz Manuel do Eirado; LEITÃO, Lúcia (Orgs.). *A casa nossa de cada dia*. Recife, Editora UFPE, 2007.

RHEINGANTZ, Paulo A.; AZEVEDO, Giselle; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise; QUEIROZ, Mônica. *Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: FAUFRJ (Coleção PROARQ), 2009.

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2004.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. *A Arte de Governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil*. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RUIVO, Katia Regina. Percepção de espaços abertos de duas escolas públicas após a aplicação de método de design participativo. Dissertação (Mestrado). UFRGS, 2008.

RYBCZYNSKI, Witold. Casa: pequena história de uma ideia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SAFRA, G. A po-ética da clínica contemporânea. São Paulo: Idéias e Letras, 2004.

SANSOT, P. Poétique de la Ville. Paris: Armand Colin, 1996.

SAVI, Aline Eyng. Abrigo ou lar? Um olhar arquitetônico sobre os abrigos de permanência continuada para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Dissertação (Mestrado). Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SCHMID, Aloísio Leoni. A IDÉIA DE CONFORTO: reflexões sobre o ambiente construído. Curitiba: Pacto Ambiental, 2005.

SOMMER, Robert. Espaço pessoal. São Paulo. EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

TITMAN, W. Special Places; Special People. The hidden curriculum of school grounds. Dorking-UK, 1994.

TRANCIK, Anika M.; EVANS, Gary W. Spaces Fit for Children: Competency in the Design of Daycare Center Environments. In: Children's Environments. Colorado, v. 12, n. 03, 1995. p. 311-319. Disponível em: <<http://www.colorado.edu/journals/cye>>. Acesso em 05 Abr. 2017.

TUAN, Yi-fu. Espaço & Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1980.

UNICEF. O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades / Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília, DF: UNICEF, 2011.

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas IV. Madrid: Visor, 1986.

WEBER, L.N.D. Abandono, institucionalização e adoção no Brasil: problemas e soluções. O Social em Questão, 2005.





*Apêndice*



## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “**Qualidade do lugar em Abrigo Institucional da Grande Vitória-ES: Casa de Acolhimento Provisório infantil**”. Nesta pesquisa, pretende-se verificar como o ambiente construído do Abrigo Institucional ajuda e contribui para as condições de acolhimento e apropriação de seus usuários, nesse caso, as crianças que ali residem.

O motivo de se pesquisar esse assunto é demonstrar a influência e a importância que os espaços oferecidos pelos Abrigos Institucionais tem na vida das crianças e adolescentes que se encontram abrigados e estão em situação de vulnerabilidade. Além disso, a falta de pesquisas relacionadas a arquitetura dessas instituições fez com que este estudo fosse proposto, de modo a ajudar futuramente no desenvolvimento de novas pesquisas e projetos futuros relacionados à qualidade arquitetônica dos abrigos.

Como esta pesquisa busca saber a opinião dos usuários do abrigo, e como o estudo envolve a opinião de crianças, serão adotados como procedimentos recursos simples que envolve a produção de desenho ou texto, onde a criança poderá demonstrar os espaços que mais gosta e que menos gosta na instituição; através da apresentação de imagens também será possível da criança escolher o local que ela considera sua moradia; haverá conversas informais com as crianças de modo a obter suas opiniões e permitir que elas se expressem livremente, demonstrando seus sentimentos e anseios. Além desses trabalhos realizados com as crianças, serão feitas entrevistas com os adultos, funcionários e visitantes, buscando obter também sua opinião sobre o abrigo e os espaços oferecidos. A pesquisadora analisará alguns ambientes, observando como são os usos daquele espaço e como os usuários se comportam no local. A pesquisa busca contribuir para o bem-estar das pessoas e melhorar os espaços dos abrigos, considerando as necessidades e desejos de seus usuários.

Devido a presença de um desconhecido, a pesquisadora, no cotidiano dos usuários do abrigo fica esclarecido os riscos decorrentes dessa pesquisa, que podem ser alterações comportamentais, alterações emocionais, sensação de perda associada a ausência dos familiares, lembranças desagradáveis e sensação de invasão de privacidade. Embora o incomodo necessário causado para obter informações para o desenvolvimento da pesquisa, a mesma contribuirá para identificar e analisar melhorias para os espaços, buscando o bem-estar de seus usuários. Será também possível através da pesquisa difundir o assunto relacionado a arquitetura das instituições de acolhimento, auxiliando a produção de novos trabalhos e projetos futuros relacionados à qualidade dos espaços desses locais.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a). A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr.(a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “Qualidade do lugar em Abrigo Institucional da Grande Vitória-ES: Casa de Acolhimento Provisório infantil”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinada e rubricada por mim e pela pesquisadora e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Vitória, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

---

Assinatura do (a) Participante

---

Assinatura da Pesquisadora

**Nome do Pesquisador Responsável:** Bárbara Terra Queiroz

**Endereço:** Av. Pedro Calmon, 550/sl. 433, Prédio da Reitoria, Ilha do Fundão

**CEP:** 21941-590 / Rio de Janeiro-RJ

**Fone:** (xx) xxxx-xxxx

**E-mail:** bterra.queiroz@gmail.com

“Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP HUCFF/FM/UFRJ

Endereço: R. Prof. Rodolpho P. Rocco, n.º 255, 7º andar, Ala E - Cidade Universitária/Ilha do Fundão CEP: 21.941-913 / Rio de Janeiro-RJ

Tel. (21) 3938-2480 / Fax: (21) 3938-2481 - Horário de funcionamento: 08h às 16h, de 2ª f. a 6ª f.

Email: cep@hucff.ufrj.br



## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** **(Responsável pelo menor)**

O menor \_\_\_\_\_, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “**Qualidade do lugar em Abrigo Institucional da Grande Vitória-ES: Casa de Acolhimento Provisório infantil**”. Nesta pesquisa, pretende-se verificar como o ambiente construído do Abrigo Institucional ajuda e contribui para as condições de acolhimento e apropriação de seus usuários, nesse caso, as crianças que ali residem.

O motivo de se pesquisar esse assunto é demonstrar a influência e a importância que os espaços oferecidos pelos Abrigos Institucionais têm na vida das crianças e adolescentes que se encontram abrigados e estão em situação de vulnerabilidade. Além disso, a falta de pesquisas relacionadas a arquitetura dessas instituições fez com que este estudo fosse proposto, de modo a ajudar futuramente no desenvolvimento de novas pesquisas e projetos futuros relacionados à qualidade arquitetônica dos abrigos.

Como esta pesquisa busca saber a opinião dos usuários do abrigo, e como o estudo envolve a opinião de crianças, serão adotados como procedimentos recursos simples que envolve a produção de desenho ou texto, onde a criança poderá demonstrar os espaços que mais gosta e que menos gosta na instituição; através da apresentação de imagens também será possível da criança escolher o local que ela considera sua moradia; haverá conversas informais com as crianças de modo a obter suas opiniões e permitir que elas se expressem livremente, demonstrando seus sentimentos e anseios. Além desses trabalhos realizados com as crianças, serão feitas entrevistas com os funcionários buscando obter também sua opinião sobre o abrigo e os espaços oferecidos. A pesquisadora analisará alguns ambientes,

observando como são os usos daquele espaço e como os usuários se comportam no local. A pesquisa busca contribuir para o bem-estar das pessoas e melhorar os espaços dos abrigos, considerando as necessidades e desejos de seus usuários.

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, ele tem assegurado o direito à indenização. Ele será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. O (A) Sr. (a), como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A participação dele é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a). A pesquisadora irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação.

Devido a presença de um desconhecido, a pesquisadora, no cotidiano dos usuários do abrigo, fica esclarecido os riscos decorrentes dessa pesquisa, que podem ser alterações comportamentais, alterações emocionais, sensação de perda associada a ausência dos familiares, lembranças desagradáveis e sensação de invasão de privacidade. Embora o incomodo necessário causado para obter informações para o desenvolvimento da pesquisa, a mesma contribuirá para identificar e analisar melhorias para os espaços, buscando o bem-estar de seus usuários. Será também possível através da pesquisa difundir o assunto relacionado a arquitetura das instituições de acolhimento, auxiliando a produção de novos trabalhos e projetos futuros relacionados à qualidade dos espaços desses locais.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável, por um período de 5(cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida ao Sr. (a).

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_, responsável pelo menor \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos

objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinada e rubricada por mim e pela pesquisadora e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Vitória, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

---

Assinatura do (a) Responsável

---

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

**Nome do Pesquisador Responsável:** Bárbara Terra Queiroz

**Endereço:** Av. Pedro Calmon, 550/sl. 433, Prédio da Reitoria, Ilha do Fundão

**CEP:** 21941-590 / Rio de Janeiro-RJ

**Fone:** (xx) xxxx-xxxx

**E-mail:** bterra.queiroz@gmail.com

“Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP HUCFF/FM/UFRJ

Endereço: R. Prof. Rodolpho P. Rocco, n.º 255, 7º andar, Ala E - Cidade Universitária/Ilha do Fundão CEP: 21.941-913 / Rio de Janeiro-RJ

Tel. (21) 3938-2480 / Fax: (21) 3938-2481 - Horário de funcionamento: 08h às 16h, de 2ª f. a 6ª f.

Email: cep@hucff.ufrj.br



**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**(10-12 anos)**

Olá, tudo bem? Eu me chamo Bárbara Terra, sou pesquisadora e estou te convidando para participar da minha pesquisa chamada **“Qualidade do lugar em Abrigo Institucional da Grande Vitória-ES: Casa de Acolhimento Provisório infantil”**. Os responsáveis por você permitiram que você participe.

Esta pesquisa será feita para saber como os espaços do seu abrigo te ajudam a se sentir acolhido e protegido, e também para saber os locais que você mais gosta e usa na casa.

As crianças que moram com você irão participar desta pesquisa, mas somente quem tem de 3 a 12 anos de idade. As pessoas que cuidam de você também irão participar, mas será de maneira diferente.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita no seu abrigo, onde você e seus amigos irão desenhar ou escrever sobre os espaços que mais gostam e que menos gostam na casa, você também irá ver algumas imagens de casas e terá que escolher qual acha que é a sua. Para isso, será usado folhas, lápis de cor e canetinha. A pesquisadora estará sempre no abrigo, por isso ela sempre irá observar você e seus amigos enquanto vocês realizam as suas atividades. A pesquisa é considerada segura, não será utilizado nenhum material que possa lhe machucar, mas é possível ocorrer algumas alterações no seu comportamento, você pode se sentir feliz, triste, ou com raiva, pode sentir saudade dos seus familiares, ter lembranças ruins e se sentir sem privacidade. Caso aconteça algo errado, você pode falar com a pesquisadora Bárbara pelo telefone (xx) 9xxxx-xxxx.

Mas há coisas boas que podem acontecer, a pesquisa vai poder ajudar a melhorar os espaços que você utiliza, de acordo com as necessidades e os desejos das pessoas que vivem junto com você, buscando o bem-estar de todos que utilizam o local.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

Quando a pesquisa for finalizada você poderá ver o resultado. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Qualquer coisa o meu telefone também está anotado na parte inferior deste texto.

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “Qualidade do lugar em Abrigo Institucional da Grande Vitória-ES: Casa de Acolhimento Provisório infantil”.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou todas as minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis.

Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento assinado e rubricado por mim e pela pesquisadora e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Vitória, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

---

Assinatura do (a) menor

---

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

**Nome do Pesquisador Responsável:** Bárbara Terra Queiroz

**Endereço:** Av. Pedro Calmon, 550/sl. 433, Prédio da Reitoria, Ilha do Fundão

**CEP:** 21941-590 / Rio de Janeiro-RJ

**Fone:** (xx) xxxx-xxxx

**E-mail:** bterra.queiroz@gmail.com

“Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP HUCFF/FM/UFRJ

Endereço: R. Prof. Rodolpho P. Rocco, n.º 255, 7º andar, Ala E - Cidade Universitária/Ilha do Fundão CEP: 21.941-913 / Rio de Janeiro-RJ

Tel. (21) 3938-2480 / Fax: (21) 3938-2481 - Horário de funcionamento: 08h às 16h, de 2ª f. a 6ª f.

Email: cep@hucff.ufrj.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

## TERMO DE ASSENTIMENTO

(3-9 anos)



Qualidade do lugar em Abrigo  
Institucional da Grande Vitória-ES:  
Casa de Acolhimento Provisório infantil

PESQUISADORA: BÁRBARA TERRA QUEIROZ

Olá!

Meu nome é **BÁRBARA**, eu sou **PESQUISADORA**



Eu estou convidando você para fazer parte da minha pesquisa, ela se chama **"Qualidade do lugar em Abrigo Institucional da Grande Vitória-ES"**. Vou te explicar como será e você me responde se aceita ou não aceita participar.

As crianças que irão participar desta pesquisa têm de 3 a 12 anos de idade e moram aqui neste abrigo.

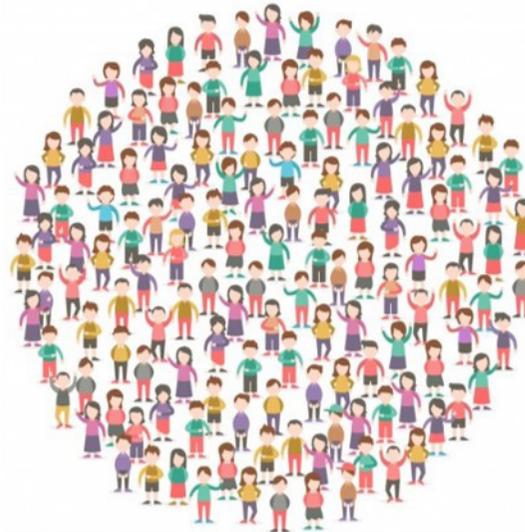
Os seus responsáveis permitiram a sua participação, mas não precisa participar se não quiser. Se aceitar agora e depois quiser desistir não terá problema.

Esta pesquisa será feita para saber como os espaços do seu abrigo te ajudam a se sentir acolhido e protegido, e também para saber os locais que você mais gosta e usa na casa.



É muito importante para a pesquisa ter a opinião de todos do abrigo, por isso as pessoas que cuidam de você também irão participar.

Cada pessoa irá participar de uma maneira diferente.



**FIQUE SABENDO:  
VOCÊ É A PESSOA MAIS IMPORTANTE DESSA PESQUISA!**

Para fazer a pesquisa vou precisar da sua ajuda, por isso eu gostaria que você fizesse algumas atividades. Prometo que será rápido e bem legal!

Serão duas atividades e elas serão realizadas aqui no abrigo.



Na primeira atividade você vai fazer dois desenhos diferentes, um é do lugar que você mais gosta no abrigo e o outro é o lugar que você menos gosta no abrigo. Se preferir pode escrever também.

Na segunda atividade você vai olhar diferentes imagens e vai escolher a que você acha que é a sua casa.

Não se preocupe, a pesquisadora Bárbara vai está sempre com você, qualquer dúvida você pode perguntar a ela.



E sabe o que é melhor? Para que tudo fique bem bonito você irá usar um papel personalizado, lápis de cor e canetinha.

Essa pesquisa não tem perigo, ninguém quer que aconteça nada com VOCÊ!

Mas, pode acontecer que no decorrer da pesquisa você tenha algumas alterações no seu comportamento.



Pode ficar  
FELIZ



Pode ficar  
TRISTE



Pode sentir  
RAIVA



Pode sentir  
SAUDADES



Pode se  
sentir sem  
PRIVACIDADE

Por causa da pesquisa podem acontecer coisas boas.



**PODEM OCORRER MELHORIAS NO LOCAL ONDE VOCÊ MORA.**

Tem alguma coisa que você gostaria de melhorar?  
Quando a pesquisadora for conversar com você fale a ela o que você acha.

As atividades e anotações produzidas na pesquisa serão analisadas e guardadas.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa. Somente você, a pesquisadora e seus responsáveis saberão da sua participação.

Quando a pesquisa for finalizada você poderá ver o resultado.



Os resultados da pesquisa vão ser publicados, outras pessoas saberão sobre o abrigo e poderão ajudar a melhorar o local.

Se você tiver alguma dúvida você pode perguntar a pesquisadora pessoalmente ou você pode entrar em contato com ela.

bterra.queiroz@gmail.com  
E-MAIL



FACEBOOK  
Bárbara Terra

TELEFONE  
(xx) 9xxxx-xxxx



CONTATOS

TODAS AS SUAS DÚVIDAS SERÃO RESPONDIDAS.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP HUCFF/FM/UFRJ  
Endereço: R. Prof. Rodolpho P. Rocco, n.º 255, 7ª andar, Ala E –  
Cidade Universitária/Ilha do Fundão CEP: 21.941-913 / Rio de Janeiro-RJ  
Tel. (21) 3938-2480 / Fax: (21) 3938-2481 - Horário de funcionamento: 08h às 16h, de 2ª f. a 6ª f. Email: cep@hucff.ufrj.br

## ASSENTIMENTO

Você aceita participar da pesquisa? Marque um "X" na sua resposta, você também pode assinar seu nome ou marcar seu polegar.

EU ACEITO

EU NÃO ACEITO



(Polegar)

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa "Qualidade do lugar em Abrigo Institucional da Grande Vitória-ES: Casa de Acolhimento Provisório infantil".

Recebi o termo de assentimento assinado por mim e pela pesquisadora e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Vitória, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

Assinatura da Pesquisadora

As imagens utilizadas no conteúdo deste documento estão disponíveis no Freepik.com  
[Projetado por Freepik]



## WALKTHROUGH - CHECKLIST

Observador (a):

Data:

Horário Inicial:

| Horário Final:

GRAU DE AVALIAÇÃO	MB MUITO BOM	B BOM	R RUIM	MR MUITO RUIM	NA NÃO SE APLICA
<b>1. ASPECTOS CONTEXTUAIS AMBIENTAIS</b>	<b>MB</b>	<b>B</b>	<b>R</b>	<b>MR</b>	<b>NA</b>
Tráfego					
Acesso					
Localização					
Paisagismo					
Qualidade do ar					
Ventilação					
Acústica					
Temperatura					
Iluminação					
<b>2. ASPECTOS ESTÉTICO-COMPOSITIVOS</b>	<b>MB</b>	<b>B</b>	<b>R</b>	<b>MR</b>	<b>NA</b>
Aparência externa					

Aparência interna					
Imagem					
Cores					
Textura					
Formas					
Proporções					
Símbolos					
Princípios compositivos					
Padronização					
Adequação dos cômodos as atividades					
<b>3. ASPECTOS PROGRAMÁTICOS FUNCIONAIS</b>	<b>MB</b>	<b>B</b>	<b>R</b>	<b>MR</b>	<b>NA</b>
Organização Espacial					
Circulações					
Acessos principais					
Acessibilidade					
Possibilidade de expansão					
Mobiliário/Layout					
Segurança					
Integração Interior/ Exterior					

<b>4. ASPECTOS COMPORTAMENTAIS</b>	<b>MB</b>	<b>B</b>	<b>R</b>	<b>MR</b>	<b>NA</b>
Apropriação dos espaços pelos usuários					
Demarcação de território					
Ambientes de Privacidade					
Satisfação dos usuários em relação ao edifício					
Atendimento a demanda de usuários					
Comportamento dos usuários em relação a edificação					
<b>5. ASPECTOS TÉCNICOS CONSTRUTIVOS</b>	<b>MB</b>	<b>B</b>	<b>R</b>	<b>MR</b>	<b>NA</b>
Manutenção/ Durabilidade					
Materiais					
Racionalidade					
Revestimento (qualidade)					
Revestimento (aparência)					
Estratégias de conforto ambiental					



## ANÁLISE DE PARÂMETROS INSTITUIDOS - CHECKLIST

Observador (a):

Data:

Horário Inicial:

| Horário Final:

Observação conforme características apresentadas no documento "Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes" do CONANDA e CNAS (2009).

Comentários:

		EM RELAÇÃO AOS AMBIENTES		A	NA
		Quartos			
		Sala de Estar ou similar			
		Sala de Jantar/Copa			
		Ambiente para estudo			
		Banheiros			
AVALIAÇÃO	A ATENDE	NA NÃO ATENDE			
EM RELAÇÃO A EDIFICAÇÃO		A	NA		
Localização				Cozinha	
Entorno				Área de Serviço	
Semelhança com residência				Área Externa	
Placa informativa				Sala Equipe Técnica	
Quantidade de crianças atendidas				Sala de Coordenação	
				Sala/ Espaço para reuniões	



## WALKTHROUGH – FICHA DE INVENTÁRIO AMBIENTAL

Observador (a): \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ Horário Inicial: \_\_\_\_\_ | Horário Final: \_\_\_\_\_

Nº de Identificação: \_\_\_\_\_ Ambiente: \_\_\_\_\_ Área: \_\_\_\_\_ Atividades realizadas: \_\_\_\_\_

<b>Térmico:</b>	Muito Quente	Quente	Confortável	Frio	Muito Frio
<b>Iluminação:</b>	Muito Escuro	Escuro	Confortável	Claro	Muito Claro
<b>Acústica:</b>	Muito Ruído	Ruído	Confortável	Silêncio	Muito Silêncio
<b>Qualidade do ar:</b>	Muito Ruim	Ruim	Confortável	Boa	Muito Boa

**CROQUI/LAYOUT:**

**Comentários:**

**Mobiliário:**

	Revestimento	Cores	Textura
<b>Piso</b>			
<b>Parede</b>			
<b>Teto</b>			



PLANTA-CHAVE



## ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: / / Horário Inicial: | Horário Final: Pesquisadora: Bárbara Terra Queiroz | [bterra.queiroz@gmail.com](mailto:bterra.queiroz@gmail.com)

Sexo:  Feminino  Masculino

Função:

Tempo de trabalho no abrigo:

Principal local de trabalho:

Quantos dias na semana frequenta o Abrigo Institucional?

Em que turno trabalha? Manhã ( ) Tarde ( ) Noite ( ) Tempo Integral ( )

Quais as principais características deste abrigo?

Pontos Positivos:

Pontos Negativos:

Qual a sua opinião sobre a qualidade dos espaços oferecidos pelo abrigo?

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

Pesquisadora: Bárbara Terra Queiroz | [bterra.queiroz@gmail.com](mailto:bterra.queiroz@gmail.com)

Qual o seu ambiente preferido? Justifique.

Indique lugares que causam desconforto. Justifique.

Você se sente pertencente à instituição? Sim ( ) Não ( )

Você acha que as crianças gostam do abrigo? Justifique.

Qual ambiente elas mais gostam?

Qual ambiente elas menos gostam? Justifique.

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

Pesquisadora: Bárbara Terra Queiroz | [bterra.queiroz@gmail.com](mailto:bterra.queiroz@gmail.com)

Você acha que as crianças se sentem acolhidas nos espaços oferecidos pelo abrigo?

O abrigo é um ambiente seguro para as crianças?

Os ambientes existentes atendem as necessidades das crianças? Justifique.

Se você pudesse melhorar para as crianças dois ambientes do abrigo, quais seriam? Justifique.

Comentários:



## MAPA COGNITIVO

Data: / / Horário Inicial: | Horário Final: Pesquisadora: Bárbara Terra Queiroz | [bterra.queiroz@gmail.com](mailto:bterra.queiroz@gmail.com)

Sexo:  Feminino  Masculino Idade:

Tempo de permanência no abrigo:

Esta Ficha poderá ser preenchida em forma de desenho ou escrita, a sua identificação não é necessária.  
Responda a seguinte sentença conforme a sua preferência:

O lugar que eu **MAIS GOSTO** no abrigo é....

Obrigada por sua colaboração! 



## MAPA COGNITIVO

Data: / / Horário Inicial: | Horário Final: Pesquisadora: Bárbara Terra Queiroz | [bterra.queiroz@gmail.com](mailto:bterra.queiroz@gmail.com)

Sexo:  Feminino  Masculino Idade:

Tempo de permanência no abrigo:

Esta Ficha poderá ser preenchida em forma de desenho ou escrita, a sua identificação não é necessária.  
Responda a seguinte sentença conforme a sua preferência:

O lugar que eu **MENOS GOSTO** no abrigo é....

Obrigada por sua colaboração! 



## MAPA COMPORTAMENTAL

Observador (a):

Data:

Horário Inicial:

| Horário Final:

Ambiente:

### Legenda:

- 👁 Observador
- ▲ Menina
- Menino
- ★ Cuidador
- Visitante
- 🔊 Barulho
- Interação
- ⋯ Briga
- > Movimentação
- Corrida
- ⏏ Atividade estática
- Atividade dinâmica

### Comentários:



PLANTA-CHAVE



## SELEÇÃO VISUAL

Data: / / Horário Inicial: | Horário Final: Pesquisadora: Bárbara Terra Queiroz | [bterra.queiroz@gmail.com](mailto:bterra.queiroz@gmail.com)

Sexo:  Feminino  Masculino Idade:

Tempo de permanência no abrigo:

Marque abaixo a imagem que melhor representa a sua moradia:



Imagem A



Imagem B



Imagem C



Imagem D

Justificativa:

Obrigada por sua colaboração!

